UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

MARCELO PUZIO

POR ENTRE AS COLUNAS POLÍTICAS: AS REPRESENTAÇÕES DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS NA IMPRENSA ESCRITA EM PONTA GROSSA – 1992/1996/2000

PONTA GROSSA/PR
2012

MARCELO PUZIO

POR ENTRE AS COLUNAS POLÍTICAS: AS REPRESENTAÇÕES DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS NA IMPRENSA ESCRITA EM PONTA GROSSA – 1992/1996/2000

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Ponta Grossa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Ciências Sociais Aplicadas, para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Marcelo Engel Bronosky

PONTA GROSSA/PR

MARÇO/2012

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Puzio,Marcelo
P994p Por entre as colunas políticas: as representações das eleições municipais na imprensa escrita em Ponta Grossa – 1995 / 1996 / 2000 / Marcelo Puzio. Ponta Grossa, 2012.
138 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Engel Bronosky.

1. Processo eleitoral – Ponta Grossa, PR. 2. Discurso político. 3. Jornalismo político. I. Bronosky, Marcelo Engel. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas. III. T.

CDD: 324. 2

TERMO DE APROVAÇÃO

MARCELO PUZIO DOS ANJOS

"POR ENTRE AS COLUNAS POLÍTICAS; AS REPRESENTAÇÕES DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS NA IMPRENSA ESCRITA EM PONTA GROSSA – 1992/1996/2000"

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Assinatura pelos Membros da Banca:

Dr. Marcelo Engel Bronoski – (UEPG) – Presidente

Dr. Luciano Victor Barros Maluly – (USP)

Dra. Cintia Xavier da Silva Pinto – (UEPG)

Dra. Carmecita de Holleben Melo Ditzel – (UEPG)

Dr. Emerson Urizzi Cervi – (UEPG) - Suplente

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer o apoio da minha família, especialmente de minha mãe e meu pai que trabalharam a vida toda para o meu melhor. Aos colegas de mestrado, e principalmente minha companheira do dia-dia, Heloísa Feijolli, que esteve ao meu lado em toda essa trajetória, me dando forças nos momentos mais difíceis.

Quero agradecer a professora Doutora Solange Ap. Barbosa de Moraes Barros, que me instruiu para a entrada no mestrado, a minha ex-orientadora da graduação Professora Doutora Carmencita de Holleben Mello Ditzel, que me convidou para estudar o tema, lá no ano de 2006.

Agradeço também ao professor Emerson Urizzi Cervi, que em suas discussões presentes no grupo de pesquisa “Comunicação, Política e Sociabilidade Contemporânea” ampliaram minha visão sobre o tema.

Por fim, agradeço em especial ao professor e orientador Doutor Marcelo Engel Bronosky, meu amigo, que com suas críticas sistemáticas, elevou esse trabalho para um lugar de tamanha complexidade. E também, me inspirou ainda mais, com sua personalidade exigente e aplicada, a dedicar-me mais aos estudos.

Obrigado a todos!

ÉPIGRAFE

“É na fertilidade de um autor, na multiplicidade de seus comentários, tendemos a ver infinitos recursos disponíveis para a criação do discurso. Mas, talvez seja impossível avaliar seu papel positivo e multiplicador sem primeiro levar em conta o seu papel restritivo e coercitivo”. (Michel Foucault)

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo geral analisar as representações construídas pelas colunas políticas sobre o processo eleitoral para prefeito, dos períodos de 1992, 1996 e 2000, na cidade de Ponta Grossa-PR. A pesquisa nesse sentido traçou uma configuração do colunismo político, e de suas estratégias discursivas de intervenção no jogo político, pode também revelar não apenas as disputas entre as forças políticas que atuavam naquele momento, mas também, as transformações e permanências do campo jornalístico local, especialmente em seu setor opinativo.

Palavras chave: Colunismo, Representação, Campo Jornalístico.

Abstract: This Study at analyzing the representations constructed by political columms on the election for mayor, the periods 1992, 1996 and 2000, the city of Ponta Grossa – PR. The research outlined in this sense a configuration colunismo political and discursive strategies of intervention in the political game, can also reveal not only the disputes between the political forces that acted at that moment, but also the changes and continuities of journalistic field site, especially in its zone opinionated.

Keywords: Columms, Representation, Jornalistic Field.

Sumário

Introdução 8

CAPÍTULO I 14
1. Alguns indicadores sobre a origem da imprensa no Brasil 14
1.1 Pensando o lugar de análise: Coluna - a trajetória de um espaço interpretativo da sociedade 22
1.2 Colunismo político brasileiro e sua configuração local 25
1.3 Um cenário que se compõe: formação e desenvolvimento da imprensa escrita em Ponta Grossa 29
1.3.1 O *Diário dos Campos* 31
1.3.2 O *Jornal da Manhã* 33
1.3.3 O *Diário da Manhã* 35

CAPÍTULO II 36
2. Reflexões sobre a política brasileira no final do século XX 37
2.1 Apontamentos sobre a configuração sociopolítica em Ponta Grossa (de 1990 a 2000) 40

CAPÍTULO III 44
3. As colunas como espaço de representações políticas 45
3.1 Jornalismo Político: trajetória de suas práticas a partir dos anos de 1990 49
3.2 A Constituição da notícia na coluna política 50
3.3 Política: uma prática publicizada 53
3.4Personalismo, clientelismo e patrimonialismo nas relações políticas/jornalísticas 55

CAPÍTULO IV 58
4. Momento eleitoral nas páginas dos jornais em Ponta Grossa: as representações das colunas *TV mídia, Expressões, Opinião* e *DC* 58
4.1 A Coluna *TV Mídia* no *Jornal da Manhã* em 1992 61
4.2 A coluna *Expressões* do Jornal da Manhã em 1992 74
4.3 A coluna *Opinião* no jornal Diário da Manhã em 1992 77
4.4 A coluna *Expressões* no *Jornal da Manhã* em 1996 85
4.5 A coluna *Opinião* no jornal Diário da Manhã em 1996 93
4.6 A coluna *Expressões* no *Jornal Da Manhã* em 2000 103
4.7 A Coluna *DC* no Jornal *Diário dos Campos* em 2000 107
4.8 A coluna *Opinião* no Jornal *Diário da Manhã* em 2000 113

Considerações Finais 122

Referência das Fontes 129

Referências 130

Tabela temporal das colunas analisadas nos respectivos Jornais: 138

Introdução

Este trabalho teve seu início no ano de 2006, período em que cursava o terceiro ano de minha graduação em História. O tema partiu das indagações presentes no grupo de estudos que participava na época, “Imprensa e Poder”, e tinha como objetivo compreender a cobertura e participação do jornalismo impresso sobre o processo eleitoral em Ponta Grossa.

A abordagem sobre o tema foi se desenvolvendo ao pesquisarmos dados sobre a conjuntura política do período e também a sua forma da cobertura jornalística. Nesse caminho, observamos uma carência de obras que abordassem com clareza essa temática, o que também se apresentava como um desafio.

Mesmo após o encerramento do grupo, prossegui com o tema, com o objetivo de qualificar o debate sobre o assunto e defini-lo como lugar de investigação de minha monografia.

Ao ingressar no mestrado, especificamos nosso olhar sobre o problema. E nos debruçamos sobre as representações das colunas, procurando não apenas vislumbrar o movimento de disputa dos grupos políticos na conjuntura política local, mas também, revelar as formas e transformações/permanências do discurso do colunismo político, ou seja, buscou-se compreender o perfil de atuação dos jornais Diário da Manhã, Jornal da Manhã e Diário dos Campos nas eleições de 1992, 1996 e 2000.

Caminhos que se entrecruzaram constantemente no decorrer do trabalho, e puderam complementar a visão sobre o mundo político e jornalístico daquele momento em Ponta Grossa.

Sendo assim, a inquietação surgiu com o intuito de perceber como se estabelecia essa relação discursiva específica, entre o mundo político em Ponta Grossa e o local determinado do jornal para a construção desse discurso, ou seja, as colunas, as quais ofereciam uma percepção elaborada sobre os fatos e acontecimentos que envolviam o mundo político.

As eleições analisadas tornam-se importantes, por serem as três primeiras após o processo de redemocratização do Brasil, sendo entendidas aqui, como um marco para a liberdade de opinião do jornalismo e das organizações sociais.

Além disso, a década de 1990 insere-se como um momento singular da política brasileira, pois nessa década intensificaram-se suas imagens através da mídia. Os comícios e práticas políticas de espaços públicos tradicionais foram substituídos por outros modos de manifestações e de contato com os eleitores, especialmente por meio da televisão, formando aquilo que se chamou de palanque eletrônico[1].

Nesse momento, a linguagem publicitária e o marketing estavam potencializando o jogo político com novos elementos para a divulgação de suas ideias, plataformas e projetos, transformando assim, sob uma nova forma, as relações entre os políticos e os eleitores.

No Brasil, após o ciclo ditatorial, a mídia, nas suas mais diferentes economias enunciativas, tem sido um ator estratégico. Isso quer dizer também que existem várias relações estratégicas, na medida em que necessariamente, as eleições reúnem, por natureza, as lógicas dos campos político, financeiro e midiático nos seus mais diferentes horizontes.

Em 1989, a primeira após o ciclo autoritário, toda a lógica de campanha eleitoral se fez em torno da forma dos processos e produtos da mídia, onde alguns especialistas chamam de espetacularização da política, ou seja, desde ali a política brasileira deixa de ser um ofício de representação, para se converter em um ofício de expressão, graças ao trabalho enunciativo da televisão. (FAUSTO NETO, 2003, p. 89).

Pensando essas características da conjuntura do início dos anos 1990, procurou-se, portanto, analisar as representações e as marcas discursivas dos colunistas políticos dos três momentos analisados, que por vezes se apresentaram na tentativa de intervir normativamente nas disputas eleitorais em questão, e fortemente no comportamento dos candidatos e eleitores.

Sendo assim, foi escolhido como recorte temporal o período de 1 de setembro a 5 de outubro, onde partimos da suposição de que esse seria o último momento antes do resultado das eleições, fase na qual se concentraria o maior esforço dos candidatos de conquistar o público de eleitores

[1]Forma alternativa de divulgação de propaganda político-partidária, realizada por meio de telões ou outros recursos audiovisuais assemelhados, de modo a prescindir da presença do candidato no palanque político.

Dentro desse recorte, especificamos também que seriam analisados apenas os dias que mencionam os políticos que concorriam a prefeito, sendo excluídos da analise os dias que comentavam fatores ligados a disputa em âmbito nacional e estadual.

Um dos estilos de colunismo encontrado e que marcou o colunismo local, foi o modelo de “colunismo personalista”, materializado pelo jornalista Adail Inglês. Como veremos, este colunista apresentou uma forma de participação em que transitava entre o campo político e o campo jornalístico, utilizando-se de capital simbólico adquirido em cada um desses campos, o que potencializava o seu poder discursivo, marcado majoritariamente pela opinião.

Entretanto, determinadas colunas também se apresentaram com características predominantemente informativas, em que o autor buscava transmitir os acontecimentos políticos já manifestados, tanto pela mídia, quanto pela própria sociedade. Visto essas duas características do colunismo local, buscaremos também compreender a coluna política, como um espaço do agir discursivo e das manifestações do imaginário do colunista.

A materialização do pensamento desses jornalistas, na coluna, assumiu grande importância, principalmente na compreensão do imaginário eleitoral de cada contexto. Segundo Bakhtin (1979, p.14): a língua é um fato social, o texto é a arena onde se confrontam valores sociais por vezes contraditórios, e refletem os conflitos de classe, ou grupos sociais. A comunicação revela conflitos, relações de poder e resistência, adaptação, utilização da línguagem para dominação.

Diante disso, no primeiro capítulo, *Alguns indicadores sobre a origem da imprensa no Brasil*: discutiremos a constituição dos espaços de organização da informação social, que se formou a partir do desenvolvimento tecnológico e do aumento da necessidade da sociedade moderna de informar-se sobre os acontecimentos do meio público, surgindo então a imprensa escrita. Esse capítulo vislumbrou o surgimento dessa estrutura comunicacional nesse cenário, aparecendo como divulgadora dos fenômenos ocorridos no meio social. Na sequência percorremos seu desenvolvimento no Brasil, em especial na cidade de Ponta Grossa.

Após refletir sobre esse contexto de formação da imprensa, sob a perspectiva conceitual de campos sociais, sistematizada originalmente por Pierre Bourdieu,

necessitou-se aproximá-los do nosso objeto específico de análise e entender sua trajetória dentro do campo jornalístico.

Nesse caminho percebeu-se que o colunismo político brasileiro surgiu como um desdobramento do colunismo social, inaugurado nas *"gossip columms"* da imprensa de referência dos Estados Unidos. Seguimos também por meio de uma apresentação da configuração do colunismo político desse período, em Ponta Grossa, onde se destacou o personalismo/paternalismo do colunista Adail Inglês.

No segundo capítulo, *Reflexões sobre a política brasileira no final do século XX*, procurou-se lançar um olhar sobre a conjuntura política e social, a partir de 1990, cenário que marca o processo de redemocratização e ampliação, em tese, da liberdade em várias esferas, dentre elas o jornalismo.

O capítulo tem como intuito apresentar uma análise conjuntural/política em Ponta Grossa, focando nos personagens políticos mais emblemáticos do período. Sujeitos que representaram, naquele momento, a disputa entre os grupos ruralistas locais e a aristocracia do governo; assistiu-se também a reconfiguração do jogo político, com o surgimento do populismo, operada por meio da figura do radialista Jocelito Canto, e também o relativo renascimento da esquerda, com o professor Péricles de Holleben Mello.

Nesse capítulo, repensar-se-á as relações paternalistas, clientelistas e patrimonialistas dos atores sociais, que possivelmente se estabeleceram entre o campo político e o jornalístico em Ponta Grossa, buscando através desses conceitos um olhar sobre a realidade sócio-histórica do momento.

Percorrido esse cenário, no qual as colunas lançaram o seu olhar, no terceiro capítulo, *As colunas como espaço da representação política*, procuraremos analisar o jornalismo político e sua produção de sentidos operada nas colunas, por meio da perspectiva conceitual do imaginário, noção debatida pelos pensadores Bronislaw Baczko e Cornelius Castoriadis, noção essa que embasou a análise apresentada.

Esse conceito foi importante para compreender como se relacionava a prática da escrita política feita pelos colunistas, e sua ligação com as simbologias que permeavam o imaginário popular em torno das eleições.

Outro conceito fundamental para entendermos a natureza mais ampla da coluna é o de representação, proposto por Chartier (1989, p.10), no qual a construção das identidades sociais são resultados de uma relação de força entre as

representações impostas pelos que detém o poder de classificar e de nomear e da resistência e ressignificação que cada comunidade produz de si mesma.

Nesse capítulo vislumbraremos a definição de notícia, para recuperarmos como se estabelece esse processo de valoração de determinadas questões em detrimento de outras, as colunas foram analisadas em suas transformações discursivas, maneiras de organizar e construir a notícia política, de certa maneira, percebeu-se a própria configuração do jornalismo político daquele momento.

O capítulo também compreenderá a forma de determinadas relações do campo político e jornalístico, sobre a ótica do personalismo, clientelismo, e patrimonialismo.

No período de 1996, o político que se tornou emblemático por essas práticas políticas, como veremos no decorrer do trabalho, foi Jocelito Canto, que conduziu sua campanha por meio de suas ajudas, as quais eram concebidas em seu programa de radio.

Outro personagem desse momento, e que melhor representa no campo jornalístico o conceito de personalismo, é o jornalista Adail Inglês. O colunista, ao deixar o *Jornal da Manhã* em 1986, cria no ano seguinte o *Diário da Manhã*, transformando-se em editor chefe, proprietário e principal colunista do veículo, além de lançar-se como candidato.

E por fim, no quarto capitulo, *Momento eleitoral nas páginas dos jornais em Ponta Grossa: as representações das colunas TV Mídia, Expressões, Opinião e DC*, revelar-se-á as simbologias criadas pelos jornalistas, sobre esses acontecimentos histórico-sociais e principalmente sobre os sujeitos políticos que atuaram nele, Apreendendo seus discursos com o objetivo de identificá-los enquanto produtos de suas intenções e posicionamentos políticos.

Veremos que na eleição de 1992, o imaginário jornalístico concentrou suas representações intensamente sobre a propaganda política feita através da televisão, porém muitas vezes revelavam-se pessimistas sobre aqueles meios. E na eleição seguinte, o colunismo político do *Jornal da Manhã* operou uma mudança de narrativa em seus textos, criando um discurso que focava no caráter informacional da notícia.

Nesse capítulo, vislumbraremos o retorno do *Diário dos Campos* em 1999, marcando a passagem de um modelo do jornalismo local, para um modelo de ampliação profissional, características que suas colunas refletiam.

Para reunir os dados que fundamentam esta pesquisa foram utilizados métodos de investigação que variaram entre pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. Necessitou-se também a utilização de entrevistas, como suporte, que auxiliassem na compreensão do contexto e da estruturação das colunas.

As entrevistas contemplaram apenas os atores do campo jornalístico local, e que estiveram envolvidos diretamente com o objeto do trabalho, ou seja, as colunas. A escolha desse recorte teve como objetivo resgatar as especificidades de seus ambientes de trabalho, suas práticas, memórias do campo político e jornalístico dos períodos. Descartando assim, as possíveis entrevistas com os políticos envolvidos, o que se desdobraria em uma nova pesquisa.

Entre os jornalistas ouvidos estão: Adail Inglês, ex-proprietário, editor chefe e colunista do *Diário da Manhã*; Edgar Hampf, antigo colunista do JM e atual assessor de comunicação da prefeitura; Altair Ramalho, ex-colunista do *Diário da Manhã*, atual colunista da *Rádio Tropical* e diretor de jornalismo da *TV Educativa* de Ponta Grossa; Eloir Rodrigues, ex-colunista do *Diário dos Campos* e atual chefe de redação do *Jornal da Manhã*; Neomil Macedo, ex-chefe de redação do *Diário da Manhã* e atual assessor de comunicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa; e por fim o professor e ex-jornalista do *Jornal da Manhã*: Emerson Urizzi Cervi.

As colunas políticas, objetos primários da análise desta pesquisa, passaram a ser pensadas como um espaço por excelência de representação valorativa, subjetiva e imaginária de um cenário político da época.

Ao se defrontar com os textos das colunas foi importante pensá-los enquanto discursos, e assim problematizá-las na perspectiva de Orlandi (2007, p.21), a qual afirma que a Análise de Discurso não se trata apenas de transmissão de informação, nem há uma linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um receptor que capta a mensagem, decodificando-a. E também não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro fala e depois o outro decodifica. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque.

Nessa perspectiva de Orlandi (2007), não depositamos nosso entendimento de que a coluna é a origem, ou pólo principal de produção de representações políticas normativas, mas sim, resultado de um constante jogo de sentidos, em que são produzidos tanto no tecido social, quanto nas estruturas de comunicação, no qual ambos trocam significações, sem linearidade.

O que veremos é a tentativa de aprender a formulação de imagens, que as colunas fizeram do processo eleitoral, imagens essas que constituíram posicionamentos políticos, visões de mundo, estereótipos, movimentos normativos e prescritivos sobre o comportamento tanto dos políticos, como dos eleitores. E que representaram um possível cenário de disputa política em Ponta Grossa.

CAPÍTULO I

1. Alguns indicadores sobre a origem da imprensa no Brasil

Neste capítulo buscaremos compreender a constituição do campo dos médias[2], entendido aqui como lugar no qual forças sociais atuam, articulando relações entre diferentes espaços, sujeitos e instituições. Para assim, localizar o contexto do surgimento da imprensa, como um importante local de mediação dos acontecimentos realizados em sociedade.

Esse espaço de mediação produzido pela imprensa construiu uma forma organizada de gerenciar os fluxos de informação, por meio de espaços especializados como a coluna, que possui uma perspectiva particular de representação dos fatos ocorridos no tecido social.

Retomando historicamente essa trajetória, percebemos que a partir do surgimento de novos campos sociais na modernidade, impôs-se à sociedade, por meio desse fenômeno, um processo de racionalização e gerenciamento da experiência coletiva.

Para Esteves (2003, p.117) a linguagem nesse novo universo social assume um papel essencial para compreender o processo de autonomização dos campos sociais e, em particular a formação de um campo dos médias como uma resposta

[2] Estaremos utilizando o termo média, de origem latina como análogo ao termo mídia, de origem anglo-saxônica.

funcional às crescentes exigências comunicacionais induzidas por outros campos sociais.

Essa nova racionalização, relacionada ao processo moderno, levou a sociedade a um conjunto de procedimentos institucionais ao nível da organização dos espaços e dos corpos. A partir daí, houve uma progressiva autonomização dos diferentes campos sociais, expressando cada qual um domínio, relativamente autônomo sobre experiência intersubjetiva e coletiva.

A partir da metade do século XIX, a modernidade se intensifica e com ela a imprensa, que se inseria nesse amplo processo de desenvolvimento, tanto tecnológico como no caso da tipografia, quanto pela melhoria das condições de comunicação e locomoção, como o sistema rodoviário, o telégrafo e o telefone, entre outros.

Em Esteves (2003, p. 16) nota-se que ao constituir-se o campo dos médias, surge concomitantemente um conjunto de novos valores, relacionados, por exemplo, à transparência das relações sociais, à liberdade na vida pública e à igualdade na participação discursiva.

Para adquirir esta autonomia e legitimidade, esse campo social necessitou atingir um nível suficiente de especialização do saber instrumental para direcionar com autoridade, publicamente reconhecida o seu saber. Ou seja, é pelo saber instrumental/discursivo que se instaurou o processo de relativa autonomização do campo dos médias, em relação a outros campos.

Segundo Rodrigues (2011, p. 15) o campo dos médias legitimou-se a medida que as demais instituições divergiram no espaço público, geradas pelos meios de comunicação de massa, prescindindo de um mediador para gerir os valores de representação e de transparência do mundo.

Com o surgimento do campo dos médias, a sociedade potencializou sua autonomia, pois gerenciou melhor o fluxo de informações, advindo dos acontecimentos sociais.

A concepção hegemônica de jornalismo, que também pode ser chamada de concepção moderna, institucionaliza-se concomitantemente com o próprio movimento civilizatório, nascido e desenvolvido na Europa desde o século XVII, e cujo modelo firma-se como padrão de vida nas sociedades ocidentais no século XIX. (GUERRA, 2008, p. 124)

Ao instituírem-se na sociedade os campos entram em um processo de procura por autonomização de seus espaços, para a formulação de suas próprias competências, regras, técnicas e éticas internas.

Na tentativa de conceituar a noção de campo dos médias, Rodrigues (2007, p. 23) aponta como campo dos médias as instituições de mediação que se instauram na modernidade, abarcando, portanto, todos os dispositivos formal ou informalmente organizados, que têm como função compor os valores legítimos divergentes das instituições que adquiriram nas sociedades modernas o direito a mobilizarem autonomamente o espaço público.

Fruto desse processo de mediação da realidade, o campo dos médias desenvolve-se no decurso de um processo contínuo, ao longo do qual o campo foi progressivamente afirmando-se e reforçando a sua legitimidade de mediador dos fenômenos sociais.

Esse processo ocorrido paulatinamente, de consolidação e legitimidade do campo dos médias consistiu no reconhecimento da competência própria do campo para selecionar e distribuir informação à sociedade, conferindo aos discursos um carácter público.

Desse processo de construção de um espaço determinado de publicização das informações da sociedade e para ela, a imprensa materializava essas características do campo dos médias.

Segundo Melo (1973, p. 28) a imprensa surgiu nos fins da Idade Média, no bojo também de algumas transformações estruturais, como por exemplo, desenvolvimento do comércio interno e aparecimento das indústrias; renascimento e expansão da vida urbana; a criação das universidades e formação de uma nova elite intelectual.

Ainda para o autor, a imprensa que veio a atender as necessidades da elite intelectual, forjada pelas universidades e pelo movimento renascentista, serviu também de suporte para o desenvolvimento das atividades da nascente burguesia comercial e industrial.

Para Melo, além das necessidades institucionais, havia a necessidade popular de obter informações e manter-se em dia com os acontecimentos da época, fenômeno que geraria a imprensa periódica, nas quais as primeiras manifestações são as *relações* e as folhas *volantes*.

Seguindo o raciocínio de Melo, após o triunfo da Revolução Burguesa, surgem, na Europa, duas formas distintas de jornalismo: a francesa apaixonada, vibrante e impetuosa, “predominando o fluxo da interpretação da realidade”, e a inglesa, racional, comedida e contida, “focando o relato dos acontecimentos”.

Observa-se então que a imprensa atendeu a crescente curiosidade e necessidade da vida urbana, profissional, política e religiosa da Europa, ou seja, consumir informação das notícias, efervescendo a sociedade pelo conteúdo circulante.

Com o passar dos anos, a imprensa formou-se como um campo específico, divulgador dos assuntos ocorridos na sociedade, e por meio do gerenciamento das informações sobre os acontecimentos.

Na análise que Bourdieu (1997, p.105) faz do campo jornalístico, a imprensa torna-se o lugar de uma lógica propriamente cultural, que se impõe aos jornalistas por meio das restrições e dos controles cruzados, onde eles impõem uns aos outros, no qual o respeito funda as reputações de honorabilidade profissional**.**

Ainda segundo o sociólogo, esse espaço determinado impõe-se aos jornalistas por meio das restrições e dos controles cruzados que eles colocam uns aos outros, no qual o respeito funda as reputações de honorabilidade profissional. Inscrita na estrutura e nos mecanismos do campo, a concorrência pela prioridade atrai e favorece os agentes dotados de disposições profissionais que tendem a colocar toda a prática jornalística sob o signo da velocidade e da renovação permanente. (BOURDIEU, 1997, p.106)

Defendendo a noção de campo social, o sociólogo expõe que os jornalistas, para poderem agir nesse campo, precisavam assimilar suas regras e acumular capital simbólico, capital esse que é adquirido de sua competência em variados campos e pela naturalização de suas regras.

Com o acúmulo de capital simbólico, forma-se aquilo a que Bourdieu chama de poder simbólico, ou seja, consiste na autoridade legítima para poder agir legalmente nesse campo, no qual as relações de força entre os agentes só se apresentam sobre a forma transfigurada de relações de sentido.

A estrutura do campo está disposta em princípios de divisão internos, em função dos quais se organizam os conflitos, as controvérsias, as competições e os limites, historicamente determinados pelo funcionamento que se impõe ao campo. Os dominantes não tem necessidade de intervir expressa e continuamente para

modificar a seu favor o funcionamento do campo, uma vez que, pela simples virtude imanente a esse funcionamento, as divisões externas do mundo social (dominantes/dominados) acham-se reconhecidas e ignoradas, ou seja, a autonomia do campo é a própria condição de sua eficácia simbólica. (PINTO, 2000, p. 81)

Inseridos nesse campo, os jornalistas participam do jogo a que esse espaço objetiva, munindo esses agentes de acordo com seus capitais simbólicos, e participando nele de acordo com suas regras internas.

Contudo, no início do século XIX, grande parte dos escritores dos jornais compreendiam-se como portadores da verdade, consideravam-se representantes de uma "elite bem pensante", formado por intelectuais, literatos, etc. Assim sendo, eles assumiam o papel de jornalistas de ofício, operando uma escrita menos objetiva e informativa, da forma como a conhecemos atualmente.

Fazer jornal nesse período era obra geralmente individual, artesanal, descontínua, de vida efêmera, muitos eram apenas panfletos, com uma só edição. Esses jornais motivavam-se por questões ideológicas e políticas, favoráveis ou contrários as autoridades e a legislação. Boa parte dos jornais compunham-se de um longo texto opinativo, características que seriam relativamente conservadas até o início do século XX.[3]

Esses jornais críticos e os semanários, que começaram a aparecer na Europa em fins do século XVIII, produziram um novo fórum de debate público. Embora essas publicações, muitas vezes, tenham surgido como jornais dedicados à crítica literária e cultural, logo se interessam por questões de importância mais social e política.

Para Thompson (1998, p. 73-74) à medida que a indústria gráfica foi se tornando mais industrializada e o mercado foi se expandindo, a sua base de financiamento começou a mudar. Enquanto os jornais do século XVII e XVIII tinham

[3]A impressa na França teve um papel preponderante na circulação das idéias, e nas discussões sobre os novos rumos de um país que ainda vivia em estado de guerra e de instabilidade política. Segundo Nelson Traquina (2004), as crescentes tiragens dos jornais corresponderam à intensa comercialização da imprensa durante o século XIX. *"Embora houvesse pessoas que, por exemplo, fizeram negócio com a venda de jornais durante a revolução francesa no fim do século XVIII, os jornais eram ainda, e, sobretudo armas na luta política" (Traquina, 2004, p.34)*, mas sem um caráter tipicamente mercadológico. É no século XIX que o novo jornalismo, chamado por Traquina (2004) de *pennypress*, será encarado como um negócio que pode render muitos lucros, apontando com objetivo fundamental o aumento das tiragens. Disponível em: (http://brgaudencio.wordpress.com/2008/01/14/o-jornalismo-no-romance-ilusoes-perdidas-de-honore-de-balzac/) Acesso em: 06/04/11.

como alvo principal um setor restrito da população mais influente e mais instruída, a indústria de jornais dos séculos XIX e XX dirigiu-se para um público cada vez mais vasto.

Na realidade social brasileira, o jornal impresso firmou-se no século XX, como um instrumento de combate político e ideológico, no qual seus proprietários abandonaram os métodos artesanais e, em consonância com os interesses ditados pelo lucro, passaram a administrar racionalmente o empreendimento.

Esses proprietários, atentos à otimização dos recursos e à constante atualização da maquinaria e material tipográfico, desenvolveram fatores essenciais para uma atividade que se desenvolvia no circuito capitalista. (DE LUCA, 2005, p. 133)

Aos poucos, o ofício de jornalista passou a ser reconhecido, pelas mesmas razões que determinam a expansão do campo do jornalismo. Segundo De Luca (2005, p. 133), houve um incremento dos correios, das estradas, das ferrovias e do telégrafo, ampliou-se gradativamente o público leitor e a circulação de informações.

Na década de 50, houve uma gradativa modernização da imprensa brasileira, como no caso do *Diário Carioca*, que constituiu uma nova forma de produção de notícias, que mesclava concisão e objetividade de fatos nos enquadramentos da notícia.

O período assistiu, por meio do *Diário Carioca*, a uniformidade gráfica, a introdução do lead e a divisão em editorias. Tudo isso advinha do ideal configurado na moderna técnica do jornalismo norte americano, o qual detinha o lema: “o máximo de informação no mínimo de espaço”. (COELHO; SILVA, 2003, p. 81)

Como visto, em meados do século XX, a estrutura dos jornais estava em processo de mudanças, do mesmo modo que as cidades, com a intensificação do comércio e da indústria, urbanizaram-se e cresceram aceleradamente. Os jornais artesanais desapareciam aos poucos, o caminho passaria a ser do modelo da organização empresarial, com divisões internas de funções e uma maior atenção ao mercado.

Nesse período, os jornais artesanais de poucas tiragens acabam saindo de cena, abrindo espaço para uma imprensa empresarial de grande porte, que transformou a notícia em um produto mercadológico.

Nesse caminhar, a televisão também se expandia pela sociedade e se transformava, reorganizando toda a distribuição de recursos de propaganda disponíveis no país.

Em meio a uma vertente tecnológica de informação no Brasil, o rádio também ocupou um lugar privilegiado no cotidiano da população brasileira. A partir da década de 1930, o rádio foi se tornando um veículo de publicidade economicamente rentável, e as emissoras tornaram-se empresas lucrativas.

Para Abreu (2002, p.38), até os anos 70, os jornais de grande circulação, a maioria deles de propriedade familiar, eram administrados diretamente pelo dono. Alguns anos depois, o poder nas empresas adquiriu outra dimensão. Essas por sua vez, constituem muitas vezes conglomerados que incluem diversos setores, como editoras, distribuidoras dos mais diversos tipos de publicações e cadeias de hotéis, empreendimentos turísticos.

Ainda para o autor, não obstante a essas mudanças a nível institucional, o perfil do jornalista também apresentou relativa mudança, a oposição romantismo x profissionalismo parece indicar que até os anos 70 os jornalistas tinham um envolvimento político e ideológico mais claro, agiam em função de valores e utopias, coisa que atualmente não ocorreria mais.

Para (Bronoski, 2011), o campo jornalístico começa a se fortalecer no país, com a exigência do diploma, a partir de 1970, surgindo uma grande quantidade de faculdades voltadas para a formação desses profissionais, visava a busca pela autonomia, frente às empresas pelas quais trabalhavam.

Esses jornais abriam-se para diversos intelectuais e literatos expressarem suas ideias e posições ideologias, porém, em decorrência desse processo de profissionalização, esses literatos começaram a se afastar e iniciaram uma participação mais esporádica, via crônica e coluna, sem integrar as redações de maneira permanente.

Com a profissionalização, ou seja, a partir da especialização e a redução do amadorismo, e ou romantismo, os intelectuais e literatos se afastaram das redações, ou passaram a ocupar lugares específicos dedicados à produção mais livre e subjetiva.

Assim, os espaços dedicados ao jornalismo informativo foram sendo ocupados paulatinamente por profissionais, muitos deles, oriundos das faculdades de jornalismo, que a partir dos anos 1970, espalharam-se pelo Brasil.

No Brasil, a partir de 1980, houve uma ampliação gradativa dessa tipografia e seus mecanismos de impressão desenvolviam-se rapidamente. Segundo as necessidades e forças do mercado globalizado, o discurso neoliberal, penetra nesse período com grande intensidade nos círculos pensantes do país e inevitavelmente em suas imprensas.

Nos locais mais industrializados do país, os jornais diários profissionalizavam-se, mantendo um caráter opinativo e de intervenção na vida pública. Esses novos métodos de impressão permitiram um aumento das tiragens, melhora da qualidade e barateamento dos exemplares, atingindo regiões brasileiras cada vez mais distantes, graças ao avanço dos sistemas de transporte, que agilizavam o processo de distribuição.

A imprensa se expande, transformando-se em um importante espaço de renovação da cultura letrada, tornando-se um foco de discussão e articulação de concepções, processos e práticas culturais que estão no meio social, difundindo projetos e produtos, aproximando o jornalismo do cotidiano da vida urbana. (DE FARIA CRUZ, 2000, p. 71)

Em Ponta Grossa, a partir de meados dos anos de 1980, surgiu o primeiro curso de jornalismo, oferecendo ao mercado outro tipo de jornalista, mais comprometido com a qualidade informativa.

Contudo, a participação da escola de jornalismo da UEPG vai ser percebida objetivamente, na década seguinte, quando os profissionais diplomados passam a ocupar o lugar dos chamados provisionados, ou seja, jornalistas que não eram diplomados, mas que obtinham junto ao sindicato de classe e ao ministério do trabalho autorização para exercer a função de jornalista.

Juntamente com essa profissionalização, que ocupou a maioria dos espaços do jornal, surgiu também a figura do especialista ou “expert” de determinada área, que operava seu discurso em um espaço específico do jornal.

Nesse sentido, a imprensa produziu suas representações mediante setores especializados que apresentavam características próprias, como nos editoriais e colunas. Esses determinados espaços ampliaram as áreas de cobertura feitas pelo jornal, e também tensionou o próprio jornalista a buscar um aprofundamento de seus conhecimentos a uma área específica.

Visto esse percurso do jornalismo, focaremos a seguir o espaço da “coluna”, através de um sobrevoo histórico e conceitual, sobre o seu surgimento e o desenvolvimento de sua forma dentro do espaço jornalístico.

1.1 Pensando o lugar de análise: Coluna - a trajetória de um espaço interpretativo da sociedade

Esse tópico procura entender a história das colunas inseridas na trajetória de constituição do campo jornalístico, repensando a formação discursiva que a originou e a distinguiu dos outros espaços do jornal.

Um dos estilos de fazer jornalismo, que se fez presente, em virtude da influência do jornalismo americano, e possivelmente de interesses de mercado, foi o jornalismo informativo.

Segundo Melo (1985, p. 15), esse estilo afigurou-se como categoria hegemônica, no século XIX, quando a imprensa norte americana acelerou seu ritmo produtivo, assumindo feição industrial e convertendo a informação de atualidade em mercadoria. A edição de jornais e revistas nos seus primórdios possuía o caráter de participação política, de influência na vida pública, transformando-se em negócio. O rádio e a TV já nasceram e se afirmaram nessa posição do contexto mercantil.

Nesse contexto, o jornal brasileiro assume o modelo americano de jornalismo, naquele momento distinguia-se em linhas bem claras de teorias de imprensa: a libertária, que é a americana; e a socialista, que é a soviética. (SILVA, 1991, p.36)

Contudo, o autor ainda aponta que no caso brasileiro houve uma apropriação específica, porque os códigos e os princípios do jornalismo americano chegaram ao Brasil como um conjunto de ideais interpostos, em momentos em que as condições de infraestrutura econômica não ofereciam condições ideais para que eles pudessem ser colocados em prática.

Assim, foram múltiplos os aspectos que fizeram do jornalismo informativo uma necessidade dentro do próprio jornalismo. Pois, para Lins da Silva, eles eram o resultado da expansão da sociedade de mercado em algumas formas: com os anúncios, ampliaram a oferta de bens de consumo e incentivavam a produção e venda desses produtos, como vendedores de informações lidas por milhares de pessoas, ajudando a construir a hegemonia cultural dos valores do livre mercado.

O processo constitui a entrada do modelo de jornalismo norte americano no Brasil. Tinha como característica principal, implantar um jornalismo mais informativo e objetivo, buscando constituir uma forma de escrita que eliminasse os adjetivos e os juízos de valor.

Segundo Pierre Bourdieu, na Europa, esse processo, que separou jornalismo moderno em opinião e informação, já começou a aparecer no início do século XVIII. Para ele, o campo jornalístico constituiu-se em torno da oposição entre os jornais, que ofereciam notícias sensacionais ou sensacionalistas, e os jornais que propunham análises e comentários, aplicados em marcar distinção com relação aos primeiros afirmando abertamente valores de objetividade. (BOURDIEU, 1997, p. 105)

Entretanto, no Brasil, o jornalismo influenciado pelo estilo norte-americano, implantou uma dissociação entre espaços de informação e opinião, que a partir disso foram se especializando, sendo diferenciados pela forma como seus conteúdos textuais eram produzidos, e nesse caminho apareceram às colunas.

Segundo Bronosky (2010, p. 30) sob essa conjuntura, alguns jornais implantaram códigos de regras, como o Diário Carioca e a Tribuna da Imprensa. Relativamente diferente dos stylebooks, adaptados por Gilberto Freyre, na década de 1930, esses códigos estavam reduzidos às questões de linguagem, esses documentos apresentam-se mais sofisticados e amplos, orientando práticas e estilos.

Já a “coluna” surgiu nesse período, através do processo de diagramação, isto é, separava em uma coluna vertical o conteúdo que não era “notícia”. No decorrer do tempo o termo coluna foi ganhando outras dimensões dentro do jornal, como as notas, mas sem perder seu caráter de opinião, mesclado com informações curtas.

Para Lustosa (1996, p. 161), as colunas podem ser classificadas em diferentes modelos. Algumas, por exemplo, trazem apenas notícias curtas, como os decálogos e seções de curtas notas ricas em informações; outras, geralmente assinadas, contemplam comentários de um tema da atualidade; há ainda aquelas que são um longo artigo sobre uma temática da especialidade do redator.

Esse espaço do jornal, juntamente com o artigo e o editorial apresentam um discurso que se distancia do tom informativo e de procura da “imparcialidade” e “impessoalidade” que o restante dos segmentos ou gêneros do jornal se propõem a apresentar.

Decorrente dessas características, as colunas políticas formam um espaço específico, no qual os discursos dos colunistas demonstram seus desejos, ideais, valores e posicionamentos políticos. Ela expressa uma linguagem de interpretação dos fatos ocorridos no meio político, podendo mesclar a informação e a opinião. Como visto, ela é um local de escrita “mais livre” e interpretativa, diferenciando-se do editorial, no qual a opinião expressa a ideia da empresa, ou da direção do jornal.

As colunas políticas podem ser pensadas também como estratégias para minimizar o impacto da opinião do jornal, porque ela traz informação junto com sua interpretação. Ela não é apenas o resumo dos principais acontecimentos do dia, mas a “explicação” íntima desses fatos, o dado que faltou ao grande noticiário e que não chegou ao conhecimento do público.

Para pensarmos a materialidade das colunas, vislumbraremos o conceito de texto de Bakhtin (1979, p. 17), para ele, o texto é um palco que a língua é vista como o cenário de um jogo de palavras, um território de confronto entre subjetividades, o embate polifônico de diferentes instâncias sociais, e de coexistência de vozes e efeitos de sentido.

Os colunistas, sujeitos que dominam uma forma específica de manifestação textual dentro do jornal, precisam de uma competência discursiva e prática para poder ocupar o espaço em questão, ou seja, os colunistas precisavam ter conhecimento e domínio do cenário político, para identificar tendências, movimentos, estratégicas emanadas do campo político, com o objetivo de antecipar, alertar, elucidar fatos e situações aos leitores.

O capital simbólico que possui o colunista advém muitas vezes de dentro da própria instituição, ou de outros campos, pois ele é o agente de confiança da direção do jornal e do público.

Para Melo (1992, p. 75), ele deve ser alguém cuja opinião é respeitada, e também que conte com dados privilegiados, que não estejam normalmente ao alcance do leitor, ele deve ser capaz, a partir de sua bagagem informativa, emitir críticas e prever possíveis desdobramentos.

Nessa definição proposta, as colunas representam com sua especificidade de comunicação, um gênero do jornalismo, aquele que expressa principalmente o caráter autoral do jornalista.

Assim, esses discursos expressos nas colunas políticas são representações do que eles acreditam ser a legítima interpretação sobre o cenário, ou seja, são lutas

pelo estabelecimento de classificações da realidade social/política. A realidade social está nesse sentido, permanentemente sendo construída por meio dessas disputas pela classificação da sociedade.

Por essa perspectiva nota-se a importância do colunista enquanto ator social, levando um determinado conteúdo ao seu leitor, dando visibilidade a certos pontos de vista e silenciando outros.

Segundo Orlandi (1996, p.133) o jornal através do colunismo, é contribuinte na formação da ideologia, sendo ela não um conteúdo, mas os mecanismos de produção dele, regida por condições de produção específica que, no entanto, aparecem como universais e verdadeiras.

1.2 Colunismo político brasileiro e sua configuração local

Para Bahia (1990, p. 107), no Brasil, o colunismo constitui-se de maneira privilegiada, pois advindo do modelo norte americano, encontrou um cenário onde os jornalistas já se utilizavam do veículo de forma personalista, e também, como um espaço para defender seu grupo político, na tentativa de construir uma legitimidade para ele no debate público.

Segundo ele, o colunismo político desdobrou-se do colunismo social, que foi inaugurado na metade do século XIX, baseado nas *gossip columms,* colunas de "fofocas", que faziam a cobertura da vida das celebridades na grande imprensa dos Estados Unidos.

A partir da modernização dos anos 1950 e 1960, iniciou-se um processo que distinguiu a função noticiosa, da função opinativa. A divisão desses gêneros coincide com uma experiência política e social que se projeta de fora para dentro do país e o insere no horizonte das sociedades de consumo. (BAHIA, 1990, p.107)

Com o passar do tempo essa consolidação dos textos curtos no jornalismo impresso brasileiro, a começar pelas colunas de notas, obedeceu a fatores mais complexos.

Para Souza (2008, p. 7), com a crise do papel dos anos 1950 em diante, a imposição de técnicas jornalísticas ao estilo norte-americano, substituição de um jornalismo político e literário por um noticiário mais objetivo e informativo, pesquisas de mercado, tendências mercadológicas, entre outros fatores. Tudo isso contou para

que o fenômeno chegasse à atualidade desse começo de século com bastante força.

Ao contrário do Estado Novo, o regime militar de 1964, mesmo com a censura prévia, não impediu a existência do colunismo político. Algumas colunas marcaram época no jornalismo brasileiro – como Castelo Branco – e gaúcho, como a de Hilário Honório, na Folha da Tarde, por motivos diferentes. (FRANZMANN, 2004, p.124)

Nota-se então que o jornalismo brasileiro desenvolvia um processo de redefinição de seus espaços e mudança na forma de organizar seu discurso. Segundo Souza (2008, p.15), a influência do mercado sobre as redações fez-se sentir de muitas maneiras. Nas últimas décadas do século XX, os jornalistas foram obrigados a produzir textos mais curtos, a escolher títulos sintéticos, a se preocupar com o uso da imagem. Segundo Abreu (2002, p.77):

> Proliferaram as colunas de notas curtas, que têm um número elevado de leitores. Passou-se a utilizar com maior intensidade recursos gráficos como tabelas, quadros e mapas. Na transmissão da notícia, foi adotado um padrão impessoal, seco, descritivo, rigoroso, no sentido de não expressar juízo de valor. Os comentários pessoais foram reservados aos artigos e às colunas assinadas.

Vemos então que o jornalismo atravessou um processo de adequação às exigências do mercado, que traduzia um novo perfil de leitores, mais atentos a matérias curtas e objetivas e que já entregasse um conjunto de opiniões sobre os fatos.

A partir da década de 1990, o colunismo político brasileiro consolida-se como um gênero, advindo de uma maior liberdade ocasionada com o processo de redemocratização.

Segundo Cruvinel (2006, p.214), esse colunismo que se expande é resultado de inovação, mas também da nova experiência democrática vivenciada. Para ela, ao tempo da ditadura, a existência e a proliferação das colunas foram contidas pelo controle do regime, pela razão óbvia de que poderiam oferecer informação mais crítica, análises questionadoras ou opiniões divergentes do pensamento autoritário.

Advindo desse processo, o colunismo torna-se o lugar do jornal que pretende “formar a opinião” do leitor, por meio de uma dada interpretação sobre determinado acontecimento político.

Estamos diante de um jornalismo de opinião, que se exerce em espaços determinados e são reservados a figuras especializadas em uma dada discussão.

Em tese, os profissionais que ocupam esses espaços precisavam ter um reconhecimento social, que envolvia experiência, conhecimento e uma respeitabilidade para emitir uma opinião sobre um assunto específico.

Nesse sentido, um dos componentes de destaque do colunismo local é o emblemático jornalista e ex-político Adail Inglês, que iniciou sua carreira em1966, no antigo jornal Diário dos Campos, escrevendo artigos de crítica ao regime militar e de apoio à *Frente Ampla*, lançada por Carlos Lacerda.

A *Frente Ampla* desapareceu, Lacerda foi cassado e o regime militar seguiu adiante, onde Adail, pelos próximos quatro anos, viu-se proibido de continuar escrevendo. Após uma experiência como bancário, voltou às atividades jornalísticas, agora no “Jornal da Manhã” como colunista, no qual ficou na redação até o ano de 1987. Foi vereador, de 1973 a 1977, e dirigiu o “Jornal da Manhã”, por duas vezes.

Um tempo mais tarde, Inglês deixa o Jornal da Manhã, e diz, “fui motivado a uma maior independência em minhas opiniões, depois de ter recebido uma certa censura no JM, eu resolvi sair dele" (INGLES, 2011)

No ano de 1987, o jornalista fundaria o *Diário da Manhã*. Em seu próprio jornal, Inglês escrevia duas colunas, *Opinião* que tratava da política institucional e partidária de Ponta Grossa, e seus principais acontecimentos. A coluna *Ponto de Vista,* que era escrita por Adail Inglês pelo pseudônimo Gonçalves de Castro, tratava dos assuntos gerais da política, levando um discurso mais informativo sobre as atividades do mandato político. E a coluna *Exclusivas*, que tratava de assuntos do dia-a-dia da política, as notas políticas.

No ano de 1992 Adail Inglês retorna ao campo político, momento em que o colunista candidatou-se a prefeitura de Ponta Grossa, onde segundo ele: “foi de maneira acidental, pois os dirigentes do PTB, na ausência de outros candidatos para apoiar nessa eleição, me escolheram para ser seu representante.” (INGLÊS, 2011)

No período eleitoral de 1992, Inglês ausentou-se da atividade de colunista do DM, assumindo o seu lugar a jornalista Vanessa Zappia. Nesse momento, o candidato eventualmente escrevia no DM, buscando criar uma sensação de neutralidade a sua campanha. Entretanto, excepcionalmente em alguns momentos,

Inglês retornava ao jornal para escrever o que pensava, mas não em sua coluna *Opinião*, e sim em outros espaços, mantendo o tom prescritivo e de opinião aguda. Com o fechamento do *Diário da Manhã*, Adail inglês transferiu-se para o colunismo político virtual, em seu próprio site.

Outro nome de destaque do colunismo político local, no período da pesquisa, foi Altair Ramalho, também jornalista do *Diário da Manhã*. Ramalho é formado em direito e jornalismo, ingressou no jornalismo político em 1970, primeiramente na televisão, no Canal 7, na época afiliada da *TV Bandeirantes*. Anos mais tarde, já estaria à frente da equipe de reportagem do jornalismo local, depois foi para o rádio e posteriormente ao *Jornal da Manhã*, no início dos anos de 1980. Com a saída de Inglês do *Jornal da Manhã*, Altair Ramalho transfere-se para o então recém-inaugurado *Diário da Manhã*, escrevendo a coluna “Revelações”.

Esses dois colunistas tinham como características comuns: construir um discurso pautado na crítica e na tomada de posição, por vezes, articulando um discurso prescritivo, que buscava acusar as deficiências de determinados candidatos, majoritariamente aqueles que não comungavam de sua visão política.

O personalismo era a marca de suas colunas, diferenciavam-se apenas no aspecto do tipo textual, no qual Ramalho criava jargões e pseudônimos para referenciar suas críticas e Inglês estava mais voltado para uma linguagem formal e clássica.

Outros dois jornalistas que compunham o colunismo político em Ponta Grossa eram Edgar Hampft e Emerson Urizzi Cervi, que trabalharam no *Jornal da Manhã* e Eloir Rodrigues, que trabalhou no *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã*.

Edgar Hampf ingressou no curso de Jornalismo em 1985, e inseriu-se no *Jornal da Manhã* em 1987, transformando-se em colunista e diretor de redação. Esse cargo foi exercido durante 20 anos, deixando-o em 2007, período em que o jornal foi vendido. Hoje, Hampf atua na área de comunicação da prefeitura de Ponta Grossa e mantém uma coluna política do site do jornal *Diário dos Campos*.

Durante sua permanência no *Jornal da Manhã*, o Hampf apresentou um discurso pautado em apresentar um menor grau de opinião e mais informação para a coluna, seus textos buscavam a objetividade, e não levar a opinião pronta e acabada ao leitor, característica amplamente antagônica a dos outros colunistas relacionados aqui. O jornalista procurava conduzir seu texto para um terreno de debate dos acontecimentos.

Eloir Rodrigues iniciou sua carreira no Jornal Tribuna do Norte, em Apucarana, no ano de 1994. Anos depois veio para Ponta Grossa, para ingressar no curso de jornalismo da UEPG. No ano de 1998, Eloir Rodrigues começa a trabalhar no Jornal da Manhã, escrevendo a coluna política “Expressões”.

Em 1999, esse mesmo grupo da Tribuna do Norte convida Eloir para participar do projeto de relançamento do *Diário dos Campos*, que estava fechado desde 1991, momento no qual Eloir deixa o *Jornal da Manhã*.

A partir desse convite, Eloir Rodrigues monta a equipe que reinauguraria o *Diário dos Campos*, gerenciando praticamente tudo: projeto gráfico, corpo de redação, além da coluna política.

Em setembro de 1999, o *Diário dos Campos* é relançado, contudo, um ano depois Eloir retorna para Apucarana como diretor de redação da Tribuna do Norte, ficando apenas um ano lá. Ao retornar para o DC, Eloir assume a área de política e torna-se secretário de redação.

No ano de 2004, retira-se para fazer mestrado, retornando para o DC somente no ano de 2006. Um ano depois, Eloir deixa o DC e se junta novamente ao grupo Tribuna do Norte, que também havia deixado o jornal, para comprar o *Jornal da Manhã*.

Já Emerson Urizzi Cervi, ingressou no *Jornal da Manhã* no período de 1996, atuando na área de reportagem política e colunismo, tornou-se editor chefe no lugar de Simone Suzin, no ano de 1997 e deixando o jornal no ano seguinte. Dedicando-se a carreira docente na Universidade Federal do Paraná e na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Depois de visto a configuração do colunismo local daquele período, analisaremos a trajetória sócio-histórica do jornalismo em Ponta Grossa, buscando um resgate, em específico, das relações com o campo político.

1.3 Um cenário que se compõe: formação e desenvolvimento da imprensa escrita em Ponta Grossa

No início de 1930, o controle da imprensa em Ponta Grossa constituía-se por uma “elite pensante” de grandes proprietários de terras, que transferiram seu capital simbólico e influências do meio rural, para o urbano, por meio da busca por

conquistar outros campos, como o jornalístico e o político. Essa elite considerava-se defensores dos “bons valores”, reproduzindo o conservadorismo sobre a propriedade privada, a família e a religião católica. Utilizando-se, por vezes, esses jornais como veículos de propagação de seus ideais políticos, ideológicos e sociais.

Em 1990, a imprensa local estava centrada nos jornais *Diário da Manhã* e *Jornal da Manhã*. Nesse momento, cada jornal estabelecia uma relação diferente com o mundo político em Ponta Grossa. Nota-se que o Diário da Manhã tinha como objetivo ser um jornal exclusivamente político e estabelecia uma relação intensa com os sujeitos que participavam do campo político.

O Diário da Manhã construiu uma característica baseada na personificação do discurso e no coronelismo jornalístico, pois através de Adail Inglês, a política local possuía um “guia” para suas práticas.

Já o Jornal da Manhã, inseria-se como um jornal relativamente mais pluralista, mas não menos posicionado, que tratava a política como um tema a ser debatido.

A cidade então, através de seus leitores, presencia a produção das notícias, atreladas inicialmente a dois jornais, que gerenciavam suas informações em constante ligação com os interesses econômicos e políticos daquele momento.

Para Ditzel (2000, p.67), o cenário cultural do quadro socioeconômico que assinala o início do século XX é comum ao panorama modernista mundial, a cidade insere-se no processo pela busca de identidade, vinculada a idéia de nação, que gestada no século XIX, invade o século XX e interfere nas manifestações culturais e políticas. Assim, a cidade de Ponta Grossa pode ser pensada como um conjunto de trocas e tramas no tempo e no espaço, local de disputa de diferentes projetos, enfim, um cenário vivo e dinâmico, em que se associam e alternam elementos de permanência e ruptura, confluentes no mesmo caudal, no mesmo ‘ethos’.

A cidade torna-se objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõe, compõem ou se contradizem, sem por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros. (PESAVENTO, 1999, p.9)

Segundo Gadini e Pontes citando (PILOTO, 1973, p. 01): a história do jornalismo impresso em Ponta Grossa começa com o surgimento do jornal *Campos Gerais,* de João Rocha Bahls, em 13 de maio de 1893. O jornal tinha quatro páginas. Toda primeira página é ornada com vinhetas e contém os dizeres “Homenagem à

Confraternização dos Brasileiros: Salve Lei nº 3353 de 13 de Maio de 1888–1893 – Trabalho e Honra". Em seguida, aparece no cenário pontagrossense o jornal *Gazeta dos Campos* (1899), sob a pena do jornalista Teixeira Coelho, que se configurou numa das personalidades da imprensa no início do século. Segundo Pilotto (1973, p 02), o jornal apresentava matérias densas, sobre diversos assuntos, apesar da ausência de rigor seletiva das mesmas. Surge também, em 1904, o jornal "*O Commercio",* sob a liderança de Aldo Silva, esse era um semanário de cunho político. No final do ano de 1913, surge o jornal *O Paraná*, editado e dirigido pelos tenentes Teopompo de Godoy Vasconcelos e José Joaquim de Andrade.

Como visto, no decorrer dos anos, a cidade abrigou a inserção de vários jornais de circulação semanal ou mensal, como foram também os casos dos jornais *A Noticia* e o *Diário de Ponta Grossa*, que devido às dificuldades financeiras, não conseguiram sobreviver aos primeiros anos de circulação.

1.3.1 O *Diário dos Campos*

O jornal *Diário dos Campos* é o mais antigo veículo de informação da cidade de Ponta Grossa. Com o término do jornal o *Progresso*, que circulou até 1912, passou a ser chamado de *Diário dos Campos* e ostentando o subtítulo de Ex – *O Progresso,* a partir de 1º de janeiro de 1913, com circulação vespertina e diária.

Nesse ano, Hugo dos Reis lança, através das páginas do *Diário dos Campos,* o "Manifesto" para fundar a Sociedade Operária de Ponta Grossa. Publicou o esboço do estatuto, de sua autoria, e noticia todas as iniciativas relacionadas com a classe trabalhadora.

A Sociedade Operária começou a funcionar em junho de 1913. Segundo Gadini (2012, p.6), o *Diário dos Campos,* nos 12 anos em que Hugo dos Reis trabalhou nele (1909 – 1921), alimentava um discurso ufanista, voltado para os ideais republicanos. Tinha ligação com o movimento operário e por muitas vezes atraiu a ira de católicos, pois Reis era espírita. Reis fez artigos em defesa de Rui Barbosa, em 1909, na chamada "Campanha Civilista". No ano de 1920, conforme cita Silva (1994, p 161), as páginas do jornal abriram espaço para artigos em defesa do operariado, como os escritos por J. Borba, pseudônimo usado nas publicações.

No ano de 1929, o jornal passou por uma profunda crise, o número de assinantes e publicidades era insuficiente, e o sucateamento dos equipamentos, que vinha de décadas, chegava ao seu limite.

Para Chaves (2001, p. 45) no início dos anos de 1930, o *Diário dos Campos* apresentava-se da seguinte forma: como único órgão de imprensa local capaz de superar as dificuldades técnicas e financeiras que apareceram ao longo dos dois decênios de sua trajetória. O jornal apoiava e recebia o apoio do poder municipal, reproduzindo os atos oficiais e fazendo matérias que exaltavam muitos feitos do prefeito da época.

Com o passar dos anos, um novo grupo assume o *Diário dos Campos*, buscando constituir um jornalismo mais "objetivo", incorporando novos elementos gráficos, estabelecendo uma gestão mais profissional, contratando jornalistas formados, etc, fato que já estava paulatinamente acontecendo em outros jornais no Brasil, devido à influência norte americana.[4]

No início dos anos de 1990, o grupo decidiu sobre o encerramento das atividades do jornal, devido à falta de recursos tecnológicos e tipográficos, deixando as publicações locais a cargo dos dois jornais: *Diário da Manhã* e *Jornal da Manhã*.

A partir de sua reabertura em 1999, Eloir Rodrigues assume a direção do *Diário dos Campos*, representando uma maior abertura às discussões, fazia-se presente à pluralidade das opiniões nas matérias.

Percebia-se em seus conteúdos aumento da presença da técnica jornalística, baseada em um acúmulo teórico orientado pelo pensamento comunicacional contemporâneo.

Essa reabertura do *Diário dos Campos* em 1999, marca a passagem de um modelo do jornalismo local, sobretudo de um aspecto que o personalismo e as relações de clientelismo determinavam os direcionamentos da notícia, principalmente política. Era um momento de ruptura desse modelo que beirava o amadorismo, para um modelo mais profissional, buscando alinhar suas produções ao modelo dos jornais maiores.

Então, depois da reabertura o Grupo Tribuna do Norte, principal responsável pelo investimento financeiro do *Diário dos Campos*, deixa o jornal no ano de 2003, ficando apenas Wilson de Oliveira como proprietário do jornal.

[4] Para (Bronoski, 2011) essa influência de um jornalismo mais objetivo e organizado já estava presente no jornal Diário Carioca em 1950, e à medida que o tempo passou, repercutiu pontualmente na imprensa brasileira.

1.3.2 O *Jornal da Manhã*

Como visto, Ponta Grossa desde o período de 1930 apresentou uma forte relação entre os grandes proprietários da imprensa escrita e o campo político. Uma das figuras emblemáticas dessa relação foi José Hoffmann, que se inseria na década de 1930, como jornalista e político na cidade. Pouco depois, em 1954, foi Petrônio Fernal, então Prefeito de Ponta Grossa e fundador do *Jornal da Manhã,* que o utilizou para responder aos seus opositores, transformando o veículo em um mecanismo de defesa de seu mandato. (CHAVES, 1997, p.7)

Pela primeira vez a cidade podia contar com mais de um jornal de circulação diária, o que significou a ampliação das informações sobre o cotidiano local e também expôs as disputas político eleitorais, então em curso.

Oito anos depois da criação do JM, Fernal vendeu o jornal para outro renomado político local: João Vargas de Oliveira, empresário ponta-grossense que teve grande influência na política princesina de meados do século passado.

Segundo Chaves (1997, p.7), quando adquiriu o JM já havia sido prefeito de Ponta Grossa em 1947, mantendo-se ininterruptamente na vida pública desde então, até a década de 1970. João Vargas de Oliveira manteve-se por cinco anos na direção do jornal, vendendo-o em 1967, para o empresário Wallace Pina, ligado ao ramo imobiliário.

Nesse espaço de tempo, ajudou a sedimentar a marca do JM perante a opinião pública local. Ainda para o historiador, João Vargas de Oliveira também se encaixou no grupo dos políticos que fizeram uso sistemático de um veículo de comunicação para consolidar seu nome junto ao imaginário coletivo e ao eleitoral pontagrossense e paranaense de modo geral. (CHAVES, 1997, p.8)

O jornal foi marcado também nesse período pela direção do jornalista Urubatan Raul Alves. Com Urubatan na direção, o JM implantou em 1976 uma nova tecnologia de impressão para o jornal, conhecida como Offset.

Com a morte de Urubatan Santos em 1977, a chefia da redação passou a ser exercida por Luis Fernando Fedeger, que já mantinha uma coluna no jornal chamada “Plá”, voltada às variedades. Luis Fernando permaneceu no jornal até junho de 1979, quando assume o comando da redação o jornalista Adail Inglês, que desde março de 1977 assinava a coluna “Opinião”, especializada na política local.

Sendo um de seus principais editores, Adail Inglês permaneceu no jornal até final de 1986. Com a saída de Inglês, o Jornal da Manhã ficou sob a direção de Pina Ribeiro, que também era o diretor do Canal 7. Nesse momento, o JM também foi administrado pelo político e radialista Rogério Sermann.

Ponta Grossa nesse momento também contava com os jornais: “A notícia”, “Diário dos Campos” e “Diário de Ponta Grossa”, que pouco tempo depois, exceto o DC, terminariam suas atividades por falta de recursos financeiros.

Já no ano 1991, a coluna social era escrita por Leocir Passetti, e a administração estava a cargo de Gustavo Horst e Leandrina Castro, a editora chefe era Simone Suzin. Com o tempo, além do noticiário político ocupando página inteira, tínhamos o editorial, e as colunas “Expressões”, “Objetivas” e “TV Mídia”, que focavam o conteúdo político.

Em 1999, com a refundação do *Diário dos Campos*, Eloir Rodrigues até então no Jornal da Manhã, transfere-se para o DC. Segundo Rodrigues, nesse momento, grande parte de seus conteúdos eram de agências de notícia; o corpo da redação estava bem limitado, por ter uma rotatividade muito grande de profissionais. O JM não estabelecia uma vinculação profissional dos jornalistas ao jornal, ocasionando uma volatilidade no quadro de funcionários, o que acabava por prejudicar o planejamento em longo prazo.

Segundo Eloir Rodrigues, “as notícias publicadas eram focadas mais em conteúdos estaduais e nacionais do que locais, que resultou em pouca atividade de campo, devido a uma maior importação de notícias”. (Entrevista concedida em 20/09/2011)

O período que antecedeu a troca de direção é marcado pela paulatina redução do corpo redacional e a consequente substituição de conteúdos locais por material de agências, demonstrando claramente o esgotamento financeiro dos mantenedores do Jornal, uma vez que a lógica administrativa do JM ainda se pautava exclusivamente pela articulação política. Fato esse que mudaria em 2007, com a entrada do Grupo Tribuna, que havia deixado à direção do Diário dos Campos há alguns anos.

Naquela época, Eloir Rodrigues e o Grupo Tribuna compram a marca Jornal da Manhã, da família Horst, assumindo o ônus e o bônus desta transação, reconfigurando todo o jornal, desde a apresentação gráfica, até a lógica administrativa, voltada ao mercado.

1.3.3 O *Diário da Manhã*

Já o jornal *Diário da Manhã* surgiu no dia 15 de março de 1987, sob a direção de seu proprietário Adail Inglês. Como já exposto, Inglês foi chefe de redação do *Jornal da Manhã* até o ano de 1986, quando saiu para fundar outro jornal *O Diário da Manhã,* o qual foi o primeiro jornal em Ponta Grossa com uma linha editorial fundamentalmente política, e sobre tudo da política local e da região dos Campos Gerais. Ele contava com Neomil Macedo como chefe de redação, que segundo o próprio, "direcionava as matérias para um distanciamento da cobertura nacional, no máximo estadual. Buscava-se nele uma valorização dos candidatos locais, em detrimento dos políticos que vinham de fora da cidade". (MACEDO, 2011)

O proprietário do jornal Adail Inglês assinava duas colunas: *Opinião* que tratava da política institucional e partidária de Ponta Grossa, e seus principais acontecimentos e a coluna *Ponto de Vista,* que era assinada pelo colunista com o pseudônimo Gonçalves de Castro, que tratava dos assuntos gerais da política, levando um discurso mais informativo sobre as atividades do mandato político. Já a coluna *Exclusivas* tratava de assuntos do cotidiano da política institucional.

Segundo Adail Inglês, a coluna *Opinião,* um dos objetos da análise, era produzida "através de informações colhidas em conversas em seu próprio jornal, com políticos e amigos, que segundo ele, visitavam com freqüência a sede do jornal". (INGLÊS, 2011)

O jornal circulou durante 21 anos em Ponta Grossa e nesse período, segundo Inglês (2011), "procurava instituir-se como uma imprensa independente do que os dois outros jornais. Eles eram mais voltados para uma perspectiva comercial".

Na eleição de 1992, Adail Inglês candidatou-se à prefeitura de Ponta Grossa. Segundo ele, sua candidatura deu-se de maneira inesperada, pois os dirigentes do PTB – partido no qual era filiado, na ausência de outros candidatos para apoiar nessa eleição, escolheram o empresário e colunista para ser candidato.

Após muitos anos mantendo-se fiel a mesma linha de valorização de assuntos da política local, encerrou suas atividades no dia 15 de novembro de 2008. Segundo Inglês, o DM interrompeu suas atividades por falta de recursos financeiros, pois para ele, um jornal predominantemente político e de distanciamento às lógicas

comerciais, não podia manter financiadores, fato esse determinante para seu fechamento. A lógica administrativa e editorial imposta pela DM contrapunha-se à tendência do jornalismo local de valorização profissional, baseada na qualificação acadêmica e na administração racional da empresa jornalística.

É a partir dessa configuração que os jornais *Diário dos Campos*, *Jornal da Manhã e Diário da Manhã* prosseguiram seus trabalhos durante os anos de 1990. Conjuntura também marcada pela inserção dos telejornais, que ganharam maior desenvoltura informativa e espaço da agenda midiática local. Momento também em que a imprensa escrita ganha maior profissionalismo, em decorrência da entrada de jornalistas formados nas faculdades de jornalismo.

Esse tipo de jornalismo, baseado na investigação da administração pública, e por muitas vezes sensacionalista, já estava presente em meados do século XX, que segundo Cervi (2010, p.104), o Brasil importa da imprensa norte-americana o ideal de objetividade e imparcialidade jornalística. A então imprensa partidária, que predominava nos séculos anteriores, abandona suas posições ideológicas e passa a fazer uso do discurso imparcial. É claro que essa transição não foi desinteressada. A nova estrutura mostrava-se financeiramente mais rentável para os donos dos meios de comunicação. As notícias a partir disso passam a ser construídas não mais através do interesse ideológico dos grupos, mas sim, dos chamados critérios de noticiabilidade.

A seguir, buscaremos um possível olhar sobre a conjuntura de Ponta Grossa e sobre seu cenário histórico-social, contexto específico no qual esses jornais constituíram-se e desenvolveram suas atividades.

CAPÍTULO II

2. Reflexões sobre a política brasileira no final do século XX

Na busca de compreender as representações construídas pelas colunas dos periódicos pontagrossenses no período da pesquisa, torna-se central repensar alguns dos elementos que formaram o cenário político-social brasileiro a partir de 1980.

Neste período, o Brasil passou por um importante processo de rompimento com a ditadura militar, caracterizado pelo começo da redemocratização. Esse período foi incrementado por um crescente desenvolvimento industrial nas cidades, o comércio se ampliava e também, gradativamente, as instituições políticas se consolidavam.

No final dessa década, a “Nova Republica” se caracterizaria por uma grande expectativa quanto ao combate efetivo à corrupção, em todos os níveis. Anunciava-se a partir daquele momento uma nova era para a política brasileira.

Com o desenvolvimento das telecomunicações, a difusão da informática e as novas possibilidades de impressão e de registro audiovisual, que ocorreram em escala mundial, afetaram a coleta de informação, a produção da notícia e sua distribuição. Então, o jornalismo brasileiro começaria a ser afetado pelos avanços propiciados pela tecnologia.

> O objetivo era adotar novas tecnologias, para baratear seus custos operacionais e ampliar sua produção em larga escala, para receber mais leitores, anunciantes e mais publicidade em suas páginas. A imprensa transforma-se junto com a sociedade, adaptando-se a suas necessidades para sobreviver. A divisão do trabalho nas redações (repórteres, redatores, editores) e a emergência de uma gestão comercial na administração, passam para o primeiro plano no interesse econômico da empresa. (MARTINO, 2003, p.63)

No campo político, vários setores começaram a se organizar, iniciando um período de intensa negociação política. Surgem os partidos como PDT, PP e o PT, que foram consolidados através das eleições de 1982.

É restabelecida a eleição direta para presidente e o voto popular em todos os níveis sociais. Os partidos puderam organizar-se livremente e funcionar dentro de princípios democráticos, que naquela conjuntura eram conquistados. Em 1988, a

nova constituição foi promulgada, estabelecendo novo ordenamento legal para o país.

De acordo com Santos (2006, p.203), o Brasil desenvolvia-se de maneira desordenada e segundo o autor, o país passava por um fenômeno de metropolização e de desmetropolização urbana, pois ao mesmo tempo cresciam cidades grandes e médias, ostentando riqueza e pobreza sobre o mesmo território. Uma contradição inerente ao desenvolvimento da sociedade capitalista.

Nesse cenário, também foram elaboradas políticas de planejamento econômico que edificavam as novas bases técnicas e científicas do território brasileiro. A urbanização acelerou modificando significativamente o espaço geográfico, advindo dos novos sistemas de engenharia que permitiram a interligação de diferentes regiões do país.

Para Almeida (2006. p. 390), o ritmo de urbanização da sociedade brasileira dos anos de 1990 apresentava-se da seguinte forma: levando, por um lado, á intensificação dos fluxos de pessoas, bens e mercadorias, e por outro, ao próprio crescimento das metrópoles. A concentração de recursos econômicos, a presença de um mercado de trabalho em grande ascendência direcionavam fluxos migratórios para esses centros mais dinâmicos, delineando-se o processo de metropolização.

Para (SANTOS, 2006) no ano de 1990, ocorreram variadas transformações na economia de todos os países. Elas foram sentidas principalmente pelas nações subdesenvolvidas que tinham enormes problemas estruturais a serem resolvidos. Um dos mais graves foi o desemprego, que chegou a níveis alarmantes nesse período. Esse momento foi marcado também, dentre tantas coisas, pela instabilidade econômica, advinda do confisco de poupanças feita pelo presidente Fernando Collor.

Decorrente dessas atividades do mandato de Collor e altamente mobilizados por uma campanha da mídia, variados segmentos da sociedade formaram o movimento "Caras Pintadas" a pedirem seu impeachment.

Em um ambiente agora ditado pela globalização, com todas as suas consequências, como maior competitividade entre mercados e abertura comercial mais intensa, obrigou as empresas a se adequarem rapidamente as novas condições impostas pelo sistema.

O Ministro da Fazenda que criou o “Real”, Fernando Henrique Cardoso, eleger-se-ia presidente para dois mandatos consecutivos. O Real só começaria sua desvalorização no final da década.

O cenário político da década de 1990 também se caracteriza pela emergência de segmentos sociais organizados da sociedade civil, que surgiram na década de 1980. Esses grupos adquiriram maior protagonismo nas lutas sociais, conquistando mais direitos e organizando-se em uma variedade de espaços, redefinindo assim o cenário de lutas sociais no país.

No campo jornalístico, esse período torna-se fundamental para o seu processo de desenvolvimento administrativo e tecnológico. Segundo De Luca (2005, p. 133), esses proprietários, atentos à otimização dos recursos e à constante atualização da maquinaria e material tipográfico, desenvolveram fatores essenciais para uma atividade que se desenvolvia no circuito capitalista.

Também no aspecto econômico, durante a redemocratização, o jornalismo brasileiro assumiu de vez seu lado empresarial, segundo Souza (2010, p.15), investindo cada vez mais em pesquisas de marketing, onde a grande maioria dos jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília utilizam o recurso da pesquisa junto ao leitor, a fim de definir suas características socioeconômicas, culturais e políticas, e também sua relação com o jornal. Alguns fazem esse tipo de acompanhamento a cada dois anos. Outros acompanham diariamente a reação dos assinantes, com o objetivo de observar seu próprio desempenho e ressonância.

Já no campo político, a partir do século XX, com a multiplicação e a difusão dos meios de comunicação modernos, modificou profundamente o modo de produção de suas imagens. Elas agora podem ser fabricadas em grande quantidade, sem a necessidade de um evento de caráter excepcional.

Para (CHAUÍ, 1992, p.12): “a competição política não se faz mais entre os partidos, ideologias ou candidatos, mas entre imagens que disputam valores, como credibilidade, confiabilidade, respeitabilidade, inovação e prestigio”.

Com todas essas premissas, não temos como abranger de maneira geral todas as relações presentes entre política e jornalismo impresso no Brasil, pois, tais questões estão ligadas a fatores culturais e conjunturais dos mais variados. Suas transformações não se fizeram em conjunto, nem de acordo, como um único processo.

Contudo, pensaremos a seguir, em questões mais pontuais, mapeando a formação social da política brasileira, de meados ao final do século XX, Trata-se mais especificamente da cidade de Ponta Grossa, que inserida nesse contexto, sofreu de maneira particular dos mesmos processos, que atravessaram o âmbito nacional.

2.1 Apontamentos sobre a configuração sociopolítica em Ponta Grossa (de 1990 a 2000)

A partir de 1990, o Brasil atravessa um cenário de amplo processo de democratização e de ampliação das lutas por direitos sociais, que se desenvolveu correlacionado a uma grande "crise", expressa pela recessão econômica, desemprego e agravamento da deterioração das condições de vida da maioria da população. (DURIGUETO, 2007.p.170)

O cenário político da década de 1990, também se caracterizou pela emergência de segmentos sociais organizados da sociedade civil, que surgiram na década de 1980. Esses grupos ganharam maior protagonismo nas lutas sociais por mais direitos, organizando-se em uma variedade de espaços e redefinindo o cenário de lutas sociais no país.

A formação política em Ponta Grossa sofreu grande influência do desenvolvimento do sistema político brasileiro do inicio do século XX. Esse sistema se estruturou de forma a garantir os interesses das classes dominantes, formada por grandes fazendeiros e da crescente burguesia industrial.

Essa organização política era ocupada e estruturada de maneira a excluir outros segmentos de classes populares, que ficavam restringidas a votarem em candidatos que representavam os interesses de seus grupos dirigentes. Não dá para saber quem "fica restringida": as classes populares ou a aristocracia?

Assim, o poder e os mecanismos governamentais, muitas vezes, acabavam sendo utilizados pelos grupos dominantes em proveito próprio, através de um estado paternalista, forte e centralizador.

Não obstante, essas características não se revelaram apenas na esfera nacional, mas também na local, nas quais as relações de clientelismo e mandonismo

se concretizaram na obtenção de cargos políticos, no controle da economia, da posse da terra e dos meios de comunicação.

Segundo Shimanski (2007, p.78), o controle político de Ponta Grossa esteve centrado nas mãos de famílias tradicionais, que se projetaram no cenário político local ao longo de sua história. Assim, o campo político e de administração pública passaram a ser um meio de controle social. Os donos do poder econômico transferiram sua influência para o quadro de política local e regional, passando a controlar não só as relações econômicas, mas as políticas também.

Esse quadro pode ser relacionado à estrutura de desenvolvimento econômico brasileiro, ligada á atividade tropeira e a formação de grandes propriedades rurais, dominadas pelos seus senhores latifundiários, que ocorrera nos séculos XVIII e XIX.

Dentro desse contexto, expõe Shimanski (2007, p.91) que em Ponta Grossa, o pouco desenvolvimento econômico desse período, a permanência de um mesmo grupo político administrando a cidade, com sua postura de afastamento das bases sociais, juntamente com o uso de políticas públicas que não sanavam os problemas da população carente e um discurso distante da realidade, afastavam ainda mais as administrações políticas das camadas populares. Esse discurso emitido por determinados grupos políticos tinha um direcionamento específico, que é atingir a classe média letrada, com sua significativa parcela de eleitores.

O panorama social dos anos anteriores levou a cidade a um direcionamento ao setor agropecuário, passando nesse momento a explorar também outros setores, como o setor de “serviços” e “industrial”.

A partir dos anos de 1990, a cidade apresenta a amplitude de uma nova realidade social, as “periferias”, formadas por moradores provenientes do campo e que devido à ocupação dos espaços centrais da cidade pela classe média, acabaram se instalando nas zonas periféricas da cidade.

Nesse momento, o discurso de poder e influências do “clientelismo” político local também caminhava entre continuidades e rupturas, mudanças e permanências.

Segundo Chaves (1997), na década de 1990, o Brasil ainda buscava reconstruir sua história, após passar longos 21 anos numa ditadura militar marcada em boa parte do tempo pelo autoritarismo e pela censura. A volta da “normalidade” política e os rumos democráticos do país ainda suscitavam debates entre aqueles que a defendiam e os que preferiam o país do “ame-o ou deixe-o”.

Segundo (RAMALHO, 2011) no campo político de Ponta Grossa, a gestão de Pedro Wosgrau Filho se encerrava nas eleições municipais de 1992. Neste período as relações de força que estavam em disputa no campo político de Ponta Grossa apresentavam quatro candidatos que concorriam para a prefeitura. Três representavam as forças tradicionais, eram eles: Adail Inglês (PTB), Djalma de Almeida Cesar (PMDB) e Paulo Cunha Nascimento (PDC), a oposição a eles estava representada pelo padre e professor Roque Zimermann (PT).

Nesta oportunidade, os candidatos favoritos eram Paulo Cunha Nascimento e Djalma de Almeida César. Após a disputa, Paulo Nascimento vence, com 45 mil votos, 10 mil a mais que Djalma de Almeida César, onde Padre Roque Zimmermann alcançou 22 mil votos e o jornalista Adail Inglês somou 5700 votos.

Cabe destacar ainda que neste momento, o candidato Péricles de Holleben Mello (PT) se elegeu como o vereador mais votado, chegando aos 2012 votos.

Djalma Cesar que já havia disputado a eleição de 1988, perdendo para Pedro Wosgrau, sofre novamente outra derrota.

A conjuntura no final dos anos de 1980 a início de 1990 estava composta pelo grupo das forças tradicionais do executivo rural, personificadas em Otto Cunha, Pedro Wosgrau Filho e Paulo Cunha Nascimento, que venceram sucessivamente nas eleições para prefeito de 1982, 1988 e 1992.

Do outro lado tínhamos as forças da aristocracia do governo do Paraná, representado pelo político Djalma de Almeida César, que foi derrotado nas eleições de 1988 e 1992, e também Luiz Carlos Zuk juntamente com Roberto Mongruel.

Já no período de 1996, esse cenário, configurado pela disputa entre a aristocracia ruralista e as forças do governo é relativamente ampliado, surgindo uma terceira via representada pelo radialista Jocelito Canto e pelo professor Péricles de Holeben Mello.

Jocelito Canto surge neste contexto de disputa à prefeitura, apoiado por Djalma de Almeida Cesar e Pedro Wosgrau, assumindo uma postura ligada às camadas mais populares da cidade.

Oriundo do interior do Rio Grande do Sul, ele chega à cidade em 1991, para atuar como radialista. A partir de um programa radiofônico diário baseado no assistencialismo, conhecido como “Garagem da Esperança”, ele constrói rapidamente uma forte relação com parcela da população, especialmente da periferia da cidade. A partir da doação de óculos, muletas, entre outros itens, o

programa de Canto potencializa sua popularidade, alavancando seus interesses políticos. Em 1994, elege-se deputado estadual.

No cenário de disputa à prefeitura, em 1996, Canto aparece como o político com maiores chances de vencer a eleição para a prefeitura. Beneficiado por uma forte adesão das camadas populares, Canto articula apoio de parte das elites locais e do governo estadual, na época administrado por Jaime Lerner.

Com 54 mil votos, supera seus principais adversários, como Péricles Holleben Mello (PT), que somou 41 mil votos e Plauto Miro Guimarães (PFL) que conquistou 31 mil.

Nesse momento, parte dos políticos tradicionais não conseguiu produzir um discurso que sensibilizasse as classes populares, algo que Jocelito canto fez, e resultou em sua ascensão como uma das figuras políticas mais emblemáticas do período.

Segundo analisa Woitowicz (p.20), Jocelito Canto tornou-se popular como radialista e continuou exercendo a profissão durante o mandato. Em Ponta Grossa, ficou conhecido também pelo assistencialismo, praticado por meio do programa radiofônico “garagem da esperança”, em que as doações dos ouvintes – que vão de uniformes escolares a cadeiras de rodas, dentaduras, bicicletas, etc. – eram revertidas para aqueles que recorrem a radio para resolver problemas e necessidades. Assim, o discurso populista e o carisma do candidato contribuíram para delinear o caráter de sua administração.

Nesse sentido, Jocelito Canto construiu seu discurso firmado em valores que representavam relativo rompimento com a elite política conservadora da época, e retraduziu o prestígio alcançado em sua radio para o prestigio político-social.

Para Cervi (2002, p.91), Jocelito Canto em sua administração como prefeito procurou fazer uma administração popular, que não fugisse de seu estilo, porém, antes de atender as demandas sociais que lhe delegaram o poder, “o candidato do povo que foi eleito por grupos organizados, representantes de segmentos sociais específicos, precisou lotear a administração entre seus novos companheiros”. (CERVI, 2002, p.91)

Outro político, protagonista da eleição de 1996, foi Péricles de Holleben Mello, do Partido dos Trabalhadores (PT), que iniciou sua carreira política como vereador em 1988 e reeleito em 1992. Em 1995, assumiu uma cadeira da Assembléia

Legislativa, sendo reeleito em 1998. Em 1996, ficou em segundo lugar na eleição para prefeito, elegendo-se no ano de 2000, como prefeito.

Péricles começou a vida política como líder estudantil e sua militância esteve ligada a movimentos populares. Em 1980, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores, ao qual se manteve ligado e o sustentou ideologicamente em suas bases políticas.

Após perder as eleições para Jocelito Canto (1996), Péricles se elege como deputado estadual, para o seu segundo mandato. A condição de Péricles, como candidato à prefeitura em 2000 é potencializada, devido ao desgaste de Canto, que esteve ligado a denúncias envolvendo sua administração, além da crescente rejeição de alguns setores da elite que o apoiaram na eleição anterior. Com isso, Péricles de Holleben Mello apresenta-se em maiores condições de vencer a eleição.

Nesse momento, parte da elite econômica, que havia se dividido na eleição passada, aposta em Carlos Tavarnaro, ligado ao ramo imobiliário e a construção civil. No entanto, percebendo que Tavarnaro não apresentava carisma e adesão pública, alguns setores desta elite voltam-se para Péricles de Holleben Mello, menos por proximidade ideológica e mais com o objetivo de inviabilizar a sucessão de Jocelito Canto. Essa situação foi importante para Péricles vencer a eleição.

De forma geral, constata-se que Ponta Grossa atravessou alguns momentos políticos específicos na década de 1990. Primeiramente, na eleição de 1992, na qual as novas tecnologias de informação potencializaram os programas eleitorais; os candidatos usaram o espaço televisivo como novo cenário de disputa política.

No que se refere ao cenário econômico de Ponta Grossa, surgem no período várias indústrias, como a japonesa Kurashiki, a Tetrapak, a Beaulieu do Brasil, e a Masisa, entre outras, diversificando o cenário industrial da região.

Vislumbrando esse cenário de disputa do poder político local, focaremos no tópico a seguir as relações entre o mundo social, o mundo simbólico e a produção de sentido, agenciada pelos jornalistas nas colunas políticas. Essa hipótese conceitual faz-nos compreender a construção das colunas operada pela função do imaginário desses colunistas.

CAPÍTULO III

3. As colunas como espaço de representações políticas

Este capítulo tem por objetivo, no conjunto do trabalho, discutir a presença das colunas políticas no campo do jornalismo político. E assim, pensar suas representações relacionadas à formação do imaginário social, circunscrito às disputas eleitorais em análise.

Nesse sentido, caminharemos para uma reflexão de determinados fundamentos que balizam o discurso do jornalismo, ou seja, valores de objetividade, imparcialidade e exatidão como forma de entender as possíveis intervenções sobre os modos de representação

O discurso praticado pelo jornalismo procura operar um distanciamento das demais manifestações emocionais e valorativas que o imaginário apreende, mas, como veremos, constituem parte inerente do processo de produção do texto jornalístico.

Assim, os meios de comunicação, e dentre eles, o jornalismo, transformam-se em importantes contribuintes da formação do imaginário social. Em determinados momentos, nos quais ela amplia e potencializa sua cobertura, como é o caso do período eleitoral, é constituído um feixe de mensagens, das mais variadas, sobre os acontecimentos políticos, variando suas interpretações de acordo com múltiplas vontades e interesses. A esse efeito de mediação da realidade feito pela imprensa, chamaremos aqui de representações.

Segundo Rodrigues (1997, p.161) os órgãos de informação, que no período eleitoral tornaram-se cada vez menos dedicados a veicular informação de proposta de projetos de sociedade ou de programas políticos, e cada vez mais, passou a difundir um campo social de encenação pública, em função de sua própria estratégia de diversão e sedução.

Como Rodrigues nos alerta, as produções das notícias acabam sendo influenciadas pelas próprias lógicas publicitárias dos outros meios de comunicação de massa, que visam à obtenção da audiência pelo viés do entretenimento, e da supervalorização da imagem. Assim, o jornalismo político sofre em graus variados desse mesmo efeito.

A partir do período da redemocratização, no início dos anos de 1990, a lógica política migra das relações interpessoais de forma direta – via comício, visitas a bairro, de “casa em casa” –, para uma relação em que a mídia vai ocupando um lugar preponderante na mediação dessas relações. A mídia eletrônica passaria, a partir desse momento, a ser um novo interlocutor do debate político.

Percebendo essa transição importante no modo de fazer política, ocorrido a partir desse período, as colunas dos jornais em Ponta Grossa, no período de 1992, começavam a refletir e criticar essa nova fase das disputas eleitorais.

As colunas assumem um importante papel de estimular o debate sobre os fatos mais importantes que aconteciam na política estadual e local, como era o caso do jornal Diário da Manhã. Era por meio delas que o jornal oferecia análises sobre o assunto ou mesmo comentários identificando tendências em torno da disputa política em curso.

Então, o discurso jornalístico representado nessas colunas inseria-se como um dos mediadores especializados e legitimados a descrever as práticas realizadas na esfera política. Era um espaço especializado que o leitor procurava orientar seu olhar e reafirmar sua opinião para o momento da votação.

A mídia impressa tornou-se uma grande ferramenta de produção de significados e direcionamentos sobre o mundo político de Ponta Grossa, contribuindo na formação de um imaginário político, criando para seu público leitor seus símbolos, em torno da imagem desses políticos. Um processo simbólico que utilizaremos como indicador para caracterizar a atmosfera eleitoral de 1992, 1996 e 2000.

A imprensa é um importante organismo de mediação da sociedade, seus discursos contribuíram na construção daquilo que podemos chamar de imaginários sociais.

Para Baczko (1984, p.309) é por meio do imaginário social que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro.

Para o autor, é através de seus imaginários sociais, que um grupo social constrói sua identidade: elabora uma representação de si e dos outros, exprime e impõe crenças, valores e expectativas, “regulando suas ações, construindo uma

espécie de código de bom comportamento, designadamente através da instalação de modelos ideais”. (BACZKO, 1984, p.309)

Esse sistema simbólico, presente na teoria de Baczko, parece funcionar em uma constante troca de significações, que diferentes discursos específicos podem ressignificar entre si, e agenciar determinados elementos que lhe são úteis, como uma espécie de jogo.

Assim, os imaginários sociais utilizam-se do mundo simbólico, não somente para exprimir-se, mas para existir. O imaginário afeta os modos de simbolizar o que conhecemos como realidade e se insere nas instâncias da nossa vida social.

Segundo Castoriadis (1982. p.415), o imaginário enuncia, reporta-se e evoca outra coisa não explícita e não presente. Logo, o real é ao mesmo tempo concretude e representação. Nessa medida, a sociedade é para ele, instituída imaginariamente, uma vez que ela se expressa simbolicamente por um sistema de ideias – imagens que a constituem como uma representação do real, sedimentando um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar, ao estar no mundo. A instituição da sociedade é toda vez instituição de um magma de significações, uma fusão de sentidos e símbolos.

Para Castoriadis, esta instituição é instituição de um mundo no sentido que ela deve e pode cobrir tudo, que tudo por ela, deve, em princípio, ser dizível e representável, e que tudo deve absolutamente ser incluído na rede de significações, tudo deve fazer sentido.

Nessa perspectiva, o imaginário é uma “teia de sentidos”, símbolos e representações, que dão sentido ao mundo social. As colunas seriam construídas por seu papel interpretativo, baseadas nessa teia de sentidos do imaginário. E ela consequentemente contribuiria para formular uma nova rede de significações, agenciando novos olhares sobre a política.

As representações estruturadas e estruturantes do imaginário são compreendidas aqui, como mecanismo de significação da realidade. E essa realidade social constitui-se na disputa simbólica exercitada por grupos, que se comunicam e a classificam.

Para Habermas (p.214, 1987), é real aquilo que pode ser experimentado, de acordo com a interpretação de uma simbólica vigente. A sociedade é interpretada nessa perspectiva como um fluxo de informações produzidas por uma variedade de agentes e campos, que fazem dela um permanente tornar-se.

O mundo social se faz existente em uma contínua construção de seus sentidos. As colunas entrariam no processo de produção e consumo dessas representações, ou seja, a escrita e a leitura dessas colunas, podem ser vistas não somente como uma operação abstrata de intelecção, ocasionada por determinados sujeitos, "*é também, por em jogo o corpo, é a inscrição num espaço, uma relação consigo e com o outro*". (CHARTIER, 1983, p.10)

Cabe lembrar também o que Bourdieu (2004, p.176) aponta: "essas representações não são apenas produzidas pelo mundo social, mas também, produtoras de uma realidade social". Nessas representações dos fenômenos políticos, há um processo de seleção e reconhecimento, mediados por um conjunto de crenças, ideais e posicionamentos políticos.

Nesse sentido, o racional e o imaginário não devem ser tomados como categorias que se contrapõem, pois ambos pertencem ao universo das imagens, uma vez que o imaginário não é nem abstrato nem concreto, nem racional nem irracional, é sempre ambos, ou seja, a valoração que damos ao mundo social é permeada de imaginário.

Por isso, as colunas devem ser compreendidas como um exercício de produção de sentido e de entendimento do mundo. A noção de imaginário, até aqui apresentada, corresponde então com a ideia de que os enunciados divulgados através das colunas, isto é, suas maneiras específicas de construir o discurso, correspondem a certas expectativas, do que é importante para o funcionamento "ideal" de uma sociedade.

Dessa maneira as colunas idealizam determinados aspectos em detrimento de outros, reforçando valores, contribuindo também para gerar uma espécie de regras de conduta para o assunto em questão, aqui em nosso caso, o mundo político.

Segundo Portanova (2003, p. 65), sobre o imaginário do jornalismo, ela diz:

> Essa *certa expectativa* a respeito do "ideal" para a cidade, é a resposta que o imaginário de uma sociedade dá às suas angústias. O imaginário não se distingue do real porque, precisamente, ele é o relacionador que confere ao mundo seu aspecto contínuo, *seu sentido.*

Para ela, o desejo de realismo do jornalismo, a obrigação que ele assume de retratar a realidade, levou-o a uma constituição de técnicas discursivas, e maneiras de construir a notícia, ou seja, a verdade estaria nos fatos, no real concreto. Como o

real concreto é aquele que se apresenta materialmente a nossa percepção, há uma deslegitimação do simbólico, que fala do impalpável. (PORTANOVA, 2010, p.5)

Assim, a coluna representaria os fatos, baseada em suas experiências com o mundo que se apresenta “a seus olhos”, e essa percepção deixaria de lado os fatores de agregação de valores a esses fatos, ou seja, mesmo a coluna tendo um caráter relativamente opinativo, ela em grande medida representa as relações políticas de maneira objetiva, sem mostrar sua posição de intervenção no discurso.

A narrativa jornalística coloca, então, em movimento imagens, e representações da política local, que são constituídas no jogo de interesses dos colunistas e de seus jornais, somado a valores depositados em seus discursos, ou seja, na construção das colunas está tensionada relações objetivas e subjetivas de seu autor, ao processo de representação da realidade política. Sendo assim, esses discursos circulam no imaginário coletivo e contribuem para movimentá-lo ainda mais.

3.1 Jornalismo Político: trajetória de suas práticas a partir dos anos de 1990

Como observado, os jornais modernos tiveram como uma de suas características a divisão da produção das notícias em editorias, especializadas para cada assunto, isso aconteceu devido ao desenvolvimento industrial e a consequente setorização do trabalho.

O jornalismo político, especialidade entendida aqui como responsável pela cobertura dos assuntos do cotidiano político, teria se desenvolvido em maior proporção a partir do regime militar.

Em decorrência das censuras do regime AI-5, estavam proibidas as publicações de grande parte das matérias políticas produzidas pelos jornais, ou quando eram publicadas, estavam sobre monitoria. Essas consequências foram sentidas pelos jornalistas em suas práticas, o que veio a provocar uma busca por outras especializações, tentando driblar essa censura.

Com o fim da ditadura e o fortalecimento das especializações dentro dos jornais, o espaço político ganhava um novo fôlego e ampliava os seus espaços, intensificando maior contato com o campo político.

Para Cruvinel (2006, p. 214), a redemocratização recolocou a atividade política no centro das decisões nacionais, fortaleceu o Congresso e propiciou o surgimento de um amplo quadro partidário. O processo de transição já criara novas demandas para a cobertura política, que vão se acentuar com a Assembléia Constituinte, o surgimento de novas instituições e o restabelecimento de um calendário eleitoral regular.

Segundo a autora anteriormente citada, o novo paradigma institucional e a nova cidadania criaram as demandas que levaram a oferta para os veículos desse "novo jornalismo político", que busca ser pluralista na oferta de informação e a enriquecia com análises, interpretações e opiniões sintonizadas com os fatos da agenda.

Outra característica do jornalismo político é a forma da relação desses profissionais com a atmosfera política, que surgiu quase como uma exigência desse segmento profissional, pois o acesso às fontes mais importantes aparece na forma de uma relação informal com os sujeitos políticos.

Observa-se, então, que o jornalismo político acentua algumas características, como informar, formar opinião e traçar uma relativa fiscalização/cobertura na esfera política. Essas práticas centralizaram-se em determinados segmentos, ocupados por comentaristas que constroem seu discurso, por vezes, sobre a forma da imparcialidade.

No tópico a seguir vislumbraremos as implicações teóricas sobre os processos de constituição da notícia, que se dá nessa valoração de ângulos da informação e também sua relação de organização do discurso jornalístico.

3.2 A Constituição da notícia na coluna política

Segundo Bahia (1990, p. 37), a notícia é a base do jornalismo, seu objeto e seu fim. As notícias têm origem e se projetam no âmbito dos veículos de informação, por meio dos canais, como o acontecimento, o informante, o repórter, as agências noticiosas, entre outros fatores.

A notícia é compreendida como a informação lapidada, direcionada e emitida ao consumidor. A informação só pode ser entendida como notícia, quando posta em interação pela sociedade.

Nessa transição entre os canais de informação e o produtor da notícia existe uma natural valoração sobre o que vai ou não ser notícia, que ângulos abordar ela, ou seja, forma-se um discurso orientador desse processo de produção.

Para Bahia (1990, p. 42), os critérios de produção, seleção e organização das notícias são subjetivos. Neles interferem elementos como competência, habilitação, capacitação e experiência.

Sendo a matriz que orienta o direcionamento da notícia, o discurso jornalístico se mostra permeado de sentidos, e para Mota (2004, p. 4) podem ser analisados tanto pelo que evidencia, quanto pelo que insinua, sugere ou oculta.

Sobre esse efeito de constituição da notícia, Marocco (2004, p.19) procura conceber o discurso jornalístico como uma violência que exerce sobre os acontecimentos e os indivíduos; como uma dupla coação: a das regras e técnicas propriamente jornalísticas, que marcam os limites de um tipo de saber que pretende se diferenciar em um domínio próprio, e a dos discursos não jornalísticos que marcam a interferência sobre o domínio jornalístico das diversas instâncias de poder.

Assim, o texto jornalístico das colunas é analisado em seus significados, principalmente no momento em que valorizam determinadas questões, demonstrando suas marcas, posições sociais e políticas, em seu jogo de poder nesse momento histórico.

O estilo de análise que encontramos é destituído de indicadores rígidos e que não permitiriam desdobrar as nuances encontradas nos textos das colunas, as análises se fazem, como veremos, durante o próprio processo de operação da leitura, refletindo sobre os diversos aspectos dos sentidos encontrados.

Compreendemos que a construção desse discurso feita pelas colunas, não está posta em relação apenas com as dinâmicas dos fatos políticos e sociais, mas também atravessadas por outras forças, como a religiosa, a econômica, a ideológica e a cultural.

Para a construção da notícia dentro da coluna política, Serrano (2003) expõe que a chamada informação de *background* e os encontros *off-record* tornaram-se a base de especulação para os colunistas e comentadores, ou seja, são aquelas informações que estão nos bastidores, e também as entrevistas e discussões públicas.

Para Serrano, a técnica da conversa de *background*, em que os políticos fornecem enquadramentos dos fatos aos jornalistas, é um sistema colaboracionista que produz a impressão de uma franqueza e espontaneidade naturais.

É uma maneira de fornecer notícias ou matérias para artigos de opinião, geralmente favoráveis aos políticos, mas que interessam aos jornalistas dado satisfazerem a sua avidez de informação e lhes proporcionarem relações pessoais com o poder, ou seja, é através das disputas políticas que ocorrem fora das colunas, é que a notícia ganha um enquadramento e um contorno específico dentro delas, através do olhar de cada colunista que a interpreta e a direciona.

Segundo Traquina (2004. p. 203), os jornalistas têm a decisão última de decidir o que é a notícia, sabendo que a notícia dá existência pública aos acontecimentos ou à problemática. O jornalista tem o poder de holofote (iluminar assuntos, fatos) e de megafone (tornar um assunto ou um fato público).

Relacionado a esse discurso de poder engendrado pela imprensa, Habermas (1987, p.351) expõe: “há um discurso quando alguém questiona as proposições normativas, nesse caso políticas, munido não apenas de competência cognitiva e linguística, mas também de competência moral”.

Entendemos, então, que o discurso não é apenas uma das funções dessas instituições jornalísticas, mas é o seu principal produto e o resultado final do seu funcionamento. Sua característica principal é de se apresentar como acabado e de funcionar, aparentemente, sem interrupções nem vazios. Ele flui de maneira constante e ininterrupta, encadeando enunciados que se apresentam habitualmente de forma acabada, escondendo para seus leitores, seu processo de produção. (RODRIGUES, 2002. p. 217)

Para Gregollin (2003, p.113), no discurso jornalístico articulam-se o saber e o poder. O jornalista não está totalmente livre para construir sua fala como quiser, pois tem de se submeter a determinadas regras internas da instituição midiática, suas hierarquias e particularidades, que os inserem em um campo específico de regras determinantes e determinadas.

Ainda para esta autora, a relação entre a imprensa brasileira e as elites apareceu na forma daquilo que podemos chamar de denuncismo, isto é, o uso da imprensa e seus mecanismos, para legitimar atitudes de uma autoridade política ou para conferir tratamento pejorativo aos políticos relacionados. A mídia criou e cria, portanto, mocinhos e bandidos, heróis e derrotados.

Com isso, sabemos que a prática jornalística se caracteriza pelo emprego de estratégias que promovem uma construção da realidade pelo discurso. Ela é um dos principais agentes da construção do mundo simbólico que dá sentido ao mundo social. No campo político, isso se estabelece de maneira objetiva, pois por meio da utilização de uma mídia favorável, determinados políticos podem ganhar poder simbólico em uma eleição, em detrimento de um outro que não possua os mesmos recursos para criar uma visibilidade a seu favor.

Nesse caminho de produção de sentido feito pela mídia, e aqui, especificamente a imprensa escrita, as colunas produzem uma argumentação cheia de significados, por ser um espaço predominantemente interpretativo da realidade política.

3.3 Política: uma prática publicizada

O campo político envolve um conjunto de instituições, discursos e atores que produzem uma imagem na sociedade, e por esse sentido, a política começou a produzir uma dimensão estética para suas práticas.

Nessa perspectiva, Balandier (1982. p.63) argumenta que há cem anos a política tinha suas ações concentradas apenas nas suas próprias instituições, o que reciprocamente a legitimava. Na contemporaneidade, o parlamento, os estados, os partidos e os políticos transitam nos meios de comunicação para terem seus atos publicizados. O que era apenas um instrumento, que servia como ferramenta para desenvolvimento da política, passa a ser um dos principais espaços para se fazer política.

Assim, o campo político no passado era visto e entendido apenas por seus atores políticos, que nele agiam; na contemporaneidade, passou a ser observada pelo olhar dos grandes meios de comunicação.

Os cientistas sociais (ALMOND E VERBA, 1963, p.12) analisam o que podemos entender sobre a cultura política, a qual é a expressão do sistema político de uma determinada sociedade nas percepções, sentimentos e avaliações da sua população. O termo refere-se às orientações especificamente políticas, as atitudes com respeito ao sistema político, suas diversas partes, ou seja, a cultura política é o conjunto de atitudes, crenças e sentimentos que dão significado a um processo

político. Ela passa a ser, a interiorização do campo político, isto é, de um corpo determinado de conhecimentos, constituições, propostas de campanhas, normas de comportamento, maneiras especificas de falar e se relacionar com a sociedade, é um conjunto de planos, regras, instruções, programas para governar, um espaço de conflito e relações de poder.

Nesse sentido, dentro do campo político ou do jornalístico, haveria uma lógica específica que os regia, ou seja, crenças e linguagens determinadas, por um *habitus* característico de seus integrantes.

A partir dessa caracterização conceitual do campo político, o jorgnalismo passa a representar sua configuração, e a criar múltiplas imagens para o exercício dos políticos que estão inseridos nesse campo.

Nos períodos eleitorais, a imprensa jornalística concentra suas publicações em torno de alguns candidatos, buscando realçar suas propostas, ações, participações e práticas políticas, no que podemos entender, como uma avaliação de suas carreiras políticas na cidade. Mais do que versões, as informações passam a se mostrar como verdades sobre os fatos.

Já as eleições passam a ser entendidas como um ritual democrático de coesão social. É um tempo de crenças, no qual o imaginário popular está atravessado por símbolos políticos, produzidos pela mídia. A eleição é um período em que o imaginário eleitoral é atravessado por lutas pelo poder, entre votantes e votados, que passam a exercitar suas variadas formas de convencimento, de propaganda, buscando atender o imaginário social, nas rádios, nas televisões, em comícios, e também nos grandes jornais.

Nesse sentido, as colunas apresentam escolhas políticas desses jornalistas, selecionando o que vai a público, quais fatos são importantes a serem publicados, o estilo do texto, o ordenamento do discurso, enfim, fatores que direcionam simbologias sobre esses sujeitos.

Visto isso, compreendemos que a forma como esses jornais pontagrossenses representaram em suas colunas a disputa política, serão pensadas como um discurso, inserido em um determinado momento, voltado a um conjunto de (e)leitores.

Visto toda essas implicações teóricas sobre a imprensa escrita, o campo jornalístico, as notícias, vislumbraremos agora as relações políticas no Brasil,

compreendendo a maneira específica pautada no personalismo e nas relações de patronato.

3.4 Personalismo, clientelismo e patrimonialismo nas relações políticas/jornalísticas

Desde a formação do estado moderno brasileiro, constituiu-se uma relação muito específica na política, ou seja, os grupos sociais que ocuparam os mecanismos governamentais, por vezes o utilizaram em benefício de seus interesses privados.

Em decorrência dessa forma de gerenciar os interesses coletivos da sociedade, constituíram-se maneiras de relação com a política, pautadas em uma forma de “troca de favores”, prática essa conhecida como clientelismo.

Para Carvalho (1997) o clientelismo indica um tipo de relação entre atores políticos que envolvem concessões de benefícios públicos, na forma de empregos, benefícios fiscais, isenções, em troca de apoio político, sobretudo na forma de voto. Ainda para o autor, as relações clientelísticas, nesse caso, dispensam a presença do coronel, pois ela se dá entre o governo, ou políticos, e setores pobres da população. Deputados trocam votos por empregos e serviços públicos, que conseguem graças à sua capacidade de influir sobre o Poder Executivo.

Nesse sentido, é possível mesmo dizer que o clientelismo se ampliou com o fim do coronelismo e que ele aumenta com o decréscimo do mandonismo. À medida que os chefes políticos locais perdem a capacidade de controlar os votos da população, eles deixam de ser parceiros para o governo, que passa a tratar com os eleitores diretamente a relação clientelística.

Analisando um contexto de formação desse cenário no Brasil, em decorrência da colonização portuguesa, Raimundo Faoro expõe o que ele chama de capitalismo político.

Segundo Faoro (2001), o domínio tradicional do campo político se configura no patrimonialismo, quando aparece o estado-maior de comando do chefe, junto à casa real, que se estende sobre o largo território, subordinando muitas unidades políticas. Sem o quadro administrativo, a chefia dispersa assume caráter patriarcal, identificável no mando do fazendeiro, do senhor de engenho e nos coronéis. Em um

estágio inicial, o domínio patrimonial, desta forma constituído pelo estamento, apropria as oportunidades econômicas de desfrute dos bens, das concessões, dos cargos, em uma confusão entre o setor público e o privado, que com o aperfeiçoamento da estrutura, extrema-se em competências fixas, com divisão de poderes, separando-se o setor fiscal do setor pessoal.

O patrimonialismo pessoal se converte em patrimonialismo estatal, que adota o mercantilismo como a técnica de operação da economia. Daí se arma o capitalismo político, ou capitalismo politicamente orientado.

Essas relações, que procuram garantir os interesses de grupos sociais, afiguram-se também de maneira personalista e clientelista. A personalista tem como característica centralizar na figura de um líder os poderes do seu partido, ou grupo que ele representa.

O conceito de personalismo está atrelado a uma relação de uso do carisma na cultura política, a posição privilegiada do sujeito no campo político e principalmente a operação de um modelo de prática e discurso que centraliza em sua pessoa os benefícios por ele concedidos à sociedade.

O personalismo pode ser aplicado não apenas ao campo político, mas também para o campo jornalístico, que nessa pesquisa está representado pelo colunista Adail Inglês, que sobre a forma de um “pai e guia” para os leitores, dirige seus comentários a orientar moralmente para o caminho “correto” ao eleitor.

As características personalistas e paternalistas abrigam um conceito em comum, que é a da personificação do poder, segundo Codato (1991), no Paraná, a partir de 1945, configuram-se questões que envolveram a nacionalização dos partidos políticos, tendo como tônica a personificação do poder. A relação que esse aparato de poder estabelece com o setor produtivo agrário, predominante no estado, será em torno da legitimação dos partidos políticos, o que significa em grande parte, a projeção do conflito da propriedade da terra, acirrado e constante, para as campanhas partidárias. O nascimento dos municípios paranaenses liga-se às questões de conflitos em torno do reconhecimento da posse e da legitimação da propriedade da terra.

A prática personalista está relacionada às maneiras de agir e mobilizar as massas, em torno da centralização do capital simbólico em um sujeito. Esse sujeito, então, representa no campo político os desejos de um dado grupo, que muitas

vezes, defende os seus interesses privados, configurando-se naquilo que Faoro (2001) denomina como patrimonialismo.

Essa forma conduzida pelos políticos concentra-se em operar o discurso sobre determinadas camadas da sociedade menos favorecidas, explorando o assistencialismo e a troca de favores por votos.

Outro personagem desse momento, e que melhor representa no campo jornalístico o conceito de personalismo, é o jornalista e ex- político Adail Inglês. O colunista ao deixar o *Jornal da Manhã* em 1986, cria no ano seguinte o *Diário da Manhã*, transformando-se em editor chefe, proprietário e principal colunista do veículo.

Inglês constituiu os espaços das colunas dentro do jornal, de modo a destacar a sua opinião e as dos demais colunistas. Todas as colunas possuíam foto e assinatura de quem as escrevia, ou seja, o discurso era centrado na imagem desses sujeitos.

Essa era a perspectiva do Diário da Manhã, que buscava centralizar o discurso nas avaliações prescritivas de seu proprietário, pois era por meio de suas colunas que Adail Inglês descrevia como o leitor deveria observar o cenário político, em quem ele deveria votar, onde determinados candidatos estavam errando em sua campanha e o que eles deveriam fazer. A coluna era o principal canal de expressão normativa que Inglês utilizava para com seus leitores.

Canto juntamente com Adail Inglês representaram, em campos diferentes, referências na política em Ponta Grossa dessa conjuntura marcada pela personificação do poder e a utilização de estratégias paternalistas, que exercendo uma forma de poder simbólico, combinavam um discurso normativo a uma liderança carismática.

CAPÍTULO IV

4. Momento eleitoral nas páginas dos jornais em Ponta Grossa: as representações das colunas *TV mídia, Expressões, Opinião* e *DC*

Na cobertura do processo eleitoral, a maioria dos jornais apresentam o mesmo padrão de notícias políticas, ou seja, eles fornecem ao leitor fatos, dados estatísticos e feitos realizados pelos candidatos durante o processo eleitoral, de maneira geral, as informações para embasar o leitor do quadro de disputa política do momento. Isso ocorreu também nas eleições de 1992, 1996 e 2000.

Refletindo sobre esse assunto, vislumbraremos a seguir, a forma discursiva construída pelos colunistas sobre o processo eleitoral, objetivando descrever as representações criadas pelas colunas, através de seu discurso avaliativo do campo político em Ponta Grossa.

Assim, no *Jornal da Manhã* (JM), as colunas que objetivaremos a análise no período de 1992, denominam-se “Expressões” e “TV Mídia”. Contudo, no ano de 1996, com o encerramento da coluna TV Mídia, focaremos nosso olhar apenas na coluna “Expressões”.

Visto isso, é importante ressaltar que as colunas políticas do *Jornal da Manhã* ficavam a cargo do jornalista que estava produzindo a matéria do dia, que também era responsável pelo setor de política, no qual o mesmo fazia reportagem, matérias, etc.

O conteúdo destinado a esse espaço era aquele predominante da especulação política, e não tendo necessariamente compromisso de veracidade com as fontes.

Já a coluna *Expressões,* por possuir um ocultamento da figura do colunista, oscilava em suas posições políticas, devido a possível rotatividade de jornalistas que assumiam sua redação.

Com relação à localização espacial, a coluna *Expressões* está disposta na parte inferior direita das páginas políticas, especificamente na página 3, ocupando ¼

de página, ela apresenta um conjunto regularmente de sete pequenas notas, em média de quatro linhas, dentro do espaço destinado à política.

Sendo aí descrito diariamente em seu conteúdo, fatos envolvendo o governo estadual e o local. Sua característica discursiva está predominantemente expressa de maneira informativa.

Devido a isso, nossa análise será feita, quando aparecer em seu texto um caráter mais opinativo do colunista, falando sobre o processo eleitoral para prefeito.

Abaixo uma imagem da localização da coluna *Expressões* dentro da sessão política:

ELEIÇÃO 92

CLIMA ELEITORAL NÃO PEGOU EM PONTA GROSSA

PRORROGADO PRAZO DE CONCURSO DE ENSAIOS

Jornal da Manhã

Expressões

Jornal da Manhã – 10/09/1992 – página 3

Já a coluna “TV Mídia”, está disposta no canto inferior direito da página política e foi constituída apenas no período eleitoral de 1992, mais exatamente no dia 18 de agosto de 1992.

Abaixo a localização do espaço destinado a *TV Mídia*:

Objetivas

Fachada

Grandes out-doors começaram a ser colocados, na praça Barão do Rio Branco.

A última esperança é que não entrem o trecho, com propaganda eleitoral.

Pontapé

Com a "largada", ontem, dos programas gratuitos na TV e no rádio, a campanha pode esquentar bastante.

Ou esfriar de vez.

Sessão comédia

A maior parte das intervenções, especialmente de candidatos a vereador, acabou revelando-se prato perfeito para quem planejava assistir a um programa humorístico. E nem era preciso pagar taxa de locação.

Geral

É a festa dos ataques já começou: por Tibagi. Conta que o diretor de uma escola estadual teria sido destituído do cargo, por pressões políticas.

Impeachment

No grave caso, nem mesmo o vice escapou: chamaram uma terceira pessoa para comandar a escola.

A propósito

Falando nisso: como vai a "democracia" das escolas públicas, e a aplicação da escolha direta dos diretores, como manda a Lei Rubens Bueno?

Inova

Candidato a vereador pelo PMDB, Roberto Mongruel foi o melhor, na estréia do horário gratuito. Sua proposta de "comitês de assessoramento" ganhou aplauso geral.

Só mesmo 1/4

Do "bilhão de Cruzeiros" prometidos para concluir o IML princesino, o governo do Estado sumiu com 3/4. O valor máximo das propostas constante do edital de concorrência já publicado, é de apenas Cr$ 259.741.496,66. Ou seja, pouco mais de 25% do valor inicialmente anunciado.

Muito mais

Apenas a título de comparação de valores: dias atrás, outro edital de concorrência previa a contratação de empresa para obras de reparo no Instituto de Educação Professor Cezar Prieto Martinez, também em Ponta Grossa. Valor máximo: Cr$ 308.808.985,49.

Viável

Se não houver nenhum tipo de impugnação ou questionamento, pode ser divulgada esta semana uma nova pesquisa de intenção de voto, feita em Ponta Grossa.

Dúvida cruel

Por quê motivo os candidatos do PFL à Câmara princesina não tocam no nome do candidato a prefeito apoiado pelo partido, Paulo Cunha Nascimento (PDC), nos programas gratuitos na TV?

Visita

O candidato a vereador pelo PST, Hilário Devicchi, esteve ontem em visita à Redação do JORNAL DA MANHÃ, quando apresentou alguns pontos de seu plano de ação.

WSW • LUIZ RODRIGUES WAMBIER • JOSÉ ELI SALAMACHA • CARLOS WERZEL
ADVOGADOS ASSOCIADOS
DEFESAS PENAIS FISCAIS
Rua Cel. Bittencourt, 525 - Tel. 23-6677

PROPOSTAS DIFERENCIAM CANDIDATOS À CÂMARA

As candidaturas à Câmara Municipal, em quase todas as eleições, parte de premissas que nada tem de técnicas. Os candidatos surgem da população por forças de impulsos egoístas, ou por terem um círculo de amizades relativamente grandes, ou para satisfazer ambições pessoais, ou ainda para garantir um ingresso, pela porta da frente, no fabuloso e mítico templo denominado "Poder". Há porém, uma minoria que de fato se credencia para o trabalho de representar a comunidade no Legislativo, e que, por força mesmo de suas convicções, apresenta-se candidato justamente para contrabalançar o ingresso de despreparados e caçadores de notoriedade, nos cargos eletivos. Essas, via de regra apresentam-se diante do eleitorado já com propostas viáveis, pouco se importando com o tratamento que a oposição, o adversário dentro da legenda, ou mesmo a crítica possa lhe dar.

Um exemplo de candidato "com programa", e que deu certo é o vereador (e candidato à reeleição) Messias Carneiro de Moraes (PL). Médico psiquiatra, Messias decidiu aplicar sua formação profissional no desenvolvimento de programas comunitários de saúde, e na instalação de uma ponta-de-lança liberal no Legislativo. Foi eleito com tranquilidade. Mesmo em "viagens" ideológicas e filosóficas, como o seu último projeto, que trata do planejamento familiar, Messias tasquilhamente granjeou respeito por ter desempenhado um trabalho sério e desprovido de amarrações.

Outro exemplo dos que buscam a reeleição já com um trabalho em andamento é o vereador David Pilatti Montes (PDC). Ex-presidente da Câmara e da Associação de Câmaras da região, David teve participação importante nos projetos que trataram de proteção à natureza, na cidade. Foi por impulso dele, também, que os trabalhos da Comissão de Elaboração da Lei Orgânica Municipal conseguiu levar seu trabalho a bom termo. Empenhado em moralizar o Legislativo, [illegible] mou por manter a Câmara como um ocaso de ganhos marcado, durante sua gestão de dois anos, impasses técnicos ou controvérsias pessoais entre os vereadores. Com grandes ligações com o meio rado (foi presidente da ACIPG) David certamente idéias viáveis e lógicas, para um segundo mandato na Câmara.

Dentro da mesma linha respeitosa [illegible] David, segue o ex-gerente do Banco do Brasil em Ponta Grossa, Hilário Devicchi (PST), que tenta pela primeira vez uma Cadeira no Legislativo Municipal. Com um conhecimento vasto dos trâmites [illegible] Hilário parte para a campanha com projetos de [illegible] tude, como é o caso do mercadão popular, e [illegible] gias para fomentar o incremento na produção [illegible] frutigranjeiros no município. Ampliando seu [illegible] atuação para outras áreas, Hilário concebeu [illegible] factíveis e de baixo custo, que, uma vez de [illegible] conseguindo sensibilizar seus eventuais [illegible] gas de Câmara, podem ser implantados gerando [illegible] fícios imediatos e diretos à população.

Já o jovem engenheiro Roberto Mongruel [illegible] puta uma cadeira na Câmara pelo PMDB, e que com o poderoso apoio do seu pai, o ex-deputado [illegible] dual e ex-secretário da Justiça, Trabalho e Ação [illegible] Odeni Mongruel, representa o que os "[illegible] mais jovens podem trazer à comunidade. Uma [illegible] revolucionária de Mongruel, e que já está sendo [illegible] campada pelos diversos "comitês de organização" [illegible] onde, através de grupos de profissionais liberais [illegible] ranças classistas, os assuntos técnicos serão [illegible] melidos à apreciação de profissionais diretamente [illegible] dos às áreas afetadas, garantindo assim maior [illegible] tração das soluções empregadas, e medida [illegible] ter parte dos membros das comunidades beneficiadas.

PAULO ACREDITA EM CRESCIMENTO DO PFL

Acompanhando de perto o desenrolar da campanha eleitoral em todo o Estado, na condição de secretário-geral do Diretório Regional do PFL, o deputado estadual Plauto Miró Guimarães Fº (PFL), líder da bancada na Assembleia Legislativa, mostra-se confiante no desempenho eleitoral de sua agremiação. "O PFL disputa muitas prefeituras com candidatos próprios, e participa de coligações em outras tantas, além de ter, ainda, vários candidatos a vice-prefeito e centenas de postulantes a Câmaras Municipais. E as perspectivas são boas na maioria dos municípios em que participamos, direta ou indiretamente, das disputas", assinala o parlamentar.

Na região dos Campos Gerais, de sua influência direta, Plauto destaca a participação do PFL com candidatos próprios em Ipiranga e Palmeira, onde tem como [illegible] vitórias de Pedro Inês [illegible] Blum, o Dulce de Freitas, [illegible] vamente. Ele também vê com [illegible] ásmo as campanhas de Paulo [illegible] taba Nascimento (PDC) em [illegible] Grossa, e de José Tibagy de [illegible] em Tibagi, que contam com o [illegible] do PFL, além de outros par[illegible] "São duas candidaturas em [illegible] ascenção e que, ao que tudo [illegible] sairão vitoriosas", sentencia.

TV MÍDIA

A "inauguração" da propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão foi ontem. Mas bem poderia ser hoje, ninguém sentiria falta. À parte poucos candidatos com palavreado acessível, idéias inteligentes e desenvoltura diante das câmeras, o programa foi abaixo de crítica. Dos candidatos a prefeito, apenas Djalma de Almeida Cesar (PMDB) não deu o ar da graça. Entre os demais, dois destaques: o positivo, a excelente produção do programa da coligação "Fé, Amor de Trabalho", e o negativo, pelos horrendos cortes na fala do candidato a prefeito pelo PT, Roque Zimmermann.

Os grandes "astros" dos programas de ontem, contudo, foram os candidatos a vereador. A grande maioria insistia em apelos patéticos: preciso do seu voto, do seu apoio. E faziam promessas genéricas: vou trabalhar para você, por você. Pelo menos metade deles anunciou, na telinha, que simplesmente "não tinha promessas", como se isso os credenciasse a falar sério.

Alguns partidos não conseguiram se convencer de que propaganda na TV conta, para o eleitor, é muito.

TV MÉDIA

Algumas cenas do programa eleitoral [illegible] marcaram a manhã de ontem. Do PRN, o quinto candidatos a vereador parecia super-assustado com a câmera de televisão, além de alguns naturais [illegible] português. Teve um que até esqueceu de dizer onde era. A candidata do PDS, Mira, olhos [illegible] ra, enquanto uma voz dava todos os seus dados, que sinceramente daíxou a cena política bem [illegible] lha. O PST entrou de sola nos seus candidatos a vereador, e teve um que veio com "sonho [illegible] eleja diferente". De diferente não teve nada. O candidato do PDC se enrolou mais que macarrão [illegible] sendo que se chamava assim, mas poderia ser [illegible] mado desta maneira ou então de outra. Pobre [illegible] que também se enrolou. E do PL? Ela que apoia [illegible] deputado Dalton machista, somente para se [illegible] dos, pois a farsa da convenção do partido [illegible] ceu de colocar seu nome na TV. Bem, como [illegible] ca anda meio sumidinho, muita gente deve ter [illegible] guntado quem seria aquela figura liberal [illegible] defendeu a diminuição dos impostos. Para [illegible] com o humor do eleitor, a Papa Que Vem de [illegible] trasse um programa bem pitoresco, [illegible] seus candidatos a vereador, em que ponha [illegible] ram. Enfim, foi de doer, e de rir ao mesmo [illegible] alguns candidatos a vereador. E já [illegible] erado. "E vamo assistir mais programa político".

JORNAL DA MANHÃ – 10/09/1992 – página 4

A coluna surgiu sem nenhuma nota introdutória de seu aparecimento e objetivo, relatando apenas o primeiro dia dos programas políticos na televisão em Ponta Grossa. Abaixo entraremos na análise específica da cobertura política feita pelas colunas.

4.1 A Coluna *TV Mídia* no *Jornal da Manhã* em 1992

Na primeira matéria da coluna, já podemos perceber os desejos e anseios do imaginário jornalístico sobre esses programas eleitorais:

> **“E começou o horário eleitoral gratuito na televisão! Para quem estava esperando algo de outro mundo, com efeitos especiais, mensagens consistentes, mensagens artísticas, e outras coisas mais, teve uma grande decepção”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 18/08/1992)**

> **“Provavelmente nessa primeira semana, os programas não estejam perfeitos, aquilo que o eleitor espera. Várias dificuldades ocorreram nesse inicio, como acerto das aparelhagens, sistema a ser utilizado, expectativa popular, etc. Não foi um bom primeiro dia, os partidos terão que inovar e muito para atrair o publico leitor para sua atenção, e não para as locadoras de vídeo”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 18/08/1992)**

Como notado, a coluna “TV Mídia” foi criada com o objetivo de analisar os programas eleitorais televisionados, fato importante ocorrido naquele período, pois na eleição anterior, mesmo já presente as propagandas políticas na televisão, os recursos tecnológicos ainda se apresentavam bem limitados.

Já nas eleições de 1992, com o maior investimento de determinados candidatos na realização desses programas, o aparecimento de novas tecnologias, cria-se um imaginário coletivo na imprensa de que, em tese, a forma como os políticos iriam operar discursos a partir desse cenário televisivo transformaria a disputa política do momento, que estava sendo realizada predominantemente através dos comícios e da fala direta dos políticos aos eleitores.

Entendemos que nesse momento a política brasileira e também local intensificou suas imagens por meio da mídia televisiva, que os comícios e práticas políticas de espaços públicos tradicionais começam a dividir espaço com a propaganda via televisão, formando aquilo que se chamou de palanque eletrônico [5].

Nesse período a linguagem publicitária e o marketing estavam potencializando o jogo político, com novos elementos para a divulgação de suas ideias, plataformas e projetos, transformando assim, sob uma nova forma, as relações entre os políticos e os eleitores.

Visto isso, a escolha da análise do dia 1 de setembro a 5 de outubro, como recorte temporal, parte da suposição compartilhada de que por ser o último momento antes do resultado das eleições é o período no qual se concentra o maior esforço na tentativa de conquistar o público de eleitores, nesse sentido maximizando os discursos em torno desse momento importante para a democracia.

Partindo desse recorte espacial e temporal, pensaremos o momento de 1992, em Ponta Grossa. Como dito anteriormente, esse período foi composto pelo grupo das forças tradicionais do executivo rural, personificadas em Otto Cunha, Pedro Wosgrau Filho e Paulo Cunha Nascimento, que venceram sucessivamente nas eleições para prefeito de 1982,1988 e também em 1992.

Do outro lado tínhamos as forças da aristocracia do governo do Paraná, representado sobre a figura de Djalma de Almeida César, que foi derrotado nas eleições de 1988 e 1992, e também Luiz Carlos Zuk e Roberto Mongruel.

Já o resultado do processo eleitoral desse ano foi: Adail Inglês, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) conquistou 5700 votos, Djalma de Almeida César, da coligação (PMDB), conseguiu 36 mil votos, Roque Zimmermann, do Partido dos Trabalhadores (PT), chegou a 21 mil votos e Paulo Cunha Nascimento (PDC) obteve 45.503 votos, vencendo a eleição.

Enfim chegamos às representações da coluna *TV mídia*, espaço esse que foi constituído no intuito de fazer uma cobertura das propagandas políticas, que começavam a se intensificar para o formato televisivo naquele momento. E no início de setembro estava publicado:

[5] Forma alternativa de divulgação de propaganda político-partidária, realizada por meio de telões ou outros recursos audiovisuais assemelhados, de modo a prescindir da presença do candidato no palanque político.

“ATAQUES”

“O programa eleitoral chegou a níveis insuportáveis. O eleitorado não merece tanto. O lixo, a sujeira, o cinismo, e às vezes a mentira, estão presentes em cada take, em cada bloco, em cada afirmação. Vinculações espúrias, muita má fé, ataques gratuitos e despropositados”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 02/09/1992)

Nessa publicação, a coluna inicia atacando amplamente os candidatos e principalmente a maneira conduzida durante a campanha, que ao invés de lançarem uma disputa de propostas políticas, acabaram por levar o discurso para um tom de confronto pessoal e pejorativo. A coluna ainda afirma:

“Os pronunciantes de conveniência ocupam grande parte dos programas, na vã tentativa de sugerir que o que é mostrado é verdade. Ora, ninguém em sã consciência acredita em tudo o que vê, especialmente nos programas eleitorais e nas enquetes mostradas quase que diariamente”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 02/09/1992)

Em uma linguagem de denúncia, a coluna expõe que inserir nos programa de debate pessoas é uma estratégia para legitimar a imparcialidade dessa discussão, que ela afirma ser apenas uma “vã tentativa”.

Posteriormente a coluna prossegue em seus ataques:

“ESTRATÉGIAS”

“A campanha eleitoral da TV não podia ser pior. Não se pode mais falar em nível, já que o programa da coligação “A força que vem do Povo” renunciou a essas indagações de estofo moral. Não há mais restrições, depois que se iniciou a fase de baixaria, não há quem segure. Seria interessante que se tomasse uma providencia para não expor a população princesina a essa perniciosa influência”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 02/09/1992)

A coluna em um tom de protesto sugeria que algum órgão de fiscalização política tomasse alguma atitude, com relação às propagandas políticas televisivas, pois elas, na condição de mecanismos de grande influência negativa, poderiam

determinar o rumo das eleições em Ponta Grossa. A coluna deseja intervir, normatizar, modificar a forma como está sendo conduzida a campanha pela TV.

Segundo ela:

"PROPAGANDA"

"São os programas como os apresentados nos três últimos dias, pela coligação 'A força que vem do povo' que vendem a imagem de sujidade da política. E que impedem que o cidadão honesto e integro acredite nos políticos". (Jornal da Manhã, p. A-3, 03/09/1992)

Agora, a coluna do JM refere-se diretamente ao candidato que desagrada completamente sua visão política: ele se chama Djalma de Almeida César, que estaria poluindo o processo eleitoral com suas propagandas políticas.

Nessas representações notamos o impacto que as propagandas políticas televisionadas do processo eleitoral de 1992 foram recebidas pelo *Jornal da Manhã*, que segundo ele, estava tomada por uma onda de personalismo e encenação política. E que se refletiu também em outra coluna do mesmo jornal intitulada "Fugir do Vício", a publicação dizia assim:

"O Brasil sofre as conseqüências de um vício histórico. O tumultuado processo de impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, ações significativas no ministério, baixa geral na habilidade dos políticos, etc. Representam apenas a imagem de um sistema já há muito tempo viciado... Não são os eleitores que erram, mas sim, os eleitos, ao desprezar a confiança neles depositada, em forma de votos". (Jornal da Manhã, p. A-3, 03/09/1992)

"O processo eleitoral local"

Aqui a coluna do JM propõe uma reflexão sobre a eleição local, que segundo ela, é fruto de uma conjuntura histórico-política mais ampla, que culminou na queda de Collor e que retraduz a fragilidade do campo político brasileiro, por possuir agentes que atuam nele de maneira incompetente, desqualificando-os de forma direta.

A coluna ainda segue:

“**A campanha eleitoral em Ponta Grossa é sinal claro de que a cidade corre o risco de cair em uma degradação sem precedentes. Um dos candidatos usa colocações inviáveis para manter-se no topo das pesquisas. Faz cobranças irresponsáveis, e não está em seu currículo nada que o indique como melhor opção. Mesmo assim encanta o eleitorado. Saberá o eleitor distinguir o joio do trigo?... O risco de eleger-se alguém que não tenha respeito pelas suas bases é muito grande, o risco da cidade cair para o entreposto partidário é imenso”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 03/09/1992)**

“Campanha Enganosa”

A coluna do JM prossegue em seu discurso contra os programas eleitorais, e principalmente de determinados políticos, como Djalma de Almeida César, desqualificando-o como propagador de uma campanha enganosa. E evoca ao leitor no sentido de sua escolha ao voto, que não poderia ser com relação ao candidato Djalma.

Mais a diante a coluna, revela-nos quem é o foco principal de suas críticas, e inicia seu discurso com um título “Respostas cretinas para perguntas imbecis” e diz:

“Há dois dias vimos os locutores do programa PMDB procurando descobrir impossíveis obras de Paulo Nascimento (PDC), na cidade, ouvindo a população. Anteontem, foi o troco. Repórteres do programa do PDC fizeram o mesmo trajeto, só que invertendo o sujeito das perguntas. Alguém se lembra, na cidade, de alguma obra de Djalma César? Logicamente que não. Porque Djalma fez nome inaugurando obras creches, oriundas do programa gralha azul (que não foi ele que inventou nem trouxe), obras normais do governo do Estado. E não se sabe de nenhum emprego, fóra cargos públicos, que o ilustre candidato tenha proporcionado à cidade. Com o agravante de ter sido, o próprio candidato, secretário do trabalho do atual governo do estado. Como se não bastasse o fraquíssimo currículo exibido pelo candidato, ele se perde em programas que só tratam de ataques ao seu oponente. Nem mais propostas ele apresenta”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 03/09/1992)

Nessa coluna o JM lança acusações sobre o capital político de Djalma, tentando desconstruir a imagem do candidato, que segundo a coluna, o candidato estaria se utilizando de méritos advindos de possíveis ações na construção de obras, mas, que segundo o Jornal, não seriam nada além de projetos já oriundos do Governo Estadual. O discurso ainda ressalta negativamente a inexistente proposta de campanha do candidato.

"Eleitor"

O foco principal de crítica da coluna *TV Mídia*, é a propaganda eleitoral ocorrida nos canais de televisão, uma novidade no período, e também um espaço, que para ela, era uma grande encenação entre atores políticos.

Nas representações da coluna, notamos que o imaginário representado para os leitores era de que os programas eleitorais acabariam por confundir os eleitores, ao invés de contribuir para um maior conhecimento de suas propostas.

Nesse momento o JM já temia um enorme número de votos nulos e brancos, em decorrência desses fatores ocasionados por essa nova forma de divulgação política. E isso, os levou a uma enquete em 05 de setembro, com alguns eleitores nas ruas de Ponta Grossa. E uma das perguntas feitas para o eleitor era:

"'João, que idéia teria para inovar o horário gratuito?'
- Acho que deveria haver um encontro de todos os candidatos na televisão, frente a frente, para que todas as dúvidas fossem retiradas. Com isto, saberíamos de forma mais direta quem realmente tem idéias apropriadas. Além do mais, sempre existem certas colocações mais duras, mais críticas, e a cobrança da população fica mais fácil depois". (Jornal da Manhã, p. A-3, 05/09/1992)

Nota-se então que no imaginário do eleitor a melhor alternativa democrática é o confronto direto na televisão, que supostamente seria um cenário neutro e desprovido de direcionamento e nesse cenário idealizado eles estariam vendo e ouvindo suas reais propostas ou posições políticas.

Faltando quatro semanas para as eleições, o JM apontava em suas pesquisas de intenção de voto, os candidatos Djalma de Almeida César (PMDB), e Paulo Cunha Nascimento (PDC), como os dois grandes favoritos a ganhar as eleições de 1992, para prefeito de Ponta Grossa.

“Propagandas”

Como visto nas representações do JM, as propagandas eleitorais estavam tomando um tom personalista e de ataques pejorativos, notando isso, o campo jurídico se manifesta e toma medidas legislativas para o fenômeno, e na coluna *TV Mídia* estava publicado:

“Com a decisão do juiz eleitoral José Mario Cordeiro do Amaral, da décima quarta Zona Eleitoral, a propaganda eleitoral pode mesmo, na radio e na tv, transmitir alguma coisa que preste. Está decretado o ataque geral nos programas gratuitos. O que é bom para todos: para o eleitorado que não será tangido ou compelido por colocações ácidas. Também será bom para os candidatos, que se verão obrigados a apresentar alguma coisa palpável, para tentar convencer os eleitores, sem cair no lugar comum do ataque gratuito”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 06/09/1992)

“O voto”

No seguir dos acontecimentos, o JM publicou uma matéria intitulada “A cultura e o voto”, e nela estava escrito:

“A prática de atitudes descompromissadas com o real interesse da comunidade, e a execução de planos divorciados da necessidade mediata e imediata podem ou não ser a marca de uma estirpe política, neste ou naquele momento dominante. Cabe ao eleitor, na avaliação precisa dos feitos efetivos, deste ou daquele candidato, optar por um pallativo e uma solução, entre um emérito contador de histórias e um digno sucessor de uma administração produtiva; um amigo de um piadista e o colaborador de um administrador”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 07/09/1992)

“Processo Eleitoral”

Nessa matéria o JM continua em seu discurso de crítica ao período eleitoral e principalmente a todo o sistema político democrático, problematizando o desinteresse da esfera política com a realidade social, principalmente aos estratos mais pobres. E vendo essa questão, o JM inicia um discurso de conselho ao seu

leitor, delegando a ele, por meio de significações que estão no imaginário social, o dever do discernimento entre um político “piadista e contador de histórias” e seu modelo ideal de político, o “administrador produtivo”, ou seja, um símbolo relacionado ao sistema capitalista e seu modelo de gerenciamento.

Na coluna do dia 08 de setembro, ela aponta uma insatisfação na cobertura do processo eleitoral e busca uma comparação ao processo de Curitiba e diz:

“Da-lhe briga. Como já estamos cansados de criticar e observar os programas de Ponta Grossa, que para nossa insatisfação estão chatos, resolvemos dar uma olhada no de Curitiba, e sem dúvida alguma é um banho de propostas, idéias, e de pessoas que pelo menos sabem na televisão”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 07/09/1992)

A coluna ainda completa:

“Por aqui, sem novidades, e, aliás, será que nossos candidatos vão topar a idéia de um bate papo ao vivo na televisão, ao invés desse horário político, para que tiremos nossas dúvidas”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 07/09/1992)

“Coligação”

Percebemos então, que o caminho que o JM busca para o um esclarecimento do processo eleitoral e para um voto mais consciente é mesmo o “debate ao vivo”, que para ele, é o melhor espaço para a construção da opinião política.

Com o decorrer dos dias, a coluna do JM “TV Mídia” inicia uma avaliação das propagandas políticas feitas pelos partidos, e nela muda seu posicionamento político com relação ao partido de Djalma de Almeida, amplamente criticado pela coluna até então. Nela dizia:

“O programa da coligação “A força que vem do povo”, nas últimas duas semanas apresentou uma melhora impressionante. Com vinhetas bem acabadas, recursos telemétricos, alguma audácia e muito dinheiro, supostamente, o programa revela-se como o melhor, no franquíssimo horário eleitoral na televisão”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 07/09/1992)

“Propaganda Política”

A coluna apresenta as críticas positivas focadas principalmente no caráter técnico das propagandas produzidas pelo partido de Djalma, que antes, segundo ela, estavam em um nível inferior a essa atual. Na mesma coluna ainda dizia:

“Talvez seja essa sensível melhora, nos programas gravados, a justificativa para o entusiasmo dos djalmistas. O programa do PTB não só se tornou cansativo, face ao palavrório sem imagens, porque é fácil de compreender que os recursos para aplicar na companha televisiva são escassos. Mesmo assim, um pouco de empenho em sair do formato “fala, fala, fala, fala” não faria mal a ninguém. O programa do PT peca não pela falta de recursos, mas pela falta de originalidade: contando com vinhetas “importadas” do PT nacional, o partido poderia deixar o ‘povo falar’”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 08/09/1992)

“Propaganda sem criatividade”

O discurso da Coluna do JM, em seguida aborda a propaganda do partido de Adail Inglês, onde o colunista do DM, que segundo ela, traz uma propaganda sem muita criatividade e expressando a carência de recursos econômicos, contudo, esses fatores não determinariam o baixo índice de qualidade da propaganda, mas sim, pela repetição das vinhetas vindas do PT nacional.

No dia seguinte, ela prosseguiu seus ataques centrando-se na forma como os políticos falavam errado.

“Por favor, na próxima eleição municipal, um pedido de toda população princesina “APRENDAM A FALAR”, obrigado. Não dá para nossos pobres tímpanos aguentarem mais tantas palavras que não são entendíveis, ou erros de português que já devem ter matado meia dúzia de professores de gramática. E olhem que tem gente falando errado com curso superior, não são apenas as figuras tarimbadas”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 09/09/1992)

“O lugar do discurso da coluna”

A coluna se posiciona de maneira a localizar o seu próprio discurso, como se fosse o espaço direto da população, onde ela transmitia com exatidão os anseios

dos eleitores. E revela uma concepção preconceituosa a formação cultural do povo, manifestando aí um juízo conservador. Apontando erros que deveriam ser imediatamente corrigidos pelos políticos.

Como estamos percebendo o JM está criticando constantemente a programação do horário eleitoral de 1992. Nesse sentido, o jornal procura uma saída para essa falta de informação política de qualidade exibida nos horários eleitorais e na coluna *Expressões* do dia 12 de setembro dizia:

“Com Certeza: Roque foi o primeiro até o único momento a aceitar o desafio, e disse, que somente com o debate ao vivo, em que os candidatos ficam ‘cara a cara’ que a população terá uma idéia clara de como são as propostas para a cidade. Agora resta aguardar, e ver se os demais também aceitam essa ideia”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 12/09/1992)

“Provocação”

No título da coluna o JM já demonstra seu posicionamento discursivo de provocação, que é de tornar o debate ao vivo como a saída mais democrática e positiva para os eleitores. Sendo a alterativa mais indicada para sua frustração ao programa eleitoral, que estava sendo transmitido na televisão.

Como observado, o JM criticava o horário eleitoral de 1992, e fazia uma avaliação para o leitor, dizendo:

“Que idéias você tirou dos programas eleitorais até agora apresentados? (...) As figurinhas carimbadas deram um verdadeiro show nesta eleição, tanto pelo ‘rico português empregado’, como pelas aparências mais estranhas. Sasá, Pantera, Frajola, etc. Se fosse feito o concurso para o pior candidato, os quesitos seriam o pior português, a cara mais engraçada, a mensagem mais idiota, o mais assustado, cara de pau, apelido estranho, outros detalhes. Todos têm direito a tentar uma candidatura, mas cá entre nós, tá aí um dos pecados da democracia, entra gente de todo o tipo”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 22/09/1992)

“O político ideal”

O JM direciona seu discurso sobre o horário eleitoral em um tom de preconceito linguístico e visual, atribuído a todos os políticos envolvidos. Com isso, percebe-se que o JM revela em seu texto um ideal de estrutura democrática, ou seja, para ele a o campo político não deve ser ocupado por pessoas desqualificadas de capital político e cultural, melhor dizendo, pessoas comuns. Revelando que em seu imaginário, um político deve ser dotado de capital intelectual, diferente dos demais membros da sociedade, para a coluna um político ideal deveria ser um profissional da política, igual um administrador de empresas.

No final da campanha política no meio midiático, a coluna *TV Mídia* faz um balanço do que foram para ela as propagandas políticas dos candidatos, e diz:

“Neste verdadeiro festival de baixarias em que até mesmo um dos lados considerados mais equilibrados passou a dar pau, não para tirar uma situação boa disso. É triste a atual política, ficando difícil comentar qualquer situação, porém existe uma situação positiva: o papel dos vices. Tiraram Masini da geladeira, e como sempre entrou para esquentar a briga pela prefeitura municipal. Paulo com um discurso não muito forte, não vinha bem. O mesmo com Djalma que cedeu a vez para Zuk. Destaque novamente para o padre Zimmerman, que no seu esforço de tempo limitado, consegue dar a mensagem, em um programa bem produzido. Adail inglês prejudicado pelo partido, leva como pode suas propostas. Seria interessante que uma virada nas propostas para a próxima eleição acontecesse”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 22/09/1992)

No dia seguinte a coluna faz outra reflexão sobre os horários eleitorais e disse:

“E que conclusão nós chegamos depois dessas semanas de políticos ‘invadindo nossas casas’? Talvez nenhuma, pois raros foram aqueles que falaram coisas coerentes. Cada um com cada promessa, que espanta até mesmo os mais otimistas”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 23/09/1992)

Nessas colunas manifesta-se um discurso profundamente descontente com relação aos horários eleitorais, como visto, nada se salvou nessa programação, a não ser a inserção dos “vice-candidatos” na campanha eleitoral. Essa realidade representada nas colunas podem ter sido afetadas também pelas medidas tomadas pela Justiça Eleitoral, que acabou limitando as propagandas dos candidatos.

Dias depois, a coluna do JM publica em seu texto uma resposta a possíveis ataques que recebera, por seu perfil de denuncia, nela notamos um discurso que procura reafirmar a coluna como um espaço puramente de crítica a política e diz:

“Esta coluna anda um perigo. Qualquer menção é um safanão. Então um esclarecimento aos senhores candidatos a prefeito: este é um espaço para a crítica pura, ou simplesmente daquilo que é mostrado ou falado na televisão. Só. Se alguém derrapar nós registramos, se alguém bobear nós estamos aí. E se alguém reclamar, tá reclamado. Simples como se vê”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 27/09/1992)

“O clima eleitoral”

Essa coluna demonstra o “clima” que atravessava o processo eleitoral, que as colunas do JM, ao que tudo indica, sofreram algum constrangimento devido ao seu discurso “crítico”. Nela revela-se também que isso ocorreu devido ao modo com que ela tem se comportado com relação as suas denúncias às propagandas eleitorais, novidade do período.

No último dia das propagandas eleitorais, a coluna *TV Mídia* conclui como foi produzidas as propagandas dos candidatos a prefeito da cidade:

“A apelação está no ar. Ainda bem que hoje é o último dia do horário eleitoral gratuito. Ninguém aguentava mais. Ataques frontais ou subliminares preencheram os horários das coligações ‘A força que vem do Povo’ e ‘Fé, Amor e Trabalho’. O PT esse tempo todo fez o que se esperava, mostrou sua cartilha ideológica, defendeu posturas, críticas diante do establishment, e pouca coisa mais. O PTB foi aquilo já visto. Entretanto o troféu cinismo

televisivo vai a Djalma de Almeida César (PMDB)". (Jornal da Manhã, p. A-3, 30/09/1992)

E, em tom de protesto, a coluna afirma:

"A cara de pau desse sujeito é fantástica! Ele acha que ninguém sabe nada nessa cidade, ou é impressão? (...) Descaramento é coisa muito feia. Djalma". (Jornal da Manhã, p. A-3, 30/09/1992)

Por fim, a última coluna que finaliza as publicações da coluna *TV Mídia* foi feita no dia 1º de outubro, e não apresentou nenhuma nota de encerramento ao leitor, mas sim, uma revisão do que foram os horários eleitorais para ela:

"Acabou o horário eleitoral gratuito. Felizmente encerrou-se ontem a noite, sem grandes alterações... No geral melhorou bastante, desde a última eleição, o nível dos programas apresentados no horário gratuito, embora algumas coisas ainda tenham ficado marcadas como, por exemplo, a inserção de programas de formato jornalístico, no horário das duas principais coligações. Os enfoques de entrevistas diárias permearam também boa parte dos dispendiosos minutos quotidianos da propaganda grátis. A partir de hoje, a propaganda segue outro rumo, felizmente não por força dentro de cada residência". (Jornal da Manhã, p. A-3, 01/10/1992)

Visto isso, pudemos notar que as representações do JM sobre o processo eleitoral, feitas pelas colunas, focaram na grande novidade da política naquele momento, ou seja, as propagandas políticas televisivas.

Segundo essas colunas, as propagandas políticas televisivas constituíram-se como o principal mecanismo utilizado pelos políticos para tomar contato com os eleitores, e também seria o local, na visão do JM, no qual seriam percebidas as reais estratégias políticas dos candidatos daquele momento.

As propagandas políticas televisivas foram representadas, não com a intenção de informar, mas sim, criar um espetáculo e dentro dele atacar seus concorrentes na disputa eleitoral. E dentre os candidatos o que sofreu maior número

de críticas pelo JM, foi Djalma de Almeida César, derrotado por Paulo Cunha Nascimento, seu principal concorrente.

4.2 A coluna *Expressões* do Jornal da Manhã em 1992

Nesse tópico, vislumbraremos a coluna política do *Jornal da Manhã,* denominada “Expressões”, no período de 1992, que como as demais colunas do JM, não apresenta em seu corpo a assinatura de seu colunista.

Visto isso, do dia 02 de setembro, estava publicado:

“Se na campanha de Pedro Wosgrau a onda era usar verde, na de Paulo Cunha todo mundo está de azul. Paulo não tira sua camisa azul, procurando de todas as formas bons fluídos”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 02/09/1992)

“As cores políticas”

A coluna revela a preocupação diante da estratégia de utilização das cores pelos candidatos para demarcar diferenças e ideologias. Como é o caso do PT, que sempre utilizou da cor vermelha em suas campanhas. Além disso, implicitamente a coluna demonstra a relação existente entre os personagens do mesmo grupo político, mas que não têm a mesma preferência.

Relatando assuntos variados no processo eleitoral, dois dias depois a coluna publicou:

“E o povão está pedindo um debate ao vivo, ao invés do horário eleitoral gratuito. Uma boa idéia, assim pelo menos não haverá torcida para atrapalhar o desempenho do programa”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 05/09/1992)

“A solução: o debate televisivo”

Como observamos, a coluna legitima a posição da escolha ao debate televisivo, levando o leitor a crer que esse debate é a saída mais democrática para essa determinada forma de propaganda política. E através de uma figura de linguagem, que ela denomina como “povão”, ela posiciona o discurso para que esse

idealizado debate ao vivo possa igualar as condições de disputa entre os candidatos.

No dia 09 de setembro, a coluna demonstra o seu papel seletivo na escolha dos candidatos, não citando nomes, mas revelando que a democracia e o sistema político não podem ser ocupados por qualquer pessoa, e diz:

“Para nossa alegria, muita gente sem a mínima condição está caindo fora da eleição, e esses desistentes são na maioria ‘aqueles que nem sabem falar’”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 09/09/1992)

Não obstante ao elitismo propagando nas representações da coluna, ela ainda reforça a ideia de que para ser um político ideal, ele deve possuir fundamentalmente a qualidade da oratória.

Como vimos, a coluna compreende que o estabelecimento do debate televisivo é a chance de apoderar os leitores de uma visão mais privilegiada da disputa política. Segundo ela:

“O debate na televisão como espaço privilegiado para a democracia”

“O candidato do PT Roque Zimermman, disse que aceita o debate na televisão com os demais concorrentes a prefeitura municipal. Roque foi o primeiro a aceitar o desafio, não pelo JM, conforme as entrevistas realizadas. Roque disse que somente com o debate ao vivo, em que os candidatos ficam “cara a cara” é que a população terá uma idéia clara de como são as propostas para a cidade. Agora resta aguardar e ver se os demais aceitam a ideia”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 12/09/92)

Ao que tudo indica, o Jornal da Manhã criou naquele momento uma pesquisa com seus eleitores para perceber se eles desejavam, ao invés de um programa eleitoral produzido em estúdios, um debate no espaço televisivo. Fato esse, como indicado pelas representações a cima, parecia ser inédito até aquele momento.

"O horário político televisivo como espaço da dramaturgia"

No dia 13 de setembro, a coluna reforça a imagem do horário eleitoral gratuito, amplamente criticada pela coluna *TV Mídia*, como um espaço teatral e de enorme sensacionalismo político:

"Para quem tem saudade do tempo dos pastelões, comédias a base de bolos na cara, nada melhor que assistir o horário político. Virou baixaria geral, em que aquele que mais jogar farinha na cara do outro, leva a melhor". (Jornal da Manhã, p. A-3, 13/09/92)

Outra característica apresentada pela coluna é a imagem passada ao leitor de sua privilegiada posição discursiva, ou seja, o colunista representa em sua fala como sendo uma testemunha ocular dos acontecimentos e também como estando inserido no meio da população, ouvindo-a:

"Nas conversas de bar, banco da praça, lojas, o comentário é o mesmo: 'não tenho candidato a prefeito'. Podem ter até algum parente que é candidato a vereador, mas quando chega a hora do prefeito, todo mundo começa a pensar no branquinho e no nulinho". (Jornal da Manhã, p. A-3, 20/09/92)

Passado quadro dias de publicações políticas de âmbito nacional e estadual, ela retorna a comentar sobre o quadro local:

"A coluna como a voz do povo"

"Chega a ser impressionante a quantidade de pessoas que não tem candidato a prefeito e nem para vereador. A maioria defende a tese de que depois dos escândalos de Collor, não dá pra acreditar em mais ninguém". (Jornal da Manhã, p. A-3, 24/09/92)

Percebe-se então, que o discurso da coluna opera a sua fala, ou está embasado em pesquisas de intenção de votos, ou no impressionismo de suas fontes, mas que remete a um número impreciso e de enorme proporção para o leitor.

No dia 27 de setembro, a coluna publicou uma nota criticando o candidato Giba, vice-prefeito de Roque Zimermann. O texto construía sua crítica em cima de uma proposta do político:

“O vice-candidato a prefeito pelo PT, Giba, disse que se Roque Zimermman for eleito, as crianças vão poder brincar nas ruas livremente. Pelo que sabemos não existe nenhuma lei que proíba as crianças de brincarem nas ruas. Giba estava desaparecido das telinhas, mas se era para aparecer e falar isso, continuasse sumido”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 07/09/92)

Aqui a coluna revela que seus discurso foi localizado visando apenas criticar o candidato, pois, nota-se que o político faz a sua proposta no sentido de minimizar a violência das ruas, e assim, podendo ter maior liberdade das crianças praticarem o lazer, ou seja, na tentativa de construir uma posição contrária ao candidato, a coluna levou a frase para um sentido não intencionado pelo mesmo.

Na coluna do dia 29, outra crítica é feita ao horário eleitoral:

“O horário eleitoral gratuito virou um verdadeiro quem pode mais. Ataques e denúncias, agora fazem parte do esquema, em que propostas básicas mesmo, foram deixadas de lado. Em outras palavras, tudo continua o mesmo”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 29/09/92)

Depois de percebermos as representações das colunas do JM, notamos que a crítica feita aos programas políticos em Ponta Grossa também era realizada por ela, não de maneira central e diária como na *TV Mídia,* e sim, ocasionalmente, levando a crer que as colunas políticas do JM se diferem em pouca coisa no quesito conteúdo.

A seguir focaremos a nossa análise no jornal *Diário da Manhã*, em específico na coluna política “Opinião”.

4.3 A coluna *Opinião* no jornal Diário da Manhã em 1992

A coluna “Opinião” do DM é o espaço central de discussão política, sendo produzida pelo seu proprietário e também candidato a prefeito das eleições de 1992, Adail Inglês.

Essa candidatura de Inglês provocou o afastamento temporário de suas atividades no jornal e sua substituição pela redatora Vanessa Zappia.

A coluna então era localizada na sessão de política do jornal e inserida na parte superior da página 3, contendo um título e um longo texto, que variava entre 6

Diário da Manhã Ponta Grossa, sexta-feira, 15 de setembro de 2000 **Política** 3

POLÊMICA

Denúncia do PT gera expectativa e preocupação

O programa da Coligação "Movimento Cidade Viva", formada pelos partidos PT, PMDB, PDT e PHS, levado ao ar pela televisão, no horário eleitoral gratuito de quarta-feira, mostrou, de início, uma denúncia do desaparecimento de documentos que se encontravam no escritório do deputado e candidato a prefeito Péricles de Holleben Mello, no Instituto "Cidade Viva". O fato acabou gerando expectativa por parte da população, especialmente do eleitorado pontagrossense, quanto ao desdobramento do fato denunciado, uma vez que os tais documentos, que foram citados não são de conhecimento da comunidade. Da mesma forma, gerou preocupação junto à população, pelo desfecho político da denúncia, pelo fato de ela ter sido apresentada em programa eleitoral, podendo, assim, ter muito a ver com o processo eleitoral.

Comunicado da Coligação Cidade Viva, do candidato Péricles, informa sobre desaparecimento de documentos

Comunicado

Diz o comunicado levado a público: "A coligação Movimento Cidade Viva, PT, PMDB, PDT e PHS, comunica à população pontagrossense, que desapareceram do escritório do deputado Péricles de Holleben Mello, no Instituto Cidade Viva, vários documentos referentes ao cadastro de pessoas que freqüentam a sede. Entre os documentos desaparecidos, encontram-se as fichas de verbas da Assistência Social da Assembléia Legislativa do Paraná, utilizadas em anos anteriores, bem como várias fichas assinadas pelo deputado a/ou pelos beneficiários desses recursos, que não foram utilizados. Também desapareceram as notas relativas à prestação de contas da verba de ressarcimento de despesas do gabinete do deputado Péricles Mello. Diante da possível utilização fraudulenta desses documentos, e como já existem informações de que isto já estaria ocorrendo, inclusive com a coleta de depoimentos de pessoas que desconhecem esse fato, o deputado Péricles Mello estimou com uma denúncia-crime junto ao Ministério Público. Além do pedido de investigações, Péricles encaminhou ao Ministério Público, a declaração de prestação de contas sobre o uso da verba de assistência social de seu gabinete parlamentar, aprovada pela Assembléia Legislativa, e a relação de todas as entidades e pessoas beneficiadas. Diante de tais fatos, a Coligação Movimento Cidade Viva solicita que, se alguém tiver qualquer tipo de informação sobre esses documentos, favor comunicar à coordenação da coligação e ao Ministério Público de Ponta Grossa". A nota é assinada pelos presidentes dos quatro partidos que integram a coligação.

Reação

A reação de várias pessoas que se manifestaram já na noite de quarta-feira e durante o dia de ontem, foi de preocupação com o que possa estar ocorrendo nos bastidores do processo eleitoral que irá definir quem será o prefeito da cidade nos próximos quatro anos. Primeiro, porque a população, pelo menos em sua maioria, desconhece a existência de verbas de Assistência Social da Assembléia Legislativa e de ressarcimento de despesas de deputados, não sabendo, portanto, dimensionar o valor político dos documentos que afirma a Coligação Movimento Cidade Viva terem desaparecido. Outra preocupação foi a afirmação feita de que tais documentos já estariam, de alguma forma, sendo utilizados de forma fraudulenta, motivando queixa-crime.

Processo

A preocupação das pessoas que se manifestaram a respeito, seria quanto à seqüência do processo eleitoral, na expectativa de que possa ele perder em qualidade e, principalmente em nível, prejudicando a liberdade de escolha do eleitor. A discussão que se ouve na rua é quanto ao fato da denúncia, feita pelo Partido dos Trabalhadores e os demais que formam a coligação, ter um caráter particular, em sua natureza, fazendo com que as pessoas se indagasem a respeito do assunto, justamente, por não conhecerem as verbas a que se referiram a documentação, especialmente no tocante à verba de Assistência Social. Nas várias indagações suscitadas, como repercussão do fato mostrado na televisão, na noite de quarta-feira, houve uma indagação: "Que verba de Assistência Social é essa, que beneficia pessoas e entidades por conta da Assembléia Legislativa?". Também foi questionado o fato de a documentação se encontrar na sede do Instituto Cidade Viva, que a população conhece como uma Organização Não Governamental, que, por sua natureza, não deveria ter ligação com partido político. No comunicado, é dito que o escritório político do deputado Péricles de Holleben Mello funcionou nas dependências dessa Organização Não Governamental.

Por que?

Outra indagação que merece ser feita, é sobre que interesse teriam pessoas em promover o desaparecimento de documentos de propriedade do gabinete de Péricles de Holleben Mello e que forma de utilização poderia ser feita por quem possa ter subtraído a documentação.

Honestidade

A ligação que se fez quanto à denúncia de desaparecimento de documentos, foi com a seqüência do programa da Coligação Movimento Cidade Viva, que trazia com muito ênfase de defender a honestidade do candidato Péricles de Mello. O candidato a vice-prefeito, Ricardo Mussi, o deputado Luiz Carlos Zolt, PDT, e a filha de Péricles e o próprio deputado petista, propuseram-se em afirmar sua honestidade, dizendo, ainda, não aceitar provocações, como picuinhas e panfletos apócrifos. As pessoas que se manifestaram sobre o assunto afirmaram não ter recebido, nem conhecer esse tipo de material.

Desencontro de informações confunde eleitores sobre fitas do "Caso Spósito"

Na programação do horário eleitoral gratuito na televisão, na noite de quarta-feira, duas interpretações foram apresentadas a respeito do laudo do Instituto de Criminalística de Londrina sobre as fitas apresentadas pelo ex-prefeito Sidney Spósito ao Ministério Público de Ponta Grossa, depois que as mesmas foram apresentadas pela Rede Globo de Televisão, no programa "Fantástico", no dia 7 de maio, com denúncias contra a administração municipal.

Confirmam

O primeiro programa levado ao ar foi do candidato Carlos Tavanaro, do PTB, que incorporou matéria publicada no jornal "Gazeta do Povo", de Curitiba, afirmando que o laudo do IC de Londrina confirma as denúncias. O mesmo fez o ex-prefeito uma série de acusações contra o governo municipal.

Editados

Logo em seguida, entrou o programa do candidato à reeleição Jocelito Canto, dizendo justamente o contrário. Mostrou o programa os trechos dos jornais **Diário da Manhã**, "Jornal de Monte" e "Diário dos Campos", todos de Ponta Grossa, em matérias que confirmam o que disse o perito do Consultórico de Londrina, de que as fitas, em sua maioria, foram editadas, ou que o material analisado não era original, como deveria ser e como foi apresentado ao Ministério Público. O perito Daniel Feliperio concedeu entrevista, a dois repórteres do **Diário da Manhã**, no mesmo dia, em horários diferentes, com as mesmas afirmações e com as explicações técnicas dos critérios utilizados na perícia que, segundo ele, levaram que houve edição das fitas. O programa de Jocelito Canto mentiu, também, a matéria feita e veiculada pela TV Tarobá, de Londrina, da qual consta inclusive uma entrevista e com o perito, que, mais uma vez, explica como foram detectadas as edições nas fitas.

Confusão

Como se trouxe de um caso de repercussão nacional, as denúncias mostradas por Sidney Spósito acabaram tendo influência no processo eleitoral. E devido exatamente exercendo essa influência, a partir das interpretações mostradas na televisão, que acabaram, no mínimo, por oferecer uma tentativa de confundir os eleitores. O laudo original do Instituto de Criminalística se encontra em poder do Ministério Público, em Ponta Grossa.

Prefeito cancela viagem e será representado por Herculano

A polêmica em torno da viagem do prefeito Jocelito Canto (PSDB) para a Europa que deixaria a cidade sem prefeito durante sete dias, chegou ao fim. Ontem, ele solicitou ao presidente da Câmara Municipal de Ponta Grossa, vereador Delmar Pimentel (PL), que o Projeto de Decreto Legislativo 10/2000, que autorizava o prefeito a se ausentar do País entre os dias 16 e 23 de setembro, fosse retirado da Ordem do Dia da Sessão Extraordinária que estava marcada para o final da tarde. "O prefeito pediu para analisar a possibilidade de viajar", disse Pimentel.

Até o final da tarde de ontem existia a possibilidade do secretário municipal de Indústria e Comércio, Herculano Lisboa, viajar em companhia do vereador e candidato a vice-prefeito Roberto Mongruel (PSDB). Conforme Lisboa, ainda não estava definido a data para a viagem. "Poderá ser neste sábado ou na próxima segunda-feira", adiantou o secretário.

A viagem para um País da Europa, que Jocelito não quis adiantar qual seria, tem como objetivo trazer mais uma indústria de grande porte para a cidade. Conforme o prefeito, Ponta Grossa concorre diretamente com um outro Município brasileiro e por isso prefere manter sigilo dos nomes do País e da empresa.

A idéia inicial de Jocelito seria se ausentar da cidade durante sete dias, o que, de acordo com a Lei Orgânica do Município, se tornaria uma ausência e o substituto imediato do prefeito seria que assumir a Prefeitura de Ponta Grossa. Como o vice-prefeito eleito na chapa de Jocelito Canto em 1996, Djalma de Almeida César, renunciou ao cargo para assumir uma cadeira na Câmara Federal, e todos os vereadores são candidatos à reeleição resseção de Roberto Mongruel e Ricardo Mussi, que são candidatos a vice-prefeito), não seria quem assumiria legalmente a Prefeitura durante o período de viagem do prefeito.

Rodrigo Lima
de Redação

OPINIÃO

Adail Inglês

"É um assunto, enfim, que passa a predominar, neste instante da campanha eleitoral, ao exato momento em que a campanha se encaminha para a sua reta final."

O PT pode ter cometido uma precipitação, nesta reta final da campanha

A campanha eleitoral gasfou, a partir de quarta-feira, com o programa do candidato Péricles de Holleben Mello, do PT, um novo quadro, capaz de romper a monotonia que estava a caracterizar os programas eleitorais, de um modo geral. De princípio, o "Comunicado à população de Ponta Grossa" chama a atenção, especialmente pelo fato de se tratar de um assunto pouco afeito ao dia a dia do conhecimento político da população, de modo particular, em relação a existência de fichas de uma verba de Assistência Social da Assembléia Legislativa do Paraná. O desaparecimento dos documentos citados no tal comunicado deveria ser mais um caso de Polícia, do que propriamente, tema de campanha eleitoral. Porém, como o dito comunicado teve o propósito de chamar a atenção da comunidade para uma eventual "utilização fraudulenta" dos documentos que teriam sumido do escritório político do deputado, nas dependências do Instituto "Cidade Viva", a expectativa que se levanta é a da necessidade de um conhecimento desse tema, em toda a sua extensão, eis que, pelo que se conhece, já existiria algum tipo de procedimento judicial, de certa forma, com possível ligação com esse assunto. Aliás, há uma fita, com gravação de conversa telefônica do deputado Péricles de Holleben Mello, que teria sido enviada para algumas pessoas na cidade, em que esse assunto de verba de assistência social também é discutido. Até com uma certa preocupação.

Para o público em geral, a questão levantada é árida, de difícil interpretação. Mais, à primeira vista, sem a menor relação com o processo eleitoral. Mas, uma vez discutida dentro do processo eleitoral, é de se imaginar que o assunto venha a ter desdobramento também no processo eleitoral, pois, ainda que não exista nenhuma acusação contra quem possa fazer "utilização fraudulenta" do material desaparecido do escritório do deputado-candidato, não há como se deixar de entender que se aponta para a direção de uma campanha adversária.

Assim, se de fato uma campanha adversária tiver em mãos os ditos documentos, e tornà-los públicos, quem sabe, aí, a população possa se inteirar, em toda a sua amplitude, do procedimento na Assembléia Legislativa da utilização da chamada verba de Assistência Social, especificamente, pelo deputado Péricles de Holleben Mello, a despeito do que tenha dito no comunicado, quanto a já ter encaminhado ao Ministério Público uma declaração de prestação de contas sobre o uso da verba, com uma relação de "todas as entidades e pessoas beneficiadas."

É um assunto, enfim, que passa a predominar, neste instante da campanha eleitoral, no exato momento em que a campanha se encaminha para a sua reta final. Se antes a campanha parecei morna e sem o necessário tempero, de agora em diante é possível que o eleitorado assista à uma elevação de temperatura. Sim, porque, diante dos termos do comunicado, lido no programa de televisão de quarta-feira, à noite, e publicado em dois jornais da cidade de ontem, fica evidente uma preocupação dos signatários do documento. Se assim não fosse, não haveria que se falar em "utilização fraudulenta".

Seja como for, é de se esperar que um possível desdobramento do assunto tornado público, pela campanha do deputado Péricles de Holleben Mello, do PT, deixe as pessoas inteiramente esclarecidas, e até, quem sabe, estarrecidas, a respeito de toda a extensão desse curioso e importante fato novo. Aliás, se falhava um fato novo, quem sabe tenha surgido, aí.

CONVERSA DE RUA

* Na largada da campanha eleitoral, a campanha do deputado Péricles de Holleben Mello, do PT, foi à Justiça contra o jornalista Allair Ramalho, por um comentário seu na Tevê Educativa. Ontem, foi a nossa vez, pelo comentário de domingo, nesta coluna. Alguém já disse que "o pessoal do PT é muito dolorido". É possível!

* O Palácio Iguaçu pode estar bem mais próximo do Palácio da Ronda, do que muitos possam imaginar. Na quarta-feira, o prefeito Jocelito Canto conversou com três secretários de Estado: Giovane Gionédis, das Finanças, Gerson Guelmann, da Chefia de Gabinete, e Augusto Canto Neto, de Obras Públicas.

* A preocupação com um eventual atraso no retorno do prefeito Jocelito Canto da viagem que fará ao Exterior, e que seria capaz de provocar uma crise na linha sucessória, pelo fato de todos os vereadores serem candidatos, foi a causa determinante para que o chefe do Executivo não viajasse.

Perguntar não ofende: Quem falo demais, dá bom dia para cavalo?

Diário da Manhã, 15/09/2000, p. 03.

a 7 parágrafos. Ao contrário das colunas do JM, essa possuía um texto que contemplava uma análise mais exaustiva sobre os fatos políticos.

Assim, no dia 02 de setembro, a coluna inicia seu texto revelando a sua opinião sobre o horário eleitoral e também posicionando seu discurso contra os candidatos Paulo Cunha Nascimento e Djalma de Almeida César.

“Por que os programas eleitorais são tão chatos? É simples, porque não apresentam nenhuma novidade, e segundo porque as novidades sugeridas, nunca concretizadas. (...) Nesse aspecto estão ficando experts os candidatos Paulo Cunha Nascimento e Djalma de Almeida César. Eles exploram a música, o apelo visual que destaca os pobres, como se os candidatos vivessem ao lado desse seguimento social. Ora, todo mundo sabe que não”. (Diário da Manhã, p.3, 02/09/1992)

A coluna direciona o olhar do leitor para o fato em que os dois candidatos mencionados produzem suas propagandas de maneira enganosa, utilizando de efeitos de imagens para relacionar suas posições políticas a determinadas classes sociais que eles não pertencem.

Na coluna seguinte, a autora aponta para a dificuldade que os leitores encontram para decidir os políticos ideais para a cidade e diz:

“Como saber quem é o político ideal?”

“Apesar disso, entre os realmente interessados em trabalhar pelo povo e os interessados apenas em ‘arrumar a própria vida’ é muito difícil verificar quem é quem. O discurso é o mesmo. Às vezes o que muda é o tom, muito mais apelativo e demagógico de parte dos que visam apenas benefícios próprios”. (Diário da Manhã, p.3, 04/09/1992)

Nessa parte, a coluna aponta para o carácter do discurso político, que para ela, é nesse discurso que os candidatos escondem sua verdadeira intensão, seja ela de proveito próprio ou de atividade política.

Passado alguns dias de publicações referentes a fatos que não envolviam a disputa para prefeito, Adail Inglês manifesta-se no DM, sobre a lei que entrava em vigor naquele momento, que designava o horário político apenas para uso dos políticos, e não de suas outras publicidades. Adail, ao concordar com essa decisão, escreveu um texto, com o título, “Sós, nós, o candidatos”, e segue dizendo:

“Na condição de candidato a prefeito pelo PTB, só tenho que manifestar o meu aplauso a essa decisão da justiça eleitoral, porquanto não faz sentido que a propaganda gratuita, no rádio e na televisão, de repente fique mostrando mensagens enganosas, notadamente onde a televisão, onde, em determinados programas, se procurem emitir imagens bonitas que não tem nada a ver com próprio dito, da campanha do respectivo candidato”. (Diário da Manhã, p.3, 04/09/1992)

“O jogo de cena político”

Adail refere-se ao jogo de cena que as campanhas de Djalma e Paulo Cunha Nascimento estavam produzindo, e para o candidato isso era uma maneira de levar a disputa política para um plano da espetacularização.

Posteriormente, a coluna do DM expõe que a população comentava que os dois candidatos coadjuvantes, ou seja, Adail Inglês e Roque Zimmermann, estariam desistindo das candidaturas a prefeito. Contrária a essa notícia, a coluna recupera a posição de seu candidato Adail Inglês e diz:

“Os dois candidatos Inglês e Zimmermann estão em ritmo de crescimento, enquanto as duas outras coligações enfrentam uma certa estagnação.” (Diário da Manhã, p.3, 04/09/1992)

Esta estagnação é, segundo a coluna, fruto da repetitiva disputa através do ataque pessoal, mas que deveria ser ocupada por propostas sérias. Mais a frente diz:

“Os políticos estão desgastados por isso. Porque partem sempre do pressuposto de que o povo é ignorante, burro até”. (Diário da Manhã, p.3, 04/09/1992)

Dando continuidade a sua linha crítica ao campo político, a coluna do DM publica em seu texto, apontando o fato de que os políticos transferem-se de um partido para o outro, sem respeitar uma ética. E diz:

"Troca de Partidos"

"O eleitorado já teve oportunidade de ver políticos filiados ao PDS irem para o PDT, depois irem para o PL, passarem para o PMDB, tentarem um ingresso no PT, para acabar no PRN.
Sem filosofia, nem proposta e diretrizes, os partidos políticos vão servindo de um sustentáculo de um processo que está totalmente desacreditado. Os políticos romperam os últimos laços de confiabilidade, que ainda tinham e a população grita por ética política". (Diário da Manhã, p.3, 08/09/1992)

A coluna analisa nesse momento, o jogo político que é feito sem ter uma relação com o posicionamento ideológico dos partidos, ou seja, não há uma fidelidade dos ideais do partido com os ideais do candidato. Isso, segundo ela, fragiliza a confiança do eleitor no mundo político, pois eles aparecem como "mercenários" da política.

Na reta final das eleições, a coluna do DM aumenta sua opinião favorável sobre os "novos políticos", que estão na campanha, ou seja, Adail Inglês e Roque Zimmerman, que pelo discurso da coluna, representariam uma transformação nos velhos vícios da política local, e diz:

"Os novos políticos?"

"O que enriquece sobremaneira esta campanha é a participação de candidatos que pela primeira vez disputam uma eleição. Sem vícios de campanhas passadas, esses novos políticos surpreendem pela emoção com que abraçam a causa e se surpreendem com a realidade do cotidiano da grande massa popular". (Diário da Manhã, p.3, 17/09/1992)

Agora, a coluna aborda com um discurso voltado para um apelo sentimental, utilizando também como argumento a posição que eles ocupam no campo político. Para ela, esses políticos "novos", que possuem um capital destituído de "males", que os outros políticos mais antigos do campo possuem. A coluna diz:

"A emoção e a sinceridade dos novos políticos pode ser uma forma um caminho, embora estes normalmente estejam cercados pelos mais

experientes, e pelas próprias autoridades e lideranças sociais, que também, por sua vez não tem o menor interesse em modificar o contexto que estamos vivendo". (Diário da Manhã, p.3, 17/09/1992)

Como dito, a coluna representa os políticos "estabelecidos", ou mais experientes no campo político, como destituídos do desejo de mudança social, ou seja, eles são para a coluna os responsáveis pela condição social a que Ponta Grossa atravessara naquele contexto, nos anos de 1990.

Dois dias se passaram e o DM apresenta uma coluna intitulada "Intrigas e Boatos" que aborda sobre as falácias divulgadas pelos políticos, ou seja, ela realça uma estratégia discursiva criada para jogar no campo político, e diz:

"Nas falácias do poder"

"As propostas dos dois candidatos 'fé, amor e trabalho' e a 'força que vem do povo', baseiam seus discursos apenas um contra o outro, esquecendo de apresentar suas plataformas de trabalho, proposta de administração. Chega a ser irritante. Principalmente quando essas criticas são manobradas, manipuladas e formuladas com único objetivo de conquistar vantagens, processo de sucessão municipal. Críticas que não contribuem em nada para com o progresso e o desenvolvimento do município e muito menos para o esclarecimento e discernimento da sua população". (Diário da Manhã, p.3, 19/09/1992)

Os candidatos citados na coluna são os dois contrários a sua posição política, ou seja, Djalma de Almeida César e Paulo Cunha Nascimento. Segundo ela, seus discursos são "manobrados" a fim único de tirar vantagem do desconhecimento dos eleitores.

"O passado mítico"

No dia seguinte, o *Diário da Manhã* publica em sua coluna que um dos grandes problemas da política local é retroceder até o passado, que segundo ela nesse passado "**a miséria humana não batia a porta" "época rica e de progresso e desenvolvimento"** que infelizmente ficou para trás. E continua,

“apesar das cinzas no paraíso, o município tem possibilidade de retornar o seu crescimento”.

Nessas passagens da coluna do DM, percebe-se a idealização que ela destina ao passado de Ponta Grossa e a partir desses modelos míticos da cidade, ela deveria caminhar para outro destino. Segundo a coluna:

“Ela deveria aprender a ser mais humilde e parar de reinar soberana sobre os outros para ser aliada e companheira”. (Diário da Manhã, p.3, 20/09/1992)

O DM assume o discurso não de que o passado deveria ser seguido, mesmo sendo um tempo utópico, segundo ele, a política deveria refletir sobre seus erros e acertos e caminhar para uma política melhor. Contudo, o saudosismo sobre esse passado ainda prevalece em seu discurso, como modelo a ser referenciado.

“O retorno de Adail Inglês a sua trincheira discursiva”

No dia 26 de setembro, Adail Inglês retorna a coluna do DM e publica em seu título: “Ninguém ganhou ainda”. O candidato que até então não havia escrito nenhuma coluna, respeitando o período que estava concorrendo a prefeito, retornava para seu posto de colunista e disse:

“O nervosismo das campanhas mais ricas da cidade é o melhor indicativo de que não existe ainda um vencedor, a despeito da ação ilusionista da propaganda eleitoral na televisão. (...) Campanha rica é sinal de grandes interesses por de trás de tudo. E se esse convencimento tomar conta do eleitor indeciso de hoje, Ponta Grossa estará reescrevendo uma bonita página de sua historia política, porque privilegiará a campanha do discurso, da idéia e da proposta. (...) A campanha rica, que gasta muito dinheiro é a promessa do governo injusto que não tem compromisso com a sociedade”. (Diário da Manhã, p.3, 26/09/1992)

No último dia de exibição das propagandas políticas na TV, a coluna do DM resumiu bem o clima que os dois jornais transmitiram no decorrer dessa campanha eleitoral, principalmente sobre essa nova forma de atingir ao público de eleitores, feita pelas publicidades via televisão, fato inédito até então. Ela disse:

“O último programa eleitoral gratuito deveria entrar para a história de Ponta Grossa, como uma peça surrealista ‘non sense’, patrocinada pelas coligações ‘Fé, Amor e Trabalho’ e a ‘Força que vem do Povo’. Os estoques de medicamentos contra dor de cabeça, confusão mental, azia e enjoos, das farmácias domésticas devem ter baixado e muito, tal o nível do que foi apresentado pelas duas coligações, especializadas em ignorar o público telespectador, o eleitor”. (Diário da Manhã, p.3, 30/09/1992)

Como notamos, a coluna do DM procurou construir, a imagem de Adail e também a Roque Zimmerman como os “novos” políticos, “sem vícios”.

Essas representações revelaram, então, que nesse momento do processo eleitoral de 1992, as colunas do *Jornal da Manhã* caminharam no sentido de entender e criticar o meio de apresentação das propostas políticas televisionadas e produzidas em estúdios.

Ela reconhece que nessa nova forma, os políticos que dispunham de um maior poder econômico poderiam se prevalecer dos recursos técnicos que essa produção poderia lhes proporcionar.

Como consequência a isso, observamos que o foco das colunas não era mais voltado apenas para os políticos, e sim para o modo como eles se utilizavam dessa ferramenta em benefício de sua candidatura.

O candidato que mais recebeu ataques pela coluna foi Paulo Cunha Nascimento, cogitado como um dos favoritos a ganhar a eleição. Essa posição das colunas traduz as disputas de preservação dos interesses da elite local, que estavam materializadas entre os candidatos Paulo Cunha e Djalma de Almeida César. Contudo, a crítica que ela fazia estava mais destinada à qualidade operacionalizada nas colunas, do que desqualificando diretamente o político.

Já nas colunas do *Diário da Manhã*, observamos que as propagandas televisivas não foram tão postas ao comentário crítico direto da coluna *Opinião*. Suas representações estavam mais relacionadas ao comportamento político e os discursos emitidos pelos candidatos favoritos, Paulo Cunha e Plauto Miro Guimarães.

A coluna também demonstrou certa vontade de operar seu discurso de modo a não demonstrar claramente seu apego a Adail Inglês. Mas, em determinados dias

ela produziu sentidos de modo a significar Adail Inglês e Roque Zimmerman como as duas grandes promessas da política, eram os novos no cenário político e também eram destituídos dos vícios que acompanhavam os dois outros candidatos, Paulo Cunha e Plauto Miró Guimarães, ou seja, a estratégia era demonstrar a partir de alguns indicadores as melhores opções em disputa, desqualificando as candidaturas tidas como tradicionais.

4.4 A coluna *Expressões* no *Jornal da Manhã* em 1996

Como dito anteriormente, esse período foi marcado na conjuntura política pela ampliação da disputa entre a aristocracia ruralista e as forças do governo, surgindo uma terceira via política, representada pelo radialista Jocelito Canto e pelo professor Péricles de Holeben Mello, que viria a consolidar sua força somente na eleição de 2000.

Jocelito Canto (PSDB) surge neste contexto de disputa à prefeitura, compondo junto às forças ruralistas a base conservadora, com Paulo Cunha Nascimento, Carlos Tavarnaro e Plauto Miró Guimarães Filho.

Canto emerge de maneira singular no cenário político de Ponta Grossa, dividindo as forças conservadoras e assumindo uma postura ligada às camadas mais necessitadas da população da cidade.

A partir de seu programa de rádio, baseado no assistencialismo, conhecido como “Garagem da Esperança”, ele constrói rapidamente uma forte relação com a parcela da população mais carente, especialmente da periferia. O populismo operado por Jocelito Canto tornar-se-ia naquele momento a grande novidade da política local.

Contudo, o quadro político em 1996 se estabeleceu da seguinte forma: com a aliança feita entre PFL, PDT e PTB de um lado, juntamente com o prefeito Paulo Cunha Nascimento apoiando Plauto (PFL), pois pertenciam ao mesmo grupo político. E em outra frente estavam os partidos PSDB e PMDB, que apoiavam o tucano Jocelito Canto, confirmando uma fragmentação nas forças conservadoras.

Correlacionado a este quadro, o candidato Péricles de Holleben Mello (PT), que segundo as pesquisas, mantinha-se sempre em terceiro lugar, obteve um crescimento no momento final da campanha e ultrapassou Plauto Miró Guimarães.

A partir desse crescimento, Péricles junto com Jocelito marcariam a eleição de 1996 por uma polarização do quadro de disputa, que se daria até o final da campanha e se repetiria no ano 2000.

Sendo assim, os resultados dessa eleição foram os seguintes: Jocelito Canto venceu com 54 mil votos, logo atrás veio Péricles com 41 mil votos, Plauto conquistou 31 mil e Penckowski 2 mil votos.

Com relação às colunas analisadas, nas eleições de 1992, buscamos vislumbrar no *Jornal da Manhã* a coluna *TV Mídia*, pois ela se apresentou como uma expressão sintomática daquele momento, pois foi criada apenas naquele contexto eleitoral, para atender os anseios da imprensa frente à atuação dos políticos na propaganda televisiva.

Contudo, com o final da eleição de 1992, a coluna *TV Mídia* é encerrada, sendo assim, na eleição de 1996, analisaremos a coluna *Expressões*, que é caracterizada por estar na parte inferior da sessão de política, localizada de maneira horizontal e contendo em média dez pequenos textos, não assinados, como já mostrado anteriormente.

Nesse período, o *Jornal da Manhã* contava em sua área de cobertura política com o chefe de redação Emerson Urizzi Cervi, Victor Folkening, Simone Suzin e Edgar Hampf. Na cobertura desse processo eleitoral cada jornalista se ocupa de acompanhar determinado candidato, produzindo não apenas conteúdos informativos referentes, mas também materiais opinativos, especialmente colunas que eram feitas pelos próprios jornalistas. Cabe ressaltar que alguns destes jornalistas foram deslocados excepcionalmente para a área da política, como por exemplo, Simone Suzim, que na época cobria a editoria de Social.

Nesse momento, notamos de forma geral, que as colunas publicadas nesse período, e exemplificadas mais a frente, revelam um discurso que manifesta estratégias com o objetivo de minimizar a posição opinativa dos colunistas, uma vez que os mesmos não tinham trajetória na função de colunista. Além disso, Cervi, Folkening e Suzin eram jornalistas diplomados ou faziam jornalismo, ou seja, traziam da academia as influências dos cânones do jornalismo moderno, que procurava mais objetividade e informação e menos opinião, especulação.

Assim, no dia 05 de outubro, a coluna *Expressões* incorpora o papel da coluna *TV Mídia*, e inicia uma análise da forma que os candidatos estão utilizando o seus programas na televisão e diz:

“As imagens”

“Plauto nos últimos dias parece se esforçar para apresentar propostas. Graças a isso a campanha ganha respeito. No entanto as imagens não mostram um personagem que inspire segurança”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 05/09/1996)

Mais á frente ela comenta sobre Jocelito Canto:

“Jocelito Canto acertou no programa de ontem. A velha história dos candidatos arregaçar as mangas e participar do cenário que mostra pode ser desgastada. O que atrapalha são os sofismas que o candidato do PSDB insiste em usar”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 05/09/1996)

Nesses trechos da coluna anterior, ela aponta Plauto como um candidato que estaria buscando enaltecer as suas propostas, em detrimento de atacar os outros políticos. Contudo, as representações criadas por ele não agradam a coluna, que elevam o político para um plano de certa insegurança.

Consequentemente, Jocelito Canto é analisado em suas práticas de campanha, como um candidato que opera discursos que por vezes não tem ligação com a realidade.

Já no dia 10 de outubro, a coluna *Expressões* comenta sobre o programa de José Pencoski, em tom de ironia diz:

“A ironia da coluna”

“Só para registrar: a última do candidato Pencoski, vem acrescentar mais uma pérola ao seu clipping de inserções da TV, quando uma criança diz “esta é uma realidade” a plateia vai ao delírio”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 10/09/1996)

Mais a frente, ela aborda o otimismo que Plauto está demonstrando em sua campanha:

“Para o candidato a prefeito pelo PFL não houve decepções, durante a sua campanha até aqui, Plauto acredita que sua linha de mostrar propostas permitiu um quadro de aceitação da população”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 10/09/1996)

"A imagem do PT em Ponta Grossa"

A coluna cita Péricles de Holleben Mello falando sobre uma entrevista realizada alguns dias atrás e expõe o problema enfrentado pela imagem do PT, em Ponta Grossa:

"Péricles reconhece que o PT ainda sofre uma rejeição em Ponta Grossa. Diagnóstico que já tinha ficado claro na linha de conduta do programa da coligação cidade viva". (Jornal da Manhã, p. A-3, 10/09/1996)

Percebe-se que a coluna tem como intuito publicar os acontecimentos de maneira objetiva, oferecendo ao leitor um maior número de elementos informativos, procurando não se posicionar de maneira clara. Nesse sentido, ela insere a fala dos próprios políticos sobre o momento eleitoral, permitindo aos candidatos repercutir sua visão dentro das colunas.

No dia 11 de setembro, a coluna *Expressões* diz que cedeu o espaço para o candidato Plauto Miró Guimaraes, para justificar sua queda nas pesquisas.

Contudo ela vem criticar esse pedido de justificação de Plauto e diz:

"**Os dados que apresentam proporções mais erradas são justamente as que favorecem mais o candidato e a melhor colocação percentual (27%), por que ninguém desconfiou da metodologia daquela ocasião"? (Jornal da Manhã, p. A-3, 11/09/1996)**

Mais a frente, a coluna avalia a posição de Péricles na disputa, criando um adjetivo específico para ele nesse período de campanha:

"Classificando os candidatos"

"Ex-Azarão: aliás, a evidência do crescimento do candidato Péricles de Holleben Mello (PT) está justamente na repentina chuva de ataques. Azarão do páreo, Péricles não era considerado concorrente real até duas semanas". (Jornal da Manhã, p. A-3, 11/09/1996)

Classificado como um azarão, Péricles é tratado como um candidato que estava com baixas condições de concorrer de igual para igual com os outros políticos.

No dia 17 de setembro, a coluna *Expressões* também se propôs a comentar sobre o programa eleitoral, tema exclusivo até então da coluna *TV Mídia*, e diz:

“Os fãs do cult-programa eleitoral de José Penkosky estão reclamando da linha mais convencional do candidato vem adotando em cenas de estúdio”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 17/09/1996)

Agora, a coluna critica a campanha do candidato Plauto Miró Guimaraes Filho:

“A coligação da campanha Ponta Grossa Rumo ao Ano 2000, realmente tem problemas de organização, prova disso é a demora para repassar informações a imprensa”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 17/09/1996)

No dia 20, a coluna demonstra ao leitor os acontecimentos que ocorreram naquele dia, com relação ao cotidiano político dos candidatos:

“O candidato a vice-prefeito de Ponta Grossa, Djalma de Almeida César, por obra do acaso se tornou deputado federal. Djalma renasce para a política sob a tênue e irônica poeira da morte”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 20/09/1996)

Entretanto, depois de relatar o fato ocorrido sobre o político, a coluna exprime seu ponto de vista, utilizando-se de uma figura de linguagem, dificultando a objetividade e clareza do enunciado sobre o fato.

Entretanto no mesmo dia, a coluna volta a falar de Plauto Guimarães:

“O camaleônico Plauto Miró Guimarães (PFL) adotou de vez a postura medley no seu programa de horário eleitoral. Seu estilo é uma colcha de retalhos de seus concorrentes. Só falta agora o pefelista sair à moda de Pencoski pelos

bairros, entrevistando eleitores no meio dos buracos da cidade". (Jornal da Manhã, p. A-3, 20/09/1996)

"Estratégias"

A coluna nesse momento assume uma posição de crítica direta do programa de Plauto, levando o leitor a crer que ele pouco criava e sim copiava todas as estratégias de outros candidatos em seus programas na televisão.

Passado alguns dias, a coluna *Expressões,* de 24 de setembro, relata o otimismo demonstrado por Jocelito Canto e diz:

"O candidato a prefeito Jocelito Canto, da coligação Muda mais Ponta Grossa, já se sente prefeito da cidade. Jocelito parece estar realmente convencido de que a fatura esta liquidada". (Jornal da Manhã, p. A-3, 24/09/1996)

Classificado de "Vermelho", o PT de Péricles é apontado na nota seguinte:

"Pelo jeito, quer adiantar o expediente. A não ser que de repente sinta uma maré vermelha lhe tocando os pés, advindo de Péricles. Entre as brilhantes frases da semana, Canto foi o autor da que represente o espírito da campanha eleitoral: 'Meu adversário agora é o PT'". (Jornal da Manhã, p. A-3, 24/09/1996)

Outro aspecto notado nessa nota, é que a disputa eleitoral estava se concentrando, agora, entre os candidatos Péricles e Jocelito, distanciando-se dos demais candidatos.

No dia 26 de setembro, o único candidato citado é Péricles, o qual a coluna elogia o comportamento do político, mas com um tom irônico, e diz:

"Alma Grande: para agradar a maioria estudante, Péricles atacou de Fernando Pessoa, no maior senso comum possível, a velha história do tudo vale a pena, com direito a marcha da cidade, e discurso emocionado". (Jornal da Manhã, p. A-3, 26/09/96)

Posteriormente, a coluna Expressões avalia o comportamento de Jocelito Canto no programa televisivo e entende que, na noite do dia 27 de setembro, o candidato teve uma apresentação importante.

“Gol: é inegável que Jocelito Canto marcou um gol de Placa no seu programa eleitoral gratuito, ontem no início da tarde. Pode ser tolo, pouco fundamentado, mas deve representar muitos votos novos para o candidato”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 28/09/96)

“Critérios”

O texto revela que a forma apresentada por Canto em seu programa não agradou o ideal argumentativo do colunista, mas ele acredita que mesmo não possuindo tais critérios, ele ganharia um número expressivo de votos, através de seu poder da campanha eleitoral televisiva.

Na nota seguinte, a coluna analisa a forma da campanha de Plauto Miró Guimarães, que naquele momento já era tratado pelo jornal como o “azarão” da disputa, e diz:

“Outra tentativa da coligação plautista: aproximar-se dos jovens. Um caminhão desfila com alguns adolescentes agitados pelas ruas da cidade, e o programa adota aquela linha de videoclipes dos anos 80, com gírias como galera e trampo”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 28/09/96)

A campanha de Plauto cria estratégias baseadas nos estereótipos dos jovens construídos no imaginário social, pela indústria cultural, reproduzindo valores de uma dada cultura, que não necessariamente seriam as dos jovens pontagrossenses.

“Ideologia”

Faltando quatro dias para sair o resultado da eleição, a coluna expõe que o candidato Péricles estava sendo vinculado nas ruas a ideologia comunista, isso segundo ela se deu através da distribuição de panfletos. Entretanto, a coluna se posiciona contra tais manifestações e diz:

“Comunista? O bom desempenho de Péricles já era anunciado pela concorrência, antes mesmo das pesquisas divulgadas. Há panfletos sendo distribuídos que tentam ressuscitar a velha mitologia de que comunista é ateu”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 01/10/96)

No dia seguinte, a coluna *Expressões* já reforçava a polaridade da disputa entre Péricles e Jocelito.

“O clima do debate denunciou que, pelo menos para os próprios candidatos, a disputa pela prefeitura está entre Jocelito e Péricles. Como um todo, o debate tornou Pencoski e Plauto, meros coadjuvantes”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 02/10/96)

“Voto Certo”

Na véspera do dia da votação, as notas da coluna *Expressões* estavam todas direcionadas a conscientização de um voto certo. E a partir disso também foi avaliada a posição do programa político televisivo, e dizia:

“Nem sempre quem parece mais preparado, em situações simuladas, é o mais capaz. Quando for votar, despreze em seu julgamento toda a cor e luz e a falsa alegria transmitida nos programas de TV e debates... O que acontece na TV é mera campanha, não é reflexo da realidade, pois é um jogo publicitário no qual ganham pontos os melhores interpretes e não os melhores políticos”. (Jornal da Manhã, p. A-3, 04/10/96)

Nota-se que os programas eleitorais televisionados ainda eram uma preocupação dos colunistas e assumiam o papel de distorção da realidade, sendo um instrumento de poder para a constituição de um imaginário político.

Com o final das publicações da disputa eleitoral, além das considerações sobre as representações políticas, descritas acima, pautadas em uma relativa ausência de opinião e tomada de posição por parte dos colunistas, pudemos notar também, que a forma de organização editorial do JM do período demonstrou uma específica relação com a produção da coluna.

Pois, se o espaço de produção da coluna era rotativo e ocupado pelo jornalista que produzia a matéria da vez, então a coluna não personificava o discurso em torno de um colunista, ela era tratada como mais um lugar de informação política dentro do jornal, diferentemente do *Diário da Manhã*.

Também nesse sentido, as colunas do JM, de 1996, já refletem uma mudança de postura de seu discurso, agora não mais favorecendo a opinião em detrimento da informação objetiva, como era na eleição de 1992. Momento no qual a coluna criticava, posicionava-se, denunciava.

Essa mudança discursiva pode ser relacionada em partes, a entrada de acadêmicos da faculdade de jornalismo, que com seu conhecimento aprendido, privilegiava a informação e a opinião acompanhada de algum dado que a embasasse. O colunismo ganhava tons híbridos a partir daquele momento.

4.5 A coluna *Opinião* no jornal Diário da Manhã em 1996

Diferentemente da eleição anterior, em que Adail Inglês candidatara-se a disputa para prefeito e por isso não editou a coluna *Opinião*, no ano de 1996 ele retorna na cobertura do processo eleitoral. Nesse momento, o jornal mantinha sua postura opinativa já vista na eleição de 1992 e também centralizada na coluna de Inglês.

Feita essas considerações, no primeiro dia do mês de setembro, o jornalista Adail Inglês inicia sua coluna apontando ao leitor sua extrema simpatia pelo prefeito do período Paulo Cunha Nascimento:

"O político ideal"

"O prefeito Paulo Cunha Nascimento é sem sombra de dúvida uma exceção na regra geral da classe política brasileira. Por ser um homem honesto, limpo e descente. Sim, no mundo da política honestidade virou virtude, porque na vida publica o comum é o cidadão vigarista, corrupto. Para o povo, pouco importa o grau de corrupção do administrador, desde que preserve o encanto do carisma e a fala fácil da mentira". (Diário da Manhã, p.3, 01/10/96)

Adail Inglês objetiva em seu discurso criar uma imagem positiva de Paulo, que na época apoiava Plauto Miró Guimarães, ou seja, ele opera um fortalecimento

da imagem do principal parceiro político de um dos candidatos a disputa. Na coluna Inglês ainda segue:

“Paulo, Honesto se descuidou da propaganda e da comunicação com seu povo. Não apenas se descuidou com o dever de informar ao povo o que seu governo realizava, e realiza como consentiu calado o que seus críticos, notadamente em emissoras de rádio, desfigurassem-no aos olhos da população, como um administrador inoperante”. (Diário da Manhã, p.3, 01/10/96)

Aqui a referência às críticas do candidato Jocelito Canto em seu programa de rádio ficam mais claras. O colunista também prossegue em seu discurso que enaltece amplamente o governo de Paulo, e constrói ao leitor, a imagem de um candidato positivamente singular. E reivindica essa posição aos seus leitores, através de um juízo de valor:

“As pessoas de bem precisam reconhecer antes que seja tarde, reconhecer a grandeza desse homem que a cidade possui”. (Diário da manhã, p. 3, 01/09/1996)

No dia 03 de setembro, a coluna opinião faz agora uma reflexão sobre as ações de Jocelito Canto, nesse período final da campanha eleitoral:

“As ações de Jocelito Canto”

“Jocelito Canto retomou o crescimento de sua campanha, quer queiram, quer não queiram pela prestação de contas do emprego de subsídios. Pouco importa a dose de demagogia que tenha havido naquele fato. A verdade é que produziu prestigio eleitoral, rendeu votos e a campanha parou de cair nas pesquisas. A pregação de Jocelito foi perfeita, no objetivo de consolidar seu prestígio nas camadas populares, que gostam dos gestos heróicos. Ao dizer que gasta tudo que ganha com o povo, na distribuição de alimento, Jocelito confirmou sua imagem de pai dos pobres, de salvador do mundo”. (Diário da Manhã, p.3, 03/09/1996)

Com essa passagem construída por Inglês, percebemos o surgimento do populismo na figura de Jocelito Canto, que está sendo representado na coluna com ícones do imaginário popular, como pai dos pobres, herói, salvador.

Contudo, Adail Inglês posiciona sua representação sobre o seu candidato Plauto em relação a Canto:

"Canto é o pai dos pobres?"

"A campanha eleitoral deste ano tem, de um lado, o ingrediente do desejo de mudança, e de outro lado, apresenta uma candidatura populista. Contudo, para o povo pouco importa se Jocelito tem, ou não preparo pessoal para administrar a cidade, para o povo o que importa é ele sendo o pai dos pobres, que vai salvar todos os deserdados da sorte". (Diário da Manhã, p. 3, 03/09/1996)

Para o jornalista, Plauto ainda representa o candidato ideal para o desenvolvimento da cidade, mas o fato de Canto se apresentar a frente nas intenções de voto faz com que o discurso de Inglês estabeleça um equilíbrio de apoio aos dois candidatos.

Na coluna do dia 05 de setembro, Inglês estabelece a meta para a campanha de seus candidatos:

"Jocelito já criou o fato político da semana, com a pesquisa divulgada. Cabe agora a campanha de Plauto criar o seu fato político, como forma de contraditar os argumentos de crescimento do adversário, seja com a divulgação de outra pesquisa, seja numa proposta bombástica de plano de governo, seja num anúncio de relevo do governador do estado, seja, enfim, o que for. Plauto Miró Guimarães é o candidato que ostenta os principais apoios políticos nesta campanha e porque ele, afinal de contas, se lançou candidato para ganhar a eleição". (**Diário da Manhã, p.3, 05/09/96)**

Nota-se que o discurso do colunista avança de uma crítica e avaliação do cenário político, para uma fala prescritiva aos seus políticos, em especial a Plauto.

O interessante é que dois dias depois, Plauto é relatado na coluna com a criação de um fato novo para sua campanha:

"Um novo fruto"

"O discurso que todos esperavam: O deputado Plauto Miró Guimarães filho, num momento surpreendente, criou um fato político importante no quadro da campanha eleitoral, com seu programa de televisão quinta-feira. No lugar de Plautinho, candidato, surgiu um candidato crescido e maduro. Plauto disse o que seus eleitores estavam esperando ansiosos para ouvir. Eis o momento que era preciso que uma voz autorizada se levantasse... Os eleitores queriam o Plauto corajoso, valente, que defende as tradições do povo de Ponta Grossa, e foi isso que aconteceu". (Diário da Manhã, p.3, 08/09/96)

A representação feita pelo jornalista, a ação política de Plauto, nos revelou o extremo apoio concedido de Inglês ao político. Não obstante a isso, o colunista se posiciona como porta voz dos anseios dos eleitores, elaborando sentidos para o leitor de que a competência de Plauto está ligada ao conservadorismo das tradições da população de Ponta Grossa.

No dia 11 de setembro, Adail Inglês intensifica sua análise sobre o quadro político e revela para o leitor algumas diferenças que ele entende sobre Plauto e Canto:

"Plauto o filho da terra"

"Plauto tem muito a perder, se não ganhar a eleição. E Jocelito, muito ao contrário, não tem nada a perder. Plauto tem uma tradição política, Jocelito nenhuma. Plauto é filho da terra, membro de família tradicional, Jocelito, por acaso, deu uma parada aqui em Ponta Grossa. Não tendo vínculo familiar, que o prenda por aqui". (Diário da Manhã, p. 3, 11/09/96)

Nesse momento, o colunista volta a recuperar mitos que estão no imaginário local, como: "filho da terra", "membro de família tradicional", relacionando a imagem de seu candidato Plauto, em detrimento da imagem do candidato Jocelito Canto.

As representações apontam para o que Adail Inglês acredita, ou tenta demonstrar para o leitor, que para ser um prefeito ideal para a cidade, ele deve, antes de tudo, ser nascido em Ponta Grossa e ser pertencente a um grupo familiar "importante". Reproduzindo o conservadorismo de que o poder, só pode ser gerido por determinados sujeitos de um dado setor da sociedade.

No dia seguinte, a coluna procura determinar o resultado da eleição, recuperando uma longa história de derrotas dos candidatos que iniciaram na frente das pesquisas de intenção de voto. Seguindo essa lógica, Adail Inglês diz:

"O determinismo lógico político"

"Essa queda de Canto é absolutamente natural, pela lógica da história, Jocelito deve perder a eleição, porque vem mantendo uma queda nas pesquisas. E se a sorte existir para nós, Plauto terá a exibir além da vitória eleitoral, a condição de ser o primeiro prefeito da cidade, parceiro do governador do Estado". (Diário da Manhã, p. 3, 12/09/96)

Como já visto, a posição de Inglês é clara, seu candidato deve ganhar a eleição, porque Canto, se enquadra no determinismo lógico-político do colunista.

Outra característica utilizada pelo jornalista, em sua coluna, é posicionar o seu discurso como a voz do anseio coletivo, expresso em "se a sorte existir para nós". Essa estratégia cria uma identificação inconsciente do leitor com a posição política do autor.

No dia 15 de setembro, o colunista representa em seu texto o que para ele, seria o processo eleitoral:

"Poder e Dominação"

"É sabido que em eleição vale tudo! A eleição pelo acirramento dos ânimos se transforma numa guerra, sim, a guerra pela conquista do poder, pela ânsia da dominação, contra o desespero da vergonha da derrota". (Diário da Manhã, p.3, 15/09/96)

Nessa passagem, Adail Inglês vislumbra a eleição como uma disputa que vai além de um processo da natureza democrática, e sim, como um momento de conquista individual pelo poder e dominação.

Mais a frente, o colunista nos revela o que para ele se sobressai como critério de avaliação política para os eleitores:

"É a paixão que passa a dominar a discussão política. E é por conta do sentimento da paixão, que a campanha ganha o clima de competição

selvagem, da verdadeira guerra, onde só não vale morrer". (Diário da Manhã, p. 3, 15/09/96)

E segue:

"Quando esse candidato consegue atrair para si a paixão da campanha, aí ganha a eleição com vantagem. Mas, quando o candidato só provoca o sentimento da razão, sem ter a capacidade de arrastar, também, a paixão coletiva, são remotas as possibilidades de vitória, porque a maioria do povo se deixa levar pela paixão. E como o amor, a política também é inexplicável. As pessoas preferem um determinado candidato em nome de qualquer coisa, desde que o candidato tenha a capacidade de provocar nas pessoas, o sentimento da simpatia, que a gente chama de carisma". (Diário da Manhã, p. 3, 15/09/96)

Aqui, o carácter prescritivo que Inglês propõe para os políticos é revelador na medida em que, ao entender a sua coluna como reflexo da sua visão de mundo político e permeada por intencionalidades objetivas e subjetivas, nota-se que ele compreende os eleitores como movidos ao voto, não por um caráter racional, e sim, irracional-emotivo. E para o político que deseja vencer a eleição, precisa dominar estratégias discursivas que se utilizem dessas dicas.

No decorrer dos dias, as pontuações variaram sobre os três principais candidatos na disputa eleitoral, sendo que, a partir do dia 19, Jocelito Canto começa a ser representado pela coluna de Inglês como em constante queda no índice de favorito a ser eleito prefeito.

Assim, surge a figura de Péricles de Holleben Mello, como nova figura emergente nas representações do colunista:

"A polaridade da disputa"

"E nesse início da decisão, as evidências apontam dificuldades maiores para a campanha de Jocelito Canto, ao menos está imune a experiência da queda, enquanto a candidatura de Péricles está a se constituir a principal surpresa da campanha. Aliás, é possível mesmo que a decisão esteja a se encaminhar entre Péricles e Plauto". (Diário da Manhã, p. 3, 19/09/96)

Mesmo com o surgimento de Péricles, Adail Inglês ainda direciona ao leitor o seu pensamento, criticando Canto e realçando a imagem de seu candidato Plauto:

"A estratégia"

"Até segunda-feira, o discurso era genérico e vazio, pela certeza de que a campanha estava no populismo do candidato. Porém, os números das pesquisas mais confiáveis, pelo visto forçaram o candidato a optar pela estratégia de proposta com conteúdo, até parece uma cópia do programa do candidato Plauto Miró Guimarães, autor das principais propostas de governo na televisão". (Diário da Manhã, p. 3, 19/09/96)

Nesse momento, Adail Inglês veio mostrando certa indignação com relação às pesquisas de intenção de voto, principalmente sobre a do "Ibope", que segundo ele está produzindo números que nada se referem à realidade que ele julga ser.

Sendo assim, no dia 22 de setembro, o colunista publica:

"Candidato Deslocado"

"A despeito da extravagante pesquisa de ibope, pode-se dizer que o candidato Jocelito Canto já pode ser considerado fora do páreo, pela conquista do primeiro lugar. E o maior indicativo disso é a mudança repentina da orientação do seu programa de televisão, onde Jocelito passou a fazer a apresentação de propostas de governo que nada tem a ver com o estilo populista, adotado até então. Essa mudança brusca aponta para uma necessidade de contenção da queda e busca de um novo crescimento. Ainda que os programas dos concorrentes não tenham mostrado o cheque sem fundo, o título protestado, a que se considerar que a conversa sobre tudo isso aí tomou conta das ruas. Hoje já é possível dizer que o candidato que não tem mais chances de vitória é Jocelito Canto". (Diário da Manhã, p. 3, 22/09/1996)

Aqui o colunista ao analisar a forma do discurso de Canto na TV, descreve um cenário no qual insere o candidato deslocado da disputa direta para a prefeitura. O que em princípio, podemos entender que Inglês procura desacreditar os leitores no candidato "populista", pois além de estar em queda, ele ainda tem uma série de

irregularidades que não foram mostradas pelos programas de seus adversários políticos.

Dois dias depois, Adail Inglês busca relacionar ao leitor determinadas criações do imaginário social, que ligam o candidato Péricles de Holleben Mello e o PT.

"Estereótipos de Péricles"

"De novo, mesmo em Péricles, está o fato do eleitorado conservador da cidade ter ignorado a sua prevenção em relação ao partido do candidato, o PT, comprometido com os movimentos populares, como greve, as invasões de terra, de lotes, de casas". (Diário da Manhã, p. 3, 24/09/1996)

Como vimos, o colunista constitui uma forma específica de representar para seus leitores a imagem do PT e por consequência a de Péricles, que nessa perspectiva estariam intimamente ligados aos mesmos estereótipos, construídos pela mídia de massa.

Percebendo que Péricles estava em ascensão nas intenções de voto, Adail Inglês procurou agora dissociar a imagem de Péricles ao PT, pois, ao que tudo indica, o colunista possui uma grande aversão ao Partido Trabalhista, sendo assim, no dia seguinte ele afirma:

"É preciso que se reconheça que o crescimento da candidatura de Péricles em nada tem a ver com o PT. As pessoas estão votando no 'Péricles' e não no 'PT'. A vinda do presidente do PT José Dirceu, foi um erro, porque no desfile, já apareceram as primeiras bandeiras vermelhas. Se Lula chegar aqui, a campanha do Péricles será toda do PT. E aí, o festival de bandeira vermelha mexerá com o brio dos pontagrossense". (Diário da Manhã, p. 3, 25/09/1996)

Aqui o texto de Inglês problematiza a estratégia de Péricles por convocar o presidente do PT, pois possibilitou o aparecimento das bandeiras vermelhas petistas e ao que tudo indica, a relação entre as bandeiras petistas e o movimento comunista ainda assusta o colunista, que faz de seu temor o de todos os pontagrossenses. Ou seja, Adail Inglês transforma os seus anseios individuais em anseios coletivos.

Avaliando o perfil de Péricles, a coluna continua no dia 27:

“Péricles ao contrário do que se imaginava, não repetiu as campanhas anteriores do PT, que só buscavam votos nos fundos dos bairros, e no pequeno circulo da chamada intelectualidade. Hoje Péricles é o candidato do Jardim América, porque o Jardim América descobriu que ‘comunista não come mais criancinha’”. (Diário da Manhã, p. 3, 27/09/1996)

Novamente Péricles é relacionado à imagem de comunista, mas que nesse momento conquistou a burguesia local, pois os comunistas não são os mesmos que de décadas passadas.

Um dia antes do processo da eleição, Adail Inglês parte para o tudo ou nada em nome do seu candidato Plauto Miró Guimarães:

“Tudo ou nada”

“Tem alguma coisa diferente acontecendo na cidade, pela primeira vez, a candidatura de Plauto Miró Guimarães passou a experimentar um espetacular crescimento, que teria acontecido com a carreata que impressionou a cidade que reuniu 1500 veículos, o que nunca houve na cidade. (...) É preciso que se reconheça a reação da candidatura do deputado Plauto (...)”. (Diário da Manhã, p. 3, 02/10/1996)

No desejo de avaliar ao leitor o quadro político daquele momento, o colunista cria estereótipos para as campanhas dos demais candidatos:

“É possível que a campanha tenha tido três etapas distintas, a primeira, a da ‘novidade’, que seria a do deputado Jocelito Canto, a segunda, a do encanto, pelo ‘apelo sentimental de amor à cidade’, com Péricles de Holleben Mello, e agora estaria em curso a terceira etapa, que seria a de uma ‘tomada de consciência’ do eleitor quanto a um pragmatismo do voto, o que estaria então a favorecer Plauto Miró Guimarães Filho, dono indiscutível do melhor conjunto de propostas de governo”. (Diário da Manhã, p. 3, 02/10/96)

Adail Inglês posiciona os candidatos e determina o que eles representaram até aquele momento nas eleições e, a partir disso, coloca Plauto como o político em que um leitor sensato teria a obrigação de votar.

Ao classificar os candidatos a determinados estereótipos no processo eleitoral, Adail Inglês faz uma relação no dia seguinte a essas classificações:

"Chegou a hora da eleição"

"A campanha é coisa do passado, hoje é dia de eleição, dia da escolha, dia do voto. É a hora e a vez do eleitor. Da decisão do eleitor vai depender o novo quadriênio da cidade. Se o eleitor agir com prudência e responsabilidade, seguramente, a cidade irá ser premiada com uma boa escolha. Mas, se o eleitor se deixar levar pelo passionalismo, pela emoção do momento, é possível que toda cidade pague por isso pelos próximos quatro anos". (Diário da Manhã, p. 3, 03/10/1996)

Se Jocelito foi uma "novidade", e Péricles o "candidato do apelo sentimental", ambos estariam enquadrados no que o colunista entende por passionalismo e a emoção do momento, restando a prudência e a responsabilidade no voto a Plauto Miró Guimarães.

Com o término da eleição, Jocelito Canto é eleito prefeito da cidade em 1996, restando a Adail Inglês repensar seu discurso para com o novo prefeito:

"Jocelito é eleito"

"Neste instante o que importa, de fato, é realçar o feito espetacular desse radialista Jocelito Canto, dono de um carisma impressionante que ganhou as eleições, por conta de seu próprio prestígio, de seu próprio apelo popular, de sua maneira singular de ser populista. Tudo nele, na campanha parecia ser bonito, aos olhos do povo. Até mesmo quando se apresentou de calção, no programa eleitoral da televisão, e deu um mergulho nas águas do Rio Verde. É claro que soube reunir um conjunto de fatores, que o favoreceu na vitória. Mas, de forte mesmo, sua característica especial de ser, no comando da Garagem da Esperança". (Diário da Manhã, p. 3, 04/10/1996)

Dando continuidade ao seu discurso de legitimação a Jocelito Canto, o colunista agencia as significações que já estavam presentes em certas colunas do Jornal da Manhã ao novo prefeito:

"Pobre votou em pobre"

"O povo fez de Jocelito um Herói: Em campanha política, costuma-se dizer que pobre não vota em pobre, mas nesta eleição pobre votou em pobre. E votou

em pobre porque o pobre dessa eleição se mostrou um herói dos pobres, do marginalizado, do humilde do fundo de bairro. Jocelito teve coragem de enfrentar o rico, de desafiar os poderosos, de enfrentar os donos da cidade, foi aí que Jocelito virou herói. Jocelito mais do que nunca representa o prefeito esperança! Esperança para os pobres, para os humildes, para todos os deserdados da sorte, que viram nele um verdadeiro salvador da pátria". (Diário da Manhã, p. 3, 04/10/1996)

4.6 A coluna *Expressões* no *Jornal Da Manhã* em 2000

Já na eleição de 2000, o populismo praticado por Jocelito Canto entrava em desgaste, alguns setores da elite que o apoiaram na candidatura de 1996 deixariam de apoiá-lo, chegava ao fim a era Jocelito Canto na prefeitura, ou a era do populismo na política local.

Nessa eleição, a aristocracia ruralista local, percebendo que seu candidato Tavarnaro estava em baixa nas pesquisas de intenção de voto, migra seu apoio para o lado de Péricles de Holeben Mello, na tentativa de evitar a vitória de Jocelito Canto, que estava desagradando os interesses desse grupo. Assim, numa aliança com setores de centro (PMDB e PDT), Péricles se coloca em condições efetivas de vencer as eleições. (RAMALHO, 2011)

Sendo assim, o resultado dessa eleição foi o seguinte: Péricles de Holleben Mello (PDT, PT, PMDB) elege-se prefeito com 72 mil votos, em segundo lugar veio Jocelito Canto (PPB, PSDB, PL), com 60 mil, Tavarnaro (PFL, PTB) ficou em terceiro, com 6 mil votos, Wagner Meneses (PSB, PPS) em quarto, com 3 mil votos e Penckoswski em quinto, com 2 mil. [6]

Na coluna *Expressão* do JM, a eleição é representada no dia 5 de setembro como um momento em que as campanhas e os políticos expressam certo poder criativo com traços de maldade como forma de demonstrar a temperatura da campanha que se inicia:

"O poder criativo das campanhas"

"O período eleitoral mais do que um período de tensa batalha política, é época em que a criatividade reina com certa pitada de maldade. Incrível a capacidade

[6] Dados informados pelo site do Tribunal Regional Eleitoral. Disponível em: www.**tre**-pr.gov.br/.

do ser humano em articular ataques covardes aos inimigos, quando se sente ameaçado". (Jornal da Manhã, p. A-3, 05/09/2000)

E continua:

"Prova disso é o adesivo apócrifo que circula pela cidade, fazendo alusão ao PT e a seu candidato a prefeito '13 da azar' sugere a mensagem. Então vá. Vamos apelar agora para as crenças e crendices". (Jornal da Manhã, p. A-3, 05/09/2000)

Como nas eleições anteriores, a Coluna demonstra preocupação com a forma que a propaganda política estava sendo desenvolvida naquele momento e propõe ao leitor de maneira irônica para seguir acreditando nessas publicidades.

No dia 07 e 08 de setembro, a coluna volta a criticar o campo publicitário político:

"Ninguém aguenta a mesmice"

"Falta marqueteiro nessa eleição. Só pode ser. Esperam tanto o bendito horário eleitoral na TV e no rádio e não sabem aproveitar. É ter asas e não saber voar. Podendo pintar e bordar, o programa dos candidatos é uma mesmice só. Será que ninguém percebe que está se desperdiçando um filão? Que nenhum eleitor mais assiste ou ouve a programação porque não aguenta ver as mesmas coisas, as mesmas promessas vazias e ditas de forma amadora"? (Jornal da Manhã, p. A-3, 07 e 08/09/2000)

Aqui nota-se que a coluna tornou-se o espaço para manifestação crítica e objetiva ao campo político, não apenas um lugar de divulgação de informações. Seu foco volta-se para o uso precário dos espaços de mídia eletrônica, dando conta da limitação dos agentes promotores dos programas eleitorais.

No dia seguinte, a coluna também demonstra o total descontentamento com os candidatos a prefeito:

"O perfil político ideal"

"É triste constatar, mas os candidatos a prefeito deveriam passar por um teste de conhecimentos gerais antes da sua candidatura aprovada pela Justiça Eleitoral". (Jornal da Manhã, p. A-3, 09/09/2000)

Nesse ponto, percebe-se que para a Coluna existe um perfil ideal de candidato, sendo ele possuidor de um determinado nível intelectual. Assim, ela se

mostra prescritiva para com o campo político, ou seja, sem esse capital intelectual necessário, o político não poderia concorrer. Reafirmando esse ponto, ela segue:

"A necessidade pode ser percebida através dos discursos feitos durante o horário eleitoral gratuito, onde as bobagens que se falam também são gratuitas, juntamente com as concordâncias verbais". (Jornal da Manhã, p. A-3, 09/09/2000)

Quatro dias depois de publicações sobre a política nacional, podemos ter uma noção de que a disputa para prefeito em Ponta Grossa está sendo feita particularmente entre os candidatos Jocelito Canto e Péricles de Holleben Mello, algo que a coluna desaprova:

"A polarização negativa"

"A polarização não traz nada de bom, independente da situação da disputa. O eleitor acaba escolhendo um candidato no intuito de impedir a vitória do outro". (Jornal da Manhã, p. A-3, 13/09/2000)

Essa passagem revela o movimento que estava ocorrendo naquele momento, no qual a coluna percebe a transferência de votos que ia de Tavarnaro para o emergente Péricles, que subia gradativamente nas pesquisas.

Voltando a campanha dos candidatos, no dia 19 de setembro a coluna faz uma declaração sobre a situação que se encontra o debate entre os candidatos a prefeito:

"A guerra política"

"As agressões e críticas vazias também podem retratar a falta de assunto e de propósito dos distintos candidatos. O maior prejudicado é o eleitor, mas infelizmente muitos não têm consciência disso, dando crédito a atitudes, no mínimo indignas de um futuro prefeito". (Jornal da Manhã, p. A-3, 19/09/2000)

Nesse momento, a coluna *Expressões* recupera o objeto que a coluna *TV Mídia* se debruçava nas análises, ou seja, especificamente sobre o comportamento dos políticos no uso da televisão.

Passado alguns dias sem publicação do assunto específico do trabalho, percebeu-se que a maioria das colunas buscava trazer em seu conteúdo apenas

informações e quando tratava de formular uma opinião sobre o fato, fazia de maneira relativamente sutil, como vemos nessa publicação:

"Há tanta poluição visual nas ruas"

"A uma semana da eleição, parece que a cidade entrou em ritmo de campanha. O que não se sabe é se isso é bom. No sábado, a Avenida Vicente Machado estava intransitável. A poluição visual era tanta incrível. Muitos carros estacionados estavam com adesivos e placas de um mesmo candidato a vereador. Devem ter madrugado na avenida para garantir um lugar tão concorrido". (Jornal da Manhã, p. A-3, 24/09/2000)

O texto acima coloca ao leitor uma dúvida: é possível estar bom com tanta poluição visual na rua? A pergunta parece trazer a resposta, dizendo que isso não é bom e que também essa fase do processo eleitoral torna-se um momento de grande incomodo para a população.

A opinião ficava um pouco mais acentuada em algumas publicações:

"Pela internet, televisão, rádio, panfletos, comícios, ou qualquer tipo de veiculo midiático, que possa via a ser inventado e utilizado em campanhas políticas, a paciência do eleitor sempre será abusada, bem como seu respeito violado". (Jornal da Manhã, p. A-3, 24/09/2000)

Como vimos, o discurso da coluna *Expressões* foi gradativamente transformando-se na fórmula, mais informação e menos opinião, sobre o debate e as propagandas políticas televisivas e no ano de 2000, isso aumentou, pois como vemos na publicação a seguir, o tom da opinião sobre o último debate entre os candidatos, mesmo de maneira irônica, ocorreu de forma sutil, sem tomar posição por nenhum candidato.

"Diversão: e ninguém nega que foi um programa humorístico, acima de tudo. Quem não se abrigou a rir de algumas tiradas, o bom senso da cidadania dos candidatos sucumbiu ao diálogo hilariante". (Jornal da Manhã, p. A-3, 30/09/2000)

Com a vitória de Péricles de Holleben Mello, a Coluna publica no dia seguinte uma avaliação sobre a eleição de 1996 e 2000:

"A avaliação do cenário político de 1996"

"A situação de 1996 foi muito diferente. Na época, três fortes candidatos dividiram os votos, mas a campanha desse ano começou polarizada e foi assim até o final. Ou seja, apesar de poder escolher entre seis postulantes, a grande maioria (90%) optou por um dos dois, o que dividiu os votos". (Jornal da Manhã, p. A-3, 04/10/2000)

Além das características dos dois processos eleitorais, pudemos perceber mais objetivamente na publicação acima, a forma de narrativa informativa buscada na coluna do JM nesse período.

4.7 A Coluna *DC* no Jornal *Diário dos Campos* em 2000

Como já apontando, no início dos anos de 1990, o grupo que dirigia o *Diário dos Campos* decidiu sobre o encerramento das atividades do jornal, devido à falta de recursos.

Alguns anos se passaram e em 1999, o Jornal reabre com isso Eloir Rodrigues que retorna ao jornal e assume a direção do *Diário dos Campos*, organizando uma maior abertura editorial, objetivando a pluralidade das opiniões nas matérias.

Fazia-se presente em seus conteúdos aumento da presença da técnica jornalística, baseada em um acúmulo teórico orientado pelo pensamento comunicacional contemporâneo.

Essa reabertura do *Diário dos Campos,* em 1999, indica a passagem de um modelo do jornalismo local, sobretudo de um aspecto que o personalismo e as relações de clientelismo determinavam os direcionamentos da notícia, principalmente política. Era um momento de ruptura desse modelo que beirava o amadorismo, para um modelo de ampliação profissional, buscando alinhar suas produções ao modelo dos jornais viabilizados comercialmente.

Visto isso, pensaremos a coluna do DC, que fica localizada na sessão de política e compunha-se de uma série de seis a sete pequenos textos, sua forma é vertical e vai do início ao fim da página, como na imagem abaixo:

RIO DOS CAMPOS — POLÍTICA — PONTA GROSSA • 9 de setembro de 2000 • 03A

Candidato diz que presidente do PRN pode voltar ao cargo

...a de ataque aos adversário deve continuar até o final da campanha

...ANE FELCHACKA
...A REDAÇÃO

PONTA GROSSA – O candidato a prefeito pelo PRN, Rogério Marcondes, acredita que o afastamento ... presidente Ataíde Júnior seja apenas tem... não definitivo, como ... Taques havia infor... atrás. "Ele teve uns ... de ordem pessoal e ... tomou esta decisão. Eu ... que seu retorno acon... breve", acrescenta o ...

... Marcondes a renúncia ... não vai influenciar ... no andamento de sua ... "Ele não é mais o ..., mas mesmo assim ... atuar me ajundando ...", comenta.

... a confusão entre Ta... candidato a vereador ... Wurr ... foi apenas ...entendido. ... a visão de ..., que ... não se posi... oficialmen... que não ... ainda ... "O que aconteceu ... falta de entrosamento. ...deria ter sido evitado", ... última terça-feira, Wurr teve seu programa de televisão cortado, e no lugar exibido uma matéria divulgada em maio, pelo programa Fantástico da Rede Globo, sobre possíveis improbidades administrativas, ocorridas na administração. A denúncia foi feita pelo empresário Sydnei Spósito. O processo ainda está em trâmite na Promotoria Pública.

ATAÍDE VAI CONTINUAR NO COMANDO DOS TRABALHOS

Até ontem à tarde a executiva estadual do PRN não havia se pronunciado sobre o rumo que o partido terá de seguir a partir de agora. "No início da semana eles devem nos dar alguma orientação", informa Marcondes

CAMPANHA A estratégia de utilizar as imagens veiculadas em uma matéria do Fantático, segundo o prefeiturável, é apenas para refrescar a memória da população. "Estamos em cima de quem está em evidência", explica.

Esta linha de programa deve ser adotada até o final da propaganda eleitoral. "Se eu tivesse o que falar dos outros adversários eu também colocaria no ar. A diferença é que eu não tenho nada em mãos", complementa. *(E.F.)*

Marcondes acredita que até o início da próxima semana a executiva estadual deve se pronunciar

Agenda dos candidatos a prefeito

Wagner Menezes (PPS) Pela manhã carreata com candidatos a vereador pelos bairros; pela tarde reunião com lideranças comunitárias; pela noite reunião com coordenadores de campanha

Jocelito Canto (PSDB) Durante todo o dia, visitas aos Bairro de Uvaranas, Vila Coronel Cláudio, Vila Edelmira, Distrito de Itaiacoca, Vila Marina, Vila Santana, Bairro de Nova Rosita; comício na Vila dos Ferroviários e lonas de circo no Bairro Santa Lúcia

Péricles Mello (PT) 11 horas visita a empresa de transporte; das 14 às 19 horas reuniões com líderes comunitários, 19h30 encontro com grupo Reviver; 20 horas concurso Miss Tarobá; 20h30 comício no Núcleo Rio Verde; 21 horas comício no Núcleo San Martin

Carlos Tavarnaro (PTB) Pela manhã reunião com coordenadores de campanha e gravação de propaganda eleitoral e durante a tarde também

Rogério Marcondes (PRN) Não foi divulgada

ST quer utilizar plebiscito para ...otestos e aumento de invasões

...ção de invasões de terras e supermercados ...as ações que estão sendo planejadas

...NCIA ESTADO

...IA - O Movimento ...adores Sem-Terra ... transformar a ... do plebiscito da ... realizado em ... em grandes áreas de ... o política ... de ...

que reuniu integrantes do Grito dos Excluídos.

O plebiscito foi realizado nos 26 Estados e no Distrito Federal e tem o objetivo de exigir do governo uma auditoria da dívida externa brasileira e a adoção de controles para a política de endividamento. A auditoria da dívida está prevista no

suas ações na área social. Segundo Portes, a população está revoltada "e, com certeza, vai reagir exigindo seus direitos".

As entidades que promoveram o plebiscito, entre elas o MST, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Central Única dos Trabalhadores (CUT) vão ...divulgar o resultado da

coluna DC

Projeto de lei deve alterar Estatuto da Polícia Civil

O governo do Estado deve enviar à Assembléia Legislativa, na próxima semana, projeto de lei que altera o Estatuto da Polícia Civil. A proposta recebeu subsídios de uma comissão especial – designada pelo Palácio – que investigou o envolvimento de policiais com o crime organizado. Um dos pontos do projeto deve provocar polêmica na corporação. A proposta é que a condução de inquéritos para apurar atos irregulares de policiais seja feita pela corregedoria da PC – e não mais pelo Conselho da Polícia Civil. A avaliação da comissão que estudou o assunto é de que a corregedoria tem mais autonomia para investigar denúncias de corrupção contra delegados, agentes, escrivães etc. Além disso, a corregedoria terá exclusividade de iniciativa na instauração de processos disciplinares. É nitroglicerina pura, comentou um delegado. Ou como mexer num ninho de vespas, pois se prevê forte resistência da polícia. É seguro que a corregedoria, com o necessário distanciamento, terá melhores condições de vigiar a polícia e coibir os deslizes inerentes à atividade. A matéria promete muita controvérsia no plenário da Assembléia.

Contra-ataque

Faltando 22 dias para as eleições o clima das propagandas gratuitas de televisão começa a ficar mais quente. Depois dos prefeituráveis Wagner Menezes (PPS) e Rogério Marcondes (PRN) iniciarem uma linha de ataque aos adversários, na última quarta-feira foi a vez do candidato à reeleição Jocelito Canto (PSDB) dar suas alfinetadas. Jocelito afirmou qu tem gente sobrando nesta campanha, uma vez que não sabe porque determinado partido está concorrendo.

Repetição de frases

Ainda dentro desta linha, o prefeito acusou, sem citar nomes, que uma candidatura está trabalhando por outra. Enquanto um ataca outro sai de bonzinho, sem se sujar. Esta foi a idéia principal da fala de Jocelito. Outra afirmação, a mesma usada por ele há alguns meses quando as acusações do empresário Sydnei Spósito tinham recém surgido, também foi ao ar. "A verdade vai aparecer na hora certa", diz. Todos estão esperando há meses por esta hora.

Caminhos parecidos

Carlos Tavarnaro (PTB) na tarde de ontem também optou pela mesma linha. Agora o alvo dos torpedos foram os planos de governo dos adversários. Tavarnaro não mediu esforços para salientar as 'inverdades dos projetos'. A alegação é que não são propostas cabíveis dentro da realidade. A tendência é que boa parte das campanhas passem a fazer uso deste estilo de propaganda, uma vez que o dia das eleições se aproxima. Nesta etapa vale tudo para derrubar os concorrentes e assim conseguir um número maior de votos. A cada dia novas surpresas podem aparecer dentro dos programas dos prefeituráveis.

Errata

Na matéria veiculada na edição de número 28.121, lê-se o título da matéria "Candidato a vereador do PRN pede cassação do presidente".

Tucano no ninho

Corre pelos corredores da política que tem tucano grande querendo estragar a festa do Ministério Público. Como há interesse em manter o governo público em Ponta Grossa, tem figurão tentando adiar o andamento dos processos em trâmite na Justiça. Parte destes processos são referentes à possíveis improbidades administrativas no município. Por se tratar de período eleitoral pode ser apenas fogo de palha, embora as historinhas não possam passar despercebidas pela população.

Reta final

Nesta segunda-feira, a CPI local do Narcotráfico deve entregar o relatório final dos trabalhos ao presidente da Câmara, vereador Delmar Pimentel (PL). Depois de mais de três meses de investigações e reuniões, finalmente os resultados poderão ser conhecidos. Depois de passar o material para Pimentel, a comissão deve enviar o relatório às autoridades responsáveis. A entrega vai acontecer durante a sessão ordinária da Casa.

A...J...A...T...O

Um dos maiores traficantes de drogas do país, o Escadinha, pode se tornar assessor parlamentar da Assembléia do Rio.

Há um mês o deputado estadual PMDB Mário Luiz de Souza (PMDB),

entregou à Justiça, um pedido de prisão semi-aberta.

A alegação é que o preso poderia trabalhar como assessor especial de seu gabinete, recebendo salário de R$ 2,7 mil.

O traficante já cumpriu 17 anos da sua pena e está preso em regime fechado no presídio Bangu 4, no Rio, por tráfico de drogas.

Escadinha foi o chefe do tráfico no Morro do Juramento, na zona norte e ficou conhecido

Jornal Diário dos Campos - 9 de setembro de 2000 – página 3

Outra característica dessa coluna é que ela apresenta charges em seu espaço, com o objetivo de ilustrar o próprio conteúdo de seus textos.

Passadas essas considerações, vamos analisar as representações das colunas, que iniciaram no dia 02 de setembro, abordando o candidato Jocelito Canto em sua aparição no Festival Nacional de Dança, e a coluna mencionou:

“Na abertura do festival de dança que aconteceu nessa quinta-feira em Ponta Grossa, a palavra chave da noite foi desrespeito. A atitude aconteceu tanto da parte da plateia quanto do prefeito e candidato a reeleição Jocelito Canto (PSDB). O público por vaiar o candidato em seu discurso e o candidato dizer que o publico só vaiou porque são petistas”. (Diário dos Campos, p. 03A, 02/09/2000)

Aqui, a coluna inicia sua análise do fato demonstrando um nível normativo com relação ao comportamento dos eleitores e do candidato e segue:

“Enquanto falava, Jocelito tentou manter a compostura, embora não tenha se segurado no final. O que mais chamou a atenção foi a falta de informação do vaiado que não se deu conta de que o grupo de bailarinos que estava no palco era de Campo Grande (MS). Pode ser considerado um ato deselegante, uma vez que entre os dançarinos poderia ter algum petista que não tem nada a ver com a briga do Péricles de Holleben Mello (PT), já que o prefeito de Campo Grande é do PT”. (Diário dos Campos, p. 03A, 02/09/2000)

A coluna do DC procura demonstrar pouca opinião sobre os acontecimentos. Porém, em certa parte do texto ela prescreve uma maneira normativa para o comportamento do candidato Jocelito Canto.

Já em sua grande maioria de textos, a coluna procura ditar um tom informativo, apresentando os fatos ao leitor, como na publicação:

“Informação X opinião”

“Está marcado e confirmado para o dia 14 desse mês, um debate aberto para o público, entre os candidatos a prefeito da cidade. A promoção é do curso de Jornalismo da UEPG e deve ocorrer no auditório da reitoria, a partir das 19 horas. Apenas Carlos Tavarnaro não confirmou sua presença. Pencoski promete comparecer para debater com os adversários”. (Diário dos Campos, p. 03A, 06/09/2000)

Em outro momento a coluna busca uma sutil avaliação das estratégias de campanha dos políticos, como vemos a seguir:

“Wagner Menezes que concorre a prefeito de Ponta Grossa pelo PPS, adotou a mesma estratégia de Carlos Tavarnaro (PTB), ou seja, a aparição de sua mulher no programa eleitoral. O discurso usado é praticamente o mesmo no qual a companheira enfatiza que o candidato é uma boa escolha. Agora só resta saber se vai surtir efeito”. (Diário dos Campos, p. 03A, 07/09/2000)

“Avaliando as estratégias”

“Quem acompanha a propaganda eleitoral da TV pode ver as inserções do candidato. Caricaturas dos concorrentes estão sendo usadas para alertar, qual a melhor opção. Outras novidades devem aparecer nos próximos dias. Muitos programas de combate já estão sendo preparados”. (Diário dos Campos, p. 03A, 07/09/2000)

Nesse momento a coluna descreve os passos do político, sem demonstrar claramente se está apoiando suas estratégias ou criticando-a, sua posição ainda revela-se na tentativa de divulgar os fatos ao leitor, sem julgá-los.

Outro ponto demonstrado pela coluna é o local no qual ela constrói a sua notícia, ou seja, o espaço social privilegiado que seu material é colhido e que também resulta no enquadramento específico, que é característico da coluna, como havíamos dito anteriormente. Desvenda-se aí o lugar de sua fala:

“O lugar de fala da coluna”

“As conversas de bastidores que geram os boatos continuam com o tema principal: que o deputado Plauto Miró Guimarães PFL, tem na surdina, apoiado um dos concorrentes de Carlos Tavarnaro (PTB). O petista Péricles de Holleben Mello seria este nome. Isto mostra que o prefeiturável está em alta, tendo em vista que Jocelito Canto (PSDB), já andou dizendo por aí que não acharia ruim a sua vitória”. (Diário dos Campos, p. 03A, 07/09/2000)

Como visto um dos lugares privilegiados para o colunista são os bastidores, é através deles que são constituídos o material noticioso das colunas e seu recorte específico, como visto também a seguir:

“’Corre pelos corredores da politica’ que tem tucano grande querendo estragar a festa do Ministério Público. Como há interesse em manter o governo público

em Ponta Grossa, tem figurão tentando adiantar os processos em tramite na justiça". (Diário dos Campos, p. 03A, 09/09/2000)

Em relação ao contexto político, a eleição de 2000 também ganhou críticas com a suas campanhas políticas na televisão, como estava publicado na coluna do dia 10 e 11 de setembro:

" As campanhas políticas"

"As reclamações referentes às repetições dos programas eleitorais de Ponta Grossa têm hora marcada para acabar. A preferência de todas as chapas concorrentes é lançar os novos programas sempre no período da noite. No início da tarde, na maioria das vezes, é reprisado o último exibido. As mudanças acabam despercebidas e com isso geram comentários". (Diário dos Campos, p. 03A, 10 e 11/09/2000)

E segue:

"Ainda assim isso não significa mudança ou inovação, tendo em vista que programas velhos estão sempre reapresentados esporadicamente. Péricles de Holleben Mello (PT) é o mais campeão nessa categoria. Não se sabe o porquê de tantas reprises dos programas das igrejas, uma vez que os monges não gostam do resultado final das filmagens". (Diário dos Campos, p. 03A, 11/09/2000)

Já as propagandas políticas não estão sendo abordadas pelas colunas como objeto principal e determinante da campanha dos candidatos, como foi constatado nas eleições de 1992 pelas colunas dos outros jornais, mas ainda ocupam um lugar de preocupação delas.

Outra característica que o colunista procura fazer em seu texto é de natureza especulativa, que ao observar um fato, ele procura inferir possibilidades que levaram o sujeito envolvido no fato a fazê-lo, como na publicação abaixo:

"O prefeito Jocelito Canto está de viagem marcada para a Europa. O embarque acontece nesse final de semana. A proposta da viagem é tentar trazer uma nova indústria para o município. O estranho é que o prefeito, exatamente na reta final da campanha, ausente-se por cerca de sete dias. Para tal atitudes há duas possibilidades, aproveitar o tempo para descansar ou então conseguir subsídios para a corrida da reeleição". (Diário dos Campos, p. 03A, 15/09/2000)

Como visto, nessa publicação não bastou apenas informar sobre o ocorrido, o narrador criou certa especulação sobre as intenções do candidato.

Voltando a falar sobre os programas políticos para a televisão**,** a coluna revela a preocupação de alguns políticos com a *performance* de suas produções, que deveriam ser muito mais ligadas às estratégias de sedução para conquistar o espectador:

"Estratégias"

"Wagner Meneses (PPS) candidato a prefeito, já declarou várias vezes que o seu programa eleitoral não estava de acordo com o que pretendia, por isso a alternativa foi mudar. Sob a justificativa de deixá-lo mais atraente ao leitor, introduziu algumas caricaturas. Mas, a última estratégia parece não ter surtido efeito. As máscaras não agradam as pessoas, que acabaram declarando que a propaganda foi de muito mau gosto. Além de mal aproveitada, a ideia não conseguiu atingir ao publico". (Diário dos Campos, p. 03A, 19/09/2000)

Chegando ao fim do processo, com a derrota de Jocelito Canto para Péricles de Holleben Mello, a coluna no dia 03 de outubro publica:

"Há pessoas que são muito claras em relação a sua posição. Até aí, nada de novidade. O incrível é que do dia para noite a opinião muda, tão descaradamente a ponto de deixar pessoas completamente atordoadas e indignadas com a situação". (Diário dos Campos, p. 03A, 03/10/00)

A passagem indica que o jornal esperava outro resultado do processo eleitoral, talvez aquele indicado por algumas pesquisas de intenção de voto, que apontavam Jocelito Canto como o melhor posicionado para vencê-la.

Como vimos nossa análise permeou por variadas características, que iam surgindo no decorrer das publicações das colunas e por isso podemos refletir sobre a forma do discurso operado pela coluna DC nesse período.

Sendo assim, pudemos revelar que a coluna DC constituiu uma narrativa mista, mas, na maioria das vezes procurava apenas relatar os acontecimentos políticos do processo eleitoral, ocultando a opinião do colunista e seu posicionamento político. Comprova-se também que a coluna não precisava revelar fatos de natureza verdadeira, comprovável, e sim, pode-se levar ao texto fatos de natureza hipotética, de "rumores", que são produzidos por fontes indeterminadas.

Contudo, em determinados dias, ela revelou um discurso normativo sobre o comportamento dos políticos e dos eleitores. E também o lugar privilegiado de constituição de sua noticia, que eram os bastidores e corredores das instituições políticas.

4.8 A coluna *Opinião* no Jornal *Diário da Manhã* em 2000

Como já apresentada anteriormente, a coluna do *Diário da Manhã* é a que talvez melhor incorpore os elementos narrativos do modelo de colunismo clássico, ou seja, ela articula sobre os fatos, posicionando sua opinião e também centraliza o discurso em torno de seu colunista.

Visto isso, nos primeiros dias de setembro, o colunista Adail Inglês faz uma avaliação sobre os políticos que na sua perspectiva são os favoritos para o cargo de prefeito de Ponta Grossa, e o primeiro a ser avaliado é Tavarnaro:

"O sonho de Tavarnaro"

"O que justificaria uma vitória de Tavarnaro como prefeito da cidade: É claro que todo cidadão sonha em poder governar sua cidade, sonha mesmo em poder governar o seu Estado, o seu País. O ser humano sonha e sonha com todo o direito, porque o sonho é a realidade da vida. Ninguém sonha o que a vida não possa lhe proporcionar. Até porque ninguém sonha além da vida que vive.... Com Tavarnaro isso nunca aconteceu, e não aconteceu porque ele próprio nunca criou a menor oportunidade para que dele se falasse, simplesmente, porque ao longo de toda sua vida profissional, só a ela se dedicou, sem espaço sequer para uma atividade de carácter comunitário, seja de que natureza fosse. Se ele sonhou em ser prefeito, logo deve ter acordado convencido de que não se sujeitaria ao ritual do processo para se chegar à realidade do sonho". (Diário da Manhã, p. 3, 01/09/00)

Nesse momento o colunista constitui um cenário ideal a que todos, em seu imaginário, gostariam de ocupar, que é a de político do estado. E nesse cargo, para se chegar lá, ele deve trilhar uma série de caminhos e também estar inserido em uma carreira que lhe assegure seu contato direto com determinadas parcelas da sociedade, o que para Adail Inglês, Carlos Tavarnaro não se enquadra, pois ele não

exerceria as práticas que o colunista prescreve como necessárias a um político ideal:

“Nunca se viu o candidato apertando a mão de todo mundo na rua, abraçando as pessoas nos comícios, sendo assediado pelo pobre, que precisa de um dinheiro para comprar remédios na farmácia, pelo moleque de rua, que quer dinheiro para comprar pão, pelo bêbado em frente ao boteco do bairro, que precisa de dinheiro para beber mais um pouco”. (Diário da Manhã, p. 3, 01/09/00)

Adail remete a fraca aceitação do candidato devido a sua campanha não ter seguido os critérios prescritos pelo colunista. Não obstante a essa normatividade imposta em sua narrativa, ele questiona:

“Mas o que haveria, enfim, a justificar uma vitória de Tavarnaro? Talvez, pouco, por pouco ter ele ao longo de sua vida se preocupado com a comunidade. Não é defeito, por ser ele um homem de negócios, como milhares de outros... Porém, é possível que tenha incursionado pelo caminho errado, numa hora errada”. (Diário da Manhã, p. 3, 01/09/00)

No dia seguinte, Adail Inglês faz sua reflexão sobre Péricles de Holleben Mello:

“Reeleito deputado estadual em 98, o político está em campanha de novo. E traz a novidade da aliança com outros partidos, especialmente com o PMDB e o PDT, rompendo preconceitos de antes. Como em 96 sua campanha é alegre, solta, distante das questões mais delicadas que seu partido defende, como invasões de terra e greve”. (Diário da Manhã, p. 3, 02/09/00)

Nessa passagem, o colunista representa a imagem do PT a invasões de terra e a greve, resumindo o significado do partido apenas a essas ações.

No dia seguinte, o colunista avalia o político Jocelito Canto:

“O candidato idealizado”

“O Jocelito não se fez prefeito, o prefeito da cidade é que se fez Jocelito, eis que Jocelito não mudou seu modo de viver, continuou sendo radialista,

continuou suas campanhas aos menos favorecidos, já então, por meio de uma entidade que criou e organizou, a Garagem da esperança. Fez o povo do bairro, o povo simples, sentir-se prefeito também com ele na prefeitura. Com o povo atendeu nas principais obras que realizou. Com o povo que ele não abandonou, que ele não traiu, por ser o seu povo, a origem de onde veio". (Diário da Manhã, p. 3, 03/09/00)

A representação construída por Adail Inglês propõe ao leitor compreender Jocelito Canto como um candidato idealizado, pois segundo o colunista, sua administração esteve intimamente ligada à assistência das classes mais necessitadas. Nas representações da coluna, Jocelito é o legítimo prefeito do povo.

Quatro dias passaram-se, e neles as colunas relatavam assuntos sobre a política estadual e nacional, fugindo do nosso foco de analise. Sendo assim, no período que sucedeu a eles, no dia 07 de setembro, ela revela que o candidato que estava em grande crescimento nas pesquisas era Péricles de Holleben Mello, devido a um fator em especial:

"O fator expressivo"

"Os coordenadores da campanha do deputado Péricles de Holleben Mello souberam aproveitar esse momento de cochilo do lado do adversário, intensificando o apelo do sonho, da ilusão, da fantasia, na propaganda bonita da televisão". (Diário da Manhã, p. 3, 07/09/00)

Percebe-se aqui, que o recurso tecnológico da propaganda televisiva voltou a ser um dos grandes fatores apontado pela coluna, desse momento de ascensão do político. Entretanto, a imagem do PT ainda aparece como um fator expressivo para tensionar a campanha de Péricles, como vemos na publicação:

"A polarização da candidatura de Péricles com Jocelito Canto era vantajosa até certo ponto, para Canto, pelo falo de Péricles pertencer ao PT. Entretanto, o medo do PT, pelo que se verifica, já foi bem maior, eis que a presença de empresários na campanha de Péricles está a demonstrar que o segmento empresarial, ou parte dele ao menos, rompe o preconceito de antes, em um comportamento que chega a ser surpreendente, em se tratando de Ponta Grossa, que sabidamente é a cidade mais conservadora do Paraná". (Diário da Manhã, p. 3, 07/09/00)

No imaginário do colunista, o PT ocupa um lugar de destaque em relação aos outros partidos, destaque esse relacionado às representações construídas por outros segmentos da mídia, de que o partido sempre esteve vinculado ao Movimento Sem Terra e ao comunismo, que repercutiam indiretamente contra o desenvolvimento social.

Já no dia 09 de setembro, Adail Inglês volta a problematizar a candidatura de Carlos Roberto Tavarnaro, revelando o que ele entende pelo processo eleitoral e o caminho que os candidatos deveriam vislumbrar para chegar à vitória.

"O caminho de Tavarnaro"

"Tavarnaro imaginou poder se constituir na grande sensação, considerando que o eleitor se comportaria de modo racional, fazendo um comparativo de qualidade profissional entre todos os concorrentes. E aí, sem sombra de dúvida, ele se destacaria. Sem nunca ter incursionado pela vereda da vida publica na condição de candidato, jamais considerou que a eleição é um processo passional, no qual as pessoas se deixam levar pela venda do sonho, da ilusão, da fantasia, ainda que no meio de tudo isso, deva existir um componente mínimo de realidade: a do candidato, a da figura humana, a da questão subjetiva do fascínio, que gera a venda do sonho, da ilusão, da fantasia. A isso tudo o empresário costuma chamar de demagogia, de mentira, de falsidade. Só que o povo gosta do sonho ou da demagogia, da ilusão ou da mentira, da fantasia ou da falsidade". (Diário da Manhã, p. 3, 09/09/00)

O colunista compreende que o processo eleitoral está constituído em grande parte por elementos do imaginário social, que colocam o papel instrumental da administração em segundo plano. Assim, quando os políticos utilizam-se dessas estratégias que apelam para o lado lúdico das campanhas políticas, eles estão agindo de maneira correta na visão do colunista, pois todos os eleitores são movidos pelos sonhos e sentimentos, não pela razão.

Na coluna do dia seguinte sua linha de pensamento sobre o processo eleitoral volta a avaliar o Partido dos Trabalhadores:

"O PT"

"Ainda que de fato o processo eleitoral seja, como de fato é, um processo passional, no qual não predomina a racionalidade e isso é uma característica

de todo movimento de massa, não custa uma reflexão sobre o crescimento da campanha do PT, em Ponta Grossa, sem qualquer conotação". (Diário da Manhã, p. 3, 10/09/00)

E segue:

"O afastamento publicitário"

"Curiosamente a campanha do PT não fala do PT, e os partidários do candidato Péricles de Holleben Melo não gostam que se fale do PT, como se, de repente, a imagem do partido precisasse ser dissociado da imagem do candidato, ou que o candidato pouco ou nada tivesse a ver com os postulados ideológicos do partido". (Diário da Manhã, p. 3, 10/09/00)

Novamente, Adail representa o PT de maneira a relacioná-lo com aspectos ideológicos, constituídos no imaginário social e apontando para o leitor, que devido a isso, o candidato Péricles está se utilizando de um afastamento publicitário da imagem do partido. E prossegue:

"O problema está no partido do candidato Péricles de Holleben Melo, que não infunde confiança, especialmente no grande empresário, no grande investidor, pela prática costumeira e abusiva da greve, da invasão da propriedade privada, do discurso de diminuição da jornada de trabalho, e do aumento do salário, como se fosse possível aumentar o salário, com diminuição de produção". (Diário da Manhã, p. 3, 10/09/00)

Mais a frente, o colunista faz uma síntese da intenção de seu discurso:

"A barreira do PT"

"Não é uma crítica à campanha do deputado Péricles de Holleben Melo, mas sim uma reflexão sobre a ideologia do partido do candidato, em uma cidade que vive a euforia do instante favorável do capitalismo, na conquista dos grandes investimentos". (Diário da Manhã, p. 3, 10/09/00)

Para Adail Inglês, o Partido Trabalhista representaria uma barreira para o desenvolvimento do capitalismo, na cidade de Ponta Grossa. A visão liberal do colunista representa o PT como o problema da campanha do candidato Péricles de Holleben Melo, que segundo o colunista é devido ao possível atrelamento do partido a ideologia comunista.

No dia 13 de setembro, o colunista faz uma análise daquele momento eleitoral, tentando adivinhar um possível cenário futuro da eleição para seu leitor:

"O cenário polarizado"

"A campanha eleitoral pode ser resumida nas candidaturas do prefeito Jocelito Canto, pelo PSDB, e Péricles de Holleben Melo, pelo PT, com todo o respeito que merece a candidatura de Carlos Tavarnaro e das demais outras candidaturas... Com isso o eleitor se encaminha para um dos dois lados, e não, por preferencia, mas sim por eliminação. O novo eleitor de Jocelito vai votar nele não por não desejar a vitória de Péricles, mais pelo fato do deputado pertencer ao PT". (Diário da Manhã, p. 3, 13/09/00)

Esse cenário descrito como polarizado entre Jocelito Canto e Péricles de Holleben Melo, aparece em seu discurso como uma condição dada e acabada, não como hipotético e de probabilidade, condicionando ao leitor apenas algumas possibilidades de voto. Essa disputa entre os dois é reforçada na coluna do dia seguinte:

"O momento final"

"A campanha eleitoral, em Ponta Grossa, está resumida aos candidatos Jocelito e Péricles. Os demais a rigor não participam da eleição, ainda que façam parte da campanha". (Diário da Manhã, p. 3, 14/09/00)

No dia 17 de setembro, a coluna nos revela o que seria a imagem do processo eleitoral em sua reta final, uma representação que demonstra as significações pensadas e utilizadas na campanha política em um determinado momento:

"O momento da campanha morna, do embalo dos sonhos, do beijo na criança, já passou. Agora a campanha entra na sua reta de chegada. Na verdade a campanha entra na sua hora de verdade, porque com os ânimos exaltados pela proximidade do pleito, a artilharia guardada, ao longo de toda a campanha e mesmo antes dela, pode ser usada de um momento para outro. Aliás, será usada, porque em uma guerra, ninguém guarda munição para lembrança. Munição é para ser usada, mesmo durante o combate". (Diário da Manhã, p. 3, 17/09/00)

No dia 19 de setembro, Adail Inglês também faz uma reflexão sobre seu posicionamento para o leitor:

“Até aqui, procuramos acompanhar o processo eleitoral, senão com isenção total, ao menos distante da parcialidade explicita. Sobre os candidatos fizemos considerações favoráveis, sem nos interessar a busca mais profunda sobre erros e defeitos, deste ou daquele candidato, ou daquele outro ainda. Empenhamo-nos para nos manter nos limites dos fatos, proporcionados pela própria campanha, pelo entendimento, pela relevância desses fatos para a opinião pública e para o eleitorado”. (Diário da Manhã, p. 3, 19/09/00)

Nesse momento, o colunista revela sua preocupação em tornar sua coluna isenta de posicionamento político, criando ao leitor uma sensação de verdade em seu discurso. Isso ocorreu devido ao candidato Péricles ter pedido direito de resposta sobre as publicações feitas no dia 10 de setembro, sobre o PT, como na publicação abaixo:

“Na quinta-feira fomos citados em representação judicial, por conta do candidato do PT, o deputado Péricles de Holleben Mello e de seu partido, reivindicando na Justiça Eleitoral um direito a resposta, nesse espaço por se considerarem ofendidos com o que dissemos no domingo dia 10, quanto a determinadas posturas do PT e a sabidos posicionamentos do candidato do PT. Não seria demais repetir aqui a estranheza pelo desaparecimento das bandeiras vermelhas do PT, na campanha do PT. Em 1996, as bandeiras vermelhas foram substituídas por bandeiras brancas, neste ano agora aparecem bandeiras azuis”. (Diário da Manhã, p. 3, 19/09/00)

Prosseguindo em sua linha de representações sobre o PT, Adail Inglês no dia 20 de setembro, retorna a relacionar o partido a determinadas significações:

“O fantasma do PT”

“O PT é o partido que assusta o espírito da comunidade pontagrossense, pelas suas propostas e pelo sabido apoio que esse partido empresta a movimentos grevistas e de invasões de propriedades”. (Diário da Manhã, p. 3, 20/09/00)

Como visto, a imagem do partido de Péricles de Holleben Mello é constantemente constituída para o leitor a invasões de terra, o que torna sua representação determinada nas páginas do DM como o partido da invasão da propriedade privada e consequentemente seu candidato.

Nessa ligação entre o PT e Péricles de Holleben Mello, faz-se nas colunas de Adail Inglês como uma forma quase que denunciativa, como na publicação abaixo:

"E a corrida das circunstâncias, nem é tanto entre Jocelito e Péricles, mas sim, entre Jocelito e o candidato do PT. Em 1996 já foi assim, e agora, quatro anos depois parece ter a repetição do mesmo fenômeno". (Diário da Manhã, p. 3, 22/09/00)

Com a constituição da imagem do PT já cristalizada nas colunas, o que faltava ao colunista era intensificar a relação entre essas significações atribuídas ao partido à imagem de Péricles.

E assim, no dia 23 de setembro, Adail Inglês reforça sua visão estereotipada do partido e atribui a ele a forma do andamento da disputa eleitoral, que Jocelito Canto aparece na frente:

"A campanha de Jocelito Canto parece estar vivendo um momento impressionante de adesão e crescimento. De um lado, pelos feitos de seu governo, e de outro, pela rejeição explícita ao PT, de parte de significativos segmentos da comunidade que resolveram se mobilizar, por desejarem, como afirmam que a cidade continue nesse ritmo de crescimento e paz social". (Diário da Manhã, p. 3, 23/09/00)

Ao que tudo indica, o colunista potencializa ao leitor a insegurança que terá ao votar no candidato Péricles de Holleben Mello, pois sendo do PT, ele traria desordem e atraso para a cidade.

No dia 24 de setembro, a coluna retorna com o assunto já colocado anteriormente, no qual o PT e o candidato Péricles entraram com um processo na justiça contra o jornal Diário da Manhã. Passado isso, Adail Inglês publica em sua coluna o resultado do ocorrido. Nela percebemos as relações de poder, entre o campo político, o jornalístico e o judiciário:

"O processo Judiciário"

"Na quinta tivemos a sentença do juiz Fernando César Zeni. Sentença que merece ser vista como um laurel ao direito de escrever, ao direito de opinar, ao direito de criticar, ao direito do uso de liberdade de imprensa, de que tanto falam o PT e seu candidato, nas retóricas que pronunciam, mas que não aceitam quando a liberdade de imprensa parece não lhes favorecer". (Diário da Manhã, p. 3, 24/09/00)

Adail nesse momento posiciona o seu discurso inserido na premissa de que tudo que ele escreve na coluna está embasado no direito da "liberdade de opinião", mas esquece de que por vezes sua narrativa é construída sobre o efeito da verdade factual, não de sua opinião particular. E segue:

"Liberdade e Opinião"

"Disse, entre outras considerações, o culto magistrado, em sua sentença: 'Assim, de fácil conclusão que a coluna na qual foram veiculados os comentários tidos como ofensivos, tem respaldo em ampla divulgação feita pela imprensa, em outros periódicos, em datas pretéritas, não se tratando de invenção por parte do colunista, o qual está agindo dentro de sua liberdade de expressão, e dentro dessa liberdade inclui o direito de manifestação com o apoio em provas exaustivas que foram acostadas aos atos'". (Diário da Manhã, p. 3, 24/09/00)

O campo jurídico legitima a posição de Adail Inglês, baseado no direito de opinião do jornalista e também em sua utilização de provas que embasam o seu discurso. Mais a frente, ele continua a reproduzir o parecer do juiz:

"Legitimação"

"Como bem colocado no parecer ministerial, não houve desrespeito aos limites admitidos pela lei, porquanto não foi ofensivo o comentário que, historicamente, o crítico teve em que se basear e chega até mesmo a ser de sua parte, comunicar a todos a postura passada e presente do partido e do candidato, sob pena de ser instituída uma democracia que o dever de formação é ponto chave para que o cidadão aprenda a votar". (Diário da Manhã, p. 3, 24/09/00)

Segundo o campo jurídico, é a função de o colunista formar a opinião dos leitores sobre a politica, pois segundo ele, essa é uma prática democrática e legítima. Faz-se importante perceber aqui, que o juiz entendeu que o colunista do DM articulou seu discurso baseando-se na hipótese de uma verdade histórica dos fatos relacionados ao Partido Trabalhista, ou seja, não é mais uma opinião sobre os acontecimentos no passado, é a realidade trazida até a coluna por Adail Inglês.

Com o término da eleição e a vitória de Péricles de Holleben Mello, Adail Inglês publicava em sua coluna:

"O medo do PT"

"A sociedade conservadora, seguramente a mais conservadora do Estado, perdeu o medo no PT... O povo do bairro quis mudar, e mudar sem medo. Com o PT e seus partidos aliados. É um novo capítulo a ser escrito na cidade mais conservadora do Estado". (Diário da Manhã, p. 3, 02/10/00)

Como visto, a vitória de Péricles de Holleben Mello foi uma surpresa desagradável para o colunista, pois em grande parte de suas colunas, Jocelito Canto é quem estava na frente nas pesquisas, e era o político ideal para continuar como prefeito, segundo Adail Inglês, mas por fim, deu outro resultado, algo que o colunista atribui a um rompimento com os valores conservadores da população, do qual ele também fazia parte.

Considerações Finais

Ao nos confrontarmos com as colunas políticas como objeto principal de nossa análise, percebemos que suas representações nos revelaram dois movimentos macro de análise, que imbricados nos ofereceram a possibilidade de reconhecer imagens da realidade em disputa, manifestada/construída por meio das colunas e seus atores.

O primeiro diz respeito a pensar as implicações jornalísticas, a partir das colunas, como forma de representação dos cenários políticos. As colunas foram

pensadas como objetos de percepção e transformação/permanência do imaginário jornalístico, sendo compreendidos como produtos sintomáticos desses períodos. Elas foram analisadas em suas transformações discursivas, maneiras de organizar e construir a notícia política, de certa maneira, estando vinculada a própria configuração do jornalismo político daquele momento.

O segundo macro movimento de análise procurou entender a realidade eleitoral e seus desdobramentos, considerando a realidade política em cada momento analisado.

Sendo assim, no processo eleitoral de 1992 percebemos que as colunas do *Jornal da Manhã* e do *Diário da Manhã* concentraram suas representações no sentido de entender e criticar o meio de apresentação das propostas políticas no horário eleitoral gratuito, ou seja, seus programas televisionados e produzidos em estúdios.

O imaginário jornalístico construiu significações que apontavam a nova forma de publicização como um mecanismo de poder, na qual os políticos que dispunham de um maior capital econômico poderiam se utilizar desse mecanismo, para conquistar eleitores, por meio dos recursos técnicos que essa produção lhes proporcionava.

Como consequência disso, observamos que o discurso dessas colunas não estava mais voltado apenas para avaliar o cotidiano dos políticos, mas sim, no modo como eles se utilizavam dessa ferramenta em favor de suas candidaturas, suas interpretações frente às câmeras, formas de comportamento, discursos utilizados dentro de seus horários eleitorais, eram tidos como aspectos relevantes para a análise do colunista.

O horário político televisivo, em 1992, foi compreendido dentro das colunas como o espaço por excelência da espetacularização política, esses programas eram tratados como os principais mecanismos da propaganda política, agora não bastava mais exercer as tradicionais práticas de campanha, baseadas no “corpo a corpo” ou em comícios.

Com relação ao posicionamento político das colunas do JM, o candidato que mais recebeu críticas negativas nelas foi Paulo Cunha Nascimento, cogitado pelas pesquisas como um dos favoritos a ganhar a eleição daquele momento.

Essas representações das colunas também revelaram as disputas de preservação dos interesses da elite local, que estavam centradas entre os

candidatos Paulo Cunha do grupo do executivo ruralista e Djalma de Almeida César da aristocracia do governo paranaense.

Sobre as colunas do Diário da Manhã, notou-se que elas também concentraram suas publicações nas propagandas televisivas e suas manifestações estavam mais focadas no comportamento político e nos discursos emitidos pelos dois candidatos favoritos a prefeito, Paulo Cunha Nascimento e Plauto Miro Guimarães Filho.

A coluna também demonstrou certa vontade de operar seu discurso de modo a não demonstrar claramente seu apego a Adail Inglês, que como visto, também era candidato a prefeito.

Porém, em determinados dias, ela produziu discursos de modo a divulgar Adail Inglês e Roque Zimmerman como as duas grandes promessas da política local. Segundo a coluna (p.3, 1992): “eram os novos nomes do cenário político, e também eram destituídos dos vícios políticos” que acompanhavam os dois outros candidatos, Paulo Cunha e Plauto Miró Guimarães, ou seja, a estratégia da coluna era demonstrar a partir de alguns indicadores, que os dois candidatos, em especial Adail Inglês era a grande mudança positiva para a política local e desqualificando as candidaturas tidas como tradicionais do campo político.

Na eleição de 1996, revela-se uma mudança de discurso operada nas colunas políticas, em especial do Jornal da Manhã, nas quais elas incorporam estratégias narrativas que buscam minimizar a posição opinativa dos colunistas, que se faz importante ressaltar aqui, não tinham formação no ofício do colunismo, pois grande parte deles atuavam como repórteres, prioritariamente.

Essa postura pode ser resultado, em tese, entre outras coisas, da influência acadêmica, baseada nos cânones do jornalismo moderno, que defendiam textos mais objetivos e informativos, em detrimento da opinião e da interpretação. Diferentemente da eleição de 1992, quando a coluna criticava, posicionava-se, denunciava.

A produção da coluna nesse momento era feita em uma forma de rodízio, que quem a ocupava era o jornalista que produzia a matéria da vez. A coluna não personificava o discurso em torno de um colunista, pois não sendo assinada, era tratada como mais um lugar de informação política dentro do jornal, diferentemente do Diário da Manhã, no qual a coluna tinha uma atenção especial. Soma-se a isto, o

fato de que as colunas, produzidas em forma de rodízio pelos jornalistas, não tinham um redator de ofício, diluindo a produção em vários redatores.

No *Diário da Manhã*, o colunista Adail Inglês retorna a escrever sua coluna, que em 1992 estava a cargo de Vanessa Zappia. A coluna, como de praxe, trouxe em suas publicações a concepção clássica de colunismo, ou seja, a informação sendo tensionada e direcionada pela opinião de Adail Inglês. Nesse momento, o colunista apoia Plauto Miró Guimarães Filho e articula uma narrativa a engrandecer o candidato, a criar e reproduzir estereótipos aos demais concorrentes diretos dele.

Já no período de 1996, esse cenário configurado pela disputa entre a aristocracia ruralista e as forças do governo é relativamente ampliado, surgindo uma terceira via representada pelo radialista Jocelito Canto e pelo professor Péricles de Holeben Mello.

Jocelito Canto surge neste contexto de disputa à prefeitura, apoiado por Djalma de Almeida Cesar e Pedro Wosgrau, assumindo uma postura ligada às camadas mais populares da cidade.

Então, as colunas do *Diário da Manhã,* como indicado anteriormente, apontaram Jocelito Canto como a grande “novidade” na política e Péricles de Holeben Mello o “candidato do apelo sentimental”, ambos estariam enquadrados no que o colunista entenderia por “passionalismo” e a “emoção do momento”, restando ao leitor a “prudência e a responsabilidade” no voto a Plauto Miró Guimarães Filho.

Através disso, pudemos concluir que, nas representações do *Diário da Manhã* e *Jornal da Manhã* das eleições de 1996, alternaram-se sensivelmente em seus posicionamentos políticos, tornando-se quase homogêneos.

O *Jornal da Manhã* elegeu o candidato Jocelito Canto como representante de seus ideais políticos, ligando-o seu imaginário às simbologias como “messias”, “o prefeito brilhante”, “candidato do progresso, da paz social”, excluindo a imagem dos demais políticos.

Já o discurso das colunas do jornal *Diário da Manhã,* em alguns momentos, aderiu a críticas positivas apenas a Plauto Miró Guimarães, utilizando uma argumentação específica para criticar paulatinamente Jocelito Canto, que em um determinado momento estava ameaçando o principal candidato de Adail Inglês, que era Plauto Miro Guimarães.

Com o decorrer do processo eleitoral, Plauto Miro Guimarães foi perdendo força, demonstrado pelas pesquisas de intenção de voto e o discurso de apoio do

Diário da Manhã foi se transferindo para Jocelito Canto, que no final saíra vencedor da eleição de 1996.

As representações construídas nesse segundo momento, pela coluna *Opinião* sobre Jocelito Canto, formaram a imagem de um “herói forasteiro”, que viria renovar a política local, conservadora e clientelista. Levando-a nesse sentido, para um caminho melhor, do progresso. A imagem de Jocelito Canto esteve intimamente ligada a símbolos mistificadores de heroísmo, grandeza, triunfo e prestígio.

Já na eleição de 2000, a prática populista apontada nos jornais como a causa da vitória de Jocelito Canto nas eleições de 1996, entrava em desgaste. Alguns setores da elite que o apoiaram na candidatura de 1996, recuaram. Chegava ao fim a era Jocelito Canto na prefeitura.

Como já apontando, nessa eleição a aristocracia ruralista local, percebendo que seu candidato Tavarnaro não se consolidava na intenção de voto, migra seu apoio para Péricles de Holeben Mello, na tentativa de derrotar Jocelito Canto, que estava desagradando os interesses desse grupo. Péricles de Holleben Mello nesse momento já acumulava um capital político forte, pois chegou a segundo colocado nas eleições anteriores, obtendo cerca de 41 mil votos.

No campo jornalístico tivemos como novidade a reabertura do *Jornal Diário dos Campos* em 1999, com isso Eloir Rodrigues retornava ao jornal em Ponta Grossa e assumia a sua direção, organizando uma maior abertura editorial, objetivando a pluralidade das opiniões nas matérias.

Fazia-se presente em seus conteúdos aumento da presença da técnica jornalística, baseado em um acúmulo teórico orientado pelo pensamento comunicacional contemporâneo.

Pudemos perceber que essa reabertura do *Diário dos Campos* em 1999, marcaria a passagem de um modelo do jornalismo local, sobretudo de um aspecto que o personalismo e as relações de clientelismo determinavam os direcionamentos da notícia, principalmente política.

Era um momento que marcaria o campo jornalístico pela ruptura desse modelo que beirava o amadorismo, para um modelo de ampliação profissional, que buscava alinhar suas produções ao estilo dos jornais maiores, baseando sua gestão em relações econômicas e não políticas.

Sendo assim, nas representações da coluna DC, notou-se que ela procurava descrever os fatos do campo político, sem demonstrar claramente se estava

apoiando ou criticando as práticas e estratégias dos candidatos; sua posição ainda revelou-se na tentativa de divulgar os fatos ao leitor, sem julgá-los, mesmo que em determinados momentos ela se revele especulativa.

Pudemos notar que a coluna não buscava revelar fatos de natureza verdadeira, comprovável, e sim procurou levar ao texto, fatos de natureza hipotética, de “rumores”, que poderiam ser produzidos por fontes indeterminadas.

Dessa forma, a coluna DC constituiu uma narrativa híbrida que procurava apenas relatar os acontecimentos políticos do processo eleitoral, ocultando a opinião do colunista e seu posicionamento político. Por outro lado, revelava-se especulativa, demonstrando valores sobre os fatos ocorridos, forma muito semelhante a da coluna do *Jornal da Manhã*.

Já o *Jornal da Manhã,* foi nessa eleição amplamente opinativo e tornou-se o espaço para manifestação crítica e objetiva ao campo político, não apenas um lugar de divulgação de informações, como em 1996. Porém, no decorrer dos dias, ele foi gradativamente transformando o seu discurso na fórmula: mais informação e menos opinião, sobre o debate e as propagandas políticas televisivas.

O que nos leva a crer que a coluna necessariamente não precisava determinar uma forma de discurso, mas sim, produzia um espaço de liberdade, no qual o colunista podia mesclar opinião, informação e especulação, sem necessariamente manter uma linha.

O *Diário da Manhã* trouxe em sua coluna durante as três eleições as características do colunismo tradicional, ou seja, ela articulou sobre os fatos sua opinião e também centralizou o discurso em torno de seu colunista Adail Inglês.

Essa opinião em grande parte do tempo constitui-se em uma narrativa que procurava legitimar sua opinião política por meio de uma construção histórica interessada. O colunista também revelou sua preocupação em tornar sua coluna isenta de posicionamento político, criando ao leitor uma sensação de verdade em seu discurso.

Outra estratégia narrativa utilizada por Adail Inglês na eleição de 2000 é referente a sua criação de símbolos em torno do Partido dos Trabalhadores (PT), do candidato Péricles de Holleben Mello. Nesse momento, no imaginário do colunista, o PT ocupa um lugar de destaque em relação aos outros partidos, destaque esse relacionado às representações construídas por outros segmentos da mídia, de que o

partido sempre esteve vinculado, como as bandeiras vermelhas, o comunismo, os Sem Terra e a invasão da propriedade privada.

Ao que tudo indica, o colunista potencializou ao leitor a insegurança que teria ao votar no candidato Péricles de Holleben Mello, pois sendo do PT, ele traria desordem e atraso para a cidade ideal do colunista.

Por fim, as análises feitas no *Jornal da Manhã* e no *Diário dos Campos,* em 2000, reforçam a perspectiva de que esses dois veículos buscaram afirmar-se na cidade como jornais independentes, imparciais e de feição democrática. Nesse período, não procuraram demonstrar vinculações partidárias tão evidentes como ocorreu em 1996.

O jornalista Adail Inglês foi o personagem mais emblemático da pesquisa, e o que melhor representou a utilização do jornal como instrumento de combate político e ideológico. As construções simbólicas de suas narrativas contribuíram para entendermos aspectos do imaginário social político desses períodos.

No decorrer da pesquisa, as disputas eleitorais em Ponta Grossa representadas nas colunas dos jornais, revelaram-nos as transformações e as permanências de ambos os campos, jornalístico e político.

Compreender o movimento discursivo dessas colunas é não somente reconhecer o processo de disputa manifestada/construída através das colunas e seus atores, mas sim, tocar em uma parte do imaginário social que as constituiu. Procuramos então, pensá-las como uma materialidade que também movimentou a constituição desse imaginário, ou seja, as colunas transformaram-se no decorrer da pesquisa em palco e sujeito das relações de poder desse processo político e jornalístico.

Textos lidos, negados, aceitos, ressignificados por seus leitores e que representaram a formação de um imaginário político jornalístico da cidade de Ponta Grossa, no período de 1990 a 2000.

Entretanto, no desdobrar da pesquisa, surgiram algumas questões, que despertaram o desejo de uma pesquisa futura, vejamos então como elas apareceram.

Como apontado, nosso objetivo principal não foi traçar o perfil dos colunistas, sujeitos que produziram essas colunas, mas sim suas representações nas colunas. Contudo, esse esforço de investigação, que ocorreu na pesquisa de maneira

secundária, mereceria uma maior atenção e produziria uma aproximação mais sistematizada desses atores com seus discursos.

Outro ponto que mereceria maior contemplação estaria ligado à análise da visão dos políticos envolvidos nas eleições em questão, quais eram suas relações com os jornalistas, em especial com os colunistas? Como foi a entrada da propaganda eleitoral via televisão em suas campanhas? É possível compreendermos com maior clareza o campo político em Ponta Grossa, nesse período, pela memória desses sujeitos?

Essas inquietações podem desdobrar-se em um novo estudo, que contribuiria para os esforços de várias outras pesquisas que se debruçam sobre as nuances da realidade política e midiática na cidade de Ponta Grossa.

Referência das fontes

INGLÊS, Adail. Coluna Opinião. **Jornal Diário da Manhã**, Ponta Grossa, 1992, p. 3.

INGLÊS, Adail. Coluna Opinião. **Jornal Diário da Manhã**, Ponta Grossa, 1996, p. 3.

INGLÊS, Adail. Coluna Opinião. **Jornal Diário da Manhã**, Ponta Grossa, 2000, p. 3.

Sem autor. Coluna Diário dos Campos. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 2000, p. 03A.

Sem autor. Coluna TV Mídia. **Jornal da Manhã**, Ponta Grossa, 1992, p. A-3.

Sem autor. Coluna Expressões. **Jornal da Manhã**, Ponta Grossa, 1992, p. A-3.

Sem autor. Coluna Expressões. **Jornal da Manhã**, Ponta Grossa, 1996, p. A-3.

Sem autor. Coluna Expressões. **Jornal da Manhã**, Ponta Grossa, 2000, p. A-3.

Referências

ALMEIDA, Eliza. In: **O Brasil**: **Território e Sociedade no inicio do século XXI**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ABREU, Alzira Alvez de. **Mídia e Política no Brasil**: Jornalismo e Ficção. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ALMEIDA, Jorge. Mídia, Opinião Pública ativa e Esfera Pública democrática. In: GT Comunicación, Médios de Difusión y Política, 1998. **IV Congreso Latinoamericano de Ciências de la Comunicación (IV ALAIC)**. Disponivel em: www.eca.usp.br/associa/alaic/Congreso1999/.../**Jorge**%20**Almeida**.rtf. Acessado em: 25/08/2011.

ALMOND,G; VERBA,S. **A cultura cívica**: Atitudes políticas e a democracia em cinco países. Priceton: Universidade de Princeton, 1963.

Avritzer, Leornardo. Teoria Crítica, Democracia e Esfera Pública: Concepções e Usos na América Látina. **Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, vol. 47, n. 4, 2004.

AZEVEDO, Fernando Antonio. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Opinião Pública**, Campinas, vol.12, n.1, 2006.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia EINAUDI.** Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, v.1, 1984.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. 4. ed, São Paulo: Editora Ática, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BALANDIER, Georges. **O poder em Cena**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

BECKER. Maria Lúcia. Sociedade civil, esfera pública e mídia: confrontos e convergências entre diferentes concepções. In: Danuta E. Cantoia Luiz. (Org). **Sociedade Civil e Democracia: expressões contemporâneas**. 1. ed. São Paulo: Veras Editora, v.1, p. 87-108, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BOURDIEU, Pierre. ***Sobre a televisão***. Rio de Janeiro: Jorge. Zahar Editor, 1997.

BRONOSKY, Marcelo Engel. **Manuais de redação e jornalistas: estratégias de apropriação.** Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

BUCHOLDZ, Alessandra Perrichelli. **Diario dos Campos**: **memórias de um jornal centenário**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

CARVALHO, José Murilo. **Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual**. Rio de Janeiro, v.40, n.2, 1997. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000200003&script=sci_arttext > Acessado em: 15/09/2011.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginaria da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CERVI, Urizzi, Emerson. (Org). **Eleições e mídia local: desvendando a democracia de massa em disputas municipais.** In: Estratégias de Visibilidade nas eleições de 2006. Ponta Grossa: Todapalavra, 2010.

CERVI, Emerson U. **Radio e renovação politica em eleições majoritárias**: As vitórias eleitorais de prefeitos radialistas em Londrina e Ponta Grossa. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia – Setor de Ciências Humanas Letras e Artes) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2002.

CHARTIER, Roger. O Mundo como representação**. Revista Annales**. n. 6, p. 1505-1520, nov./dez. 1989.

CHAUÍ, M. **Público, privado, despotismo**. In: NOVAES, A. (Org.) Ética. São Paulo: Companhia das Letras,1992.

CHAVES, Niltonci. **A cidade civilizada: Discursos e Representações Sociais no Jornal Diário dos Campos** – Década de 1930. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

CODATO, Evandir. Personalismo Político nos Anos 50. **Revista de Historia Regional.** Ponta Grossa, PR, v. 7, n. 1, p. 9-45, 2002. Disponível em: < http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2141/1622 p. 19 > Acessado em: 12/07/2011.

COELHO, Andrea; SILVA, Anette. **Diário Carioca: O máximo de jornal no mínimo de espaço**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003.

CRUVINEL, Tereza. In: SEABRA e SOUZA, (Org.). **Jornalismo Político: teoria, história e técnicas**. Rio de Janeio: Record, 2006.

DE FARIA CRUZ, Heloísa. **São Paulo em Papel e Tinta**: periodismo e vida urbana-1890-1915. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000.

DURIGUETO, Maria Lúcia, **Sociedade Civil e Democracia: um debate necessário**. São Paulo: Cortez, 2007.

ESTEVES, Pissara João. **A Ética da Comunicação e os Media Modernos**. Legitimidade e Poder nas Sociedades Complexas. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 2003.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder: formação do patronato brasileiro.** Ed. Globo, 2001.

FAUSTO NETO, Antonio. **Lula Presidente: Televisão e Política na Campanha Eleitoral**. São Paulo: Hacker, São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003.

FRANZMANN SCHUSTER. Marco Antonio. **Do Raio X a página 10: uma historia do colunismo político gaúcho.** p. 124. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/356/287> Acessado em: 13/06/2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Nova Iorque, 1971.

GADINI. Sérgio Luiz. **Mídia, Historia e Memória dos Campos Gerais do Paraná – Breve analise histórica do jornalismo impresso da cidade de Ponta Grossa.** Texto (Pesquisa, em andamento, vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) da Universidade Estadual de Ponta Grossa), Ponta Grossa, Paraná, 2012.

GUERRA, Josenildo Luiz. **O percurso Interpretativo na Produção da Notícia**. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e Mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria da Ação Comunicativa**. Madri: Taurus, 1987.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e Intereresse**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HOLLEBEN MELLO DITZEL. Carmencita de. **Manifestações Autoritárias**: O integralismo nos Campos Gerais 1932-1955. Tese (Doutorado do programa de pós-graduação em historia da UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, 2004.

HOLLEBEN MELLO DITZEL. Carmencita de. **Manifestações Autoritárias**: O integralismo nos Campos Gerais 1932-1955. Tese (Doutorado do programa de pós-graduação emhistoria da UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, 2005.

INGLÊS, Adail. Ponta Grossa, 07 jun. 2011. Entrevista concedida a Marcelo Puzio.

LATTMAN WELTMAN, Fernando. **Momento de Decisão**: os anos de 1970 e a mídia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FGV/ALERJ, 2001.

LUSTOSA, Elias. **O texto da notícia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

MACEDO, Neomil. Ponta Grossa, 15 nov. 2011. Entrevista concedida a Marcelo Puzio.

MAIA. C.M. Rousiley. **Democracia e a internet como esfera pública virtual: aproximando as condições do discurso e da deliberação.** Disponível em: <http://vsites.unb.br/fac/comunicacaoepolitica/Rousiley2001.pdf> Acessado em: 11/10/2011.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e o campo religioso**. São Paulo: Paulus, 2003.

MAROCCO, Beatriz. **Prostitutas, Jogadores, Pobres e Vagabundos no Discurso Jornalístico**. São Leopoldo: Editora UNISINUS, 2004.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo**. Campos de Jordão: Editora Mantiqueira, 2002.

MELO, José Marques de. **A opinião do jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes. 1985.

MELO, José Marques de. **Sociologia da imprensa Brasileira**. Petropolis: Vozes, 1973.

MOTA, Luis Gonzaga. COSTA, Gustavo Borge. LIMA, Jorge Augusto. **Noticia e construção de sentidos: analise da narrativa jornalística**. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/868/650> Acessado em: 22/12/2011.

ORLANDI. Eni P. **Análise de Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano-Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social.** Rio de Janeiro: FGV, 2000.

PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) **Fontes Históricas**. DE LUCA: Historia dos, nos e por meio dos periódicos. São Paulo: Contexto, 2005.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias – Linhas de Analise do discurso jornalístico**. Florianópolis: Insular, 2005.

PORTANOVA, Ana Taís. **Sob o Nome de Real, Imaginários no Jornalismo e no cotidiano.** Tese (Doutorado, defendida junto ao núcleo de Epistemologia do Jornalismo, na ECA/USP), São Paulo, 2003.

PORTANOVA, Ana Taís. **O iconoclasmo no Jornalismo.** Texto (Produzido a partir da tese de doutoramento). Disponível em: <http://www.imaginalis.pro.br/cms/arquivos/1245767259.pdf> Acessado em: 02/09/2011.

RODRIGUES. Adriano Duarte. **Experiência, Modernidade e o Campo dos Media.** Universidade Nova de Lisboa, p.16. 1999. Disponível em: < http://bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-expcampmedia.pdf> Acessado em: 10/02/2011.

RODRIGUES. Adriano Duarte. **O Jornal da Forma ao Sentido**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação**. 2.ed. Lisboa: Presença, 1997.

RODRIGUES, Adriano. **Processos Cognitivos e Estratégias da comunicação**. Disponível em: <http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/interaccao/processos_cognitivos.pdf > Acessado em: 04/11/2011.

RODRIGUES, Eloir. Ponta Grossa, 20 set. 2011. Entrevista concedida a Marcelo Puzio.

RODRIGUES, Lylian. **Alfabetização midiatica na era da informação: Escola como espaço de reflexão sobre o campo dos media.** Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/6/68/GT6_-_011.pdf> Acessado em: 05/06/2011.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único á consciência universal. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS, Milton. **O Brasil**: **território e sociedade no inicio do século XXI**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SERRANO, Estrela. **Jornalismo e Elites do Poder**. Artigo publicado na Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, 2003. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/272/157> Acessado em: 20/09/2011.

SEABRA, Roberto; SOUZA, Vivaldo. (org.) **Jornalismo Político: teoria, história e técnicas**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SHIMANSKI, Elisabete Fernanda. **Ponta Grossa-PR Conservadora e Tradicionalista**: Representação social, mito ou realidade e seus rebatimentos no cotidiano local. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa), Ponta Grossa, Paraná, 2007.

SOUZA, Rogério Martins de. **Colunismo e Redemocratização: das colunas sociais as notas informativas e políticas**. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispress/SOUZA_rogerio.pdf> Acessado em: 10/04/2011

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Porque as noticias são como são**. p. 203, Florianópolis: Editora Insular, 2004.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes,1998.

WOITOWICZ, Karina J. Disputas de Poder no Campo Mídiatico: Jogos e estratégias de ação política. In: **Eleições Mídiaticas**.

ZANCHETTA, Juvenal. **Imprensa escrita e telejornal**. São Paulo: UNESP, 2004.

Sites consultados:

www.tre-pr.jus.br/

Tabela temporal das colunas analisadas nos respectivos Jornais:

Eleições	**Jornal da Manhã**	**Diário da Manhã**	**Diário dos Campos**
1992	TV Mídia/ Expressões	Opinião	Xxxxxxxxxxxx
1996	Expressões	Opinião	Xxxxxxxxxxxx
2000	Expressões	Opinião	Coluna DC